ENCADERNAÇÃO
Natale Salatêo
Ponte Preta
RUA CASTELLI, 58
CAMPINAS
Telephone. 2-1-6
e DOURAÇÃO
Confeccionam-se Pastas

PARNASO SERGIPANO

Colligido e prefaciado

POR

Sylvio Roméro

ARACAJU'
TYP' DO "O ESTADO DE SERGIPE"
1899

PARNASO SERGIPANO

Os Poetas Sergipanos

I

Esquecido ou ludibriado pelas grandes provincias, as quaes, por dispôrem da brutalidade numerica dos votos no Parlamento, e, conseguintemente, fazerem a politica brasileira a seu talante, nutriam a doce illusão de ser os guias de nossa vida espiritual, o pequeno Sergipe nunca foi bem comprehendido e menos devidamente acatado.

Assim era durante o imperio, que, como força de concentração, se mostrou muito mais poderoso do que a republica actual, e mais ainda tem sido e continuará a sêl-o sob o regimen vigente, cuja acção despersiva é soffrivelmente notavel.

Mas, a injustiça é palmar ; porquanto, se neste paiz ha região digna de apreço pelo seu valor intrinseco, é a terra sergipense, e se d'entre nossas gentes algumas se deixam notar pela vivacidade da intelligencia, os sergipanos figuram entre ellas por direito de conquista. Sendo incontestavelmente uma das regiões mais povoadas do Brasil, foi sempre theatro de uma vida politica e espiritual muito intensa. Apertado entre a Bahia e Pernambuco durante os tempos coloniaes, recebendo o impulso de ambos os lados, Sergipe veio a faser uma especie de refugio, de região neutra, onde abastados zendeiros se vieram collocar, aproveitando os uberrimos terrenos estendidos do São Francisco ao Rio Real.

Bem cêdo São Christovam, a bella cidade fundada no seculo XVI, tornou-se um nucleo apreciavel pelo gosto e pela cultura. Varias ordens religiosas erigiram alli magnificos conventos, crearam aulas de humanidades, e, no tempo do imperio, um funccionalismo e uma magistratura notaveis conservaram bem vivaces as fontes da intelligencia. Varias outras cidades e villas, como Estancia, Laranjeiras, Maroim, Lagarto, Itabayana, e mais tarde, Aracajú foram. por seu turno, pontos consideraveis de expansão mental.

Dotados de genio musical e de genio lyrico, os sergipanos em todos os tempos deram bellas provas de talento e de optimas qualidades de espirito e de caracter. Na villa de Campos, desde fins do seculo passado o famoso *Philosopho da natureza* — Antonio Moniz de Souza, bis-avô de Tobias Barreto e parente do celebre repentista bahiano Francisco Moniz Barreto, entregou-se a curiosas viagens e investigações scientificas. No Lagarto, a illuminada intelligencia do padre José Alves Pitangueira figurava com brilho no fôro, na politica, no jornalismo e na cathedra de latinidade.

Em S. Chistovam,—frei Santa Cecilia, na musica, na poesia e no pulpito, revelava as brilhantes qualidades de um espirito de selecção, e o vigario Barrozo, na politica e na eloquencia, Braz Diniz, na latinidade não lhe ficavam atraz nas fulgurações do intellecto.

Na Estancia, Monsenhor Silveira, na politica, o padre Domingos Quirino de Souza, no magisterio, Marcello Santa Fé, na divina arte de Mozart, distinguiram-se por predicados eminentissimos.

Em todo o norte da provincia, basta lembrar o nome do dr. Manoel Joaquim Fernandes de Barros para dar a medida, toda a medida do estado das idéas o do valor espiritual dos sergipanos na primeira metade deste seculo.

Em Campos e, mais tarde, no Lagarto foi sempre um espirito digno de nota, no magisterio e no fôro, o talento omnimodo do professor Manoel Joaquim de Oliveira Campos, mestre de primeiras letras de Tobias Barreto, que foi tambem discipulo dos padres José Alves Pitangueira e Domingos Quirino de Souza e do maestro Marcello Santa Fé.

Mas, como já deixei insinuado, a musica e a poesia lyrica foram sempre o pasto mais apreciado da esthesia dos sergipanos. Na primeira, além dos citados Marcello e Santa Cecilia, os nomes de um Manoel Bahiense, de um Antonio Paes, de um João de Góes, de um Francisco Avelino, de um Tobias Magalhães, de um José da

Annunciação, de um Joaquim Honorio, são dignos de figurar entre os mais distinctos musicos da America do Sul.

Pelo que toca á poesia, o presente *Parnaso* é um documento ineuusso de seu alevantado merecimento. Figura ahi uma pleiade de poetas, alguns dos quaes são nomes hoje conhecidos e, mais ou menos, respeitados no Brasil inteiro.

Constantino Gomes, Bittencourt Sampaio, Tobias Barreto, Elzeario Pinto e João Ribeiro, são d'esse numero; figuram com justiça na galeria dos melhores poetas nacionaes. E outro tanto se poderia hojo dizer de um José Jorge de Siqueira, de um Pedro Moreira, de um Joaquim Fontes, de um Felinto do Nascimento, de um Joaquim do Prado, se as asperrimas peripecias do viver provinciano não os houveram segregados das condições da lucta indispensavel para firmar os grandes nomes, as largas e immorredouras famas.

N'este livro, que é um preito de saudade e reconhecimento á bella terra quo me foi berço e que tive a desventura de deixar, quando alli é que devêra ter ficado para soffrer, acham-se representadas producções de trinta vates sergipanos, trinta vozes que podem bem dar uma amostra de nossa alma de brasileiros crente e maviosa.

Difficuldades quasi insuperaveis deixaram em branco o logar que devia ser occupado pelos canticos de Santa Cecilia, Braz Diniz, Antonio Diniz Barretto, Eugenio Fontes, Garcia Rosa, Manoel Alves Machado, José Manoel Machado de Aranjo Filho, Leandro Sobral, Gratulino Coelho, Manoel Joaquim de Oliveira Campos, José Leandro Martins Soares, e muitos mais

Um dia espero supprir essa lastimavel lacuna, que em todo caso, outros mais felizes, preencherão sem grandes embaraços. Este livro foi feito aos poucos e no meio de multiplicados trabalhos.

As pessoas que houverem emprehendido obras d'este genero, poderão facilmente aquilatar dos tropeços a vencer.

Varios dos poetas contemplades não têm suas inspirações publicadas em volume.

Andam dispersos nos jornaes e revistas, ou, muitas vezes, desfiguradas em copias particulares.

Não raro as producções, que se conseguem obter não são as melhores dos respectivos auctores, nem as mas proprias para lhes definir o talento.

Casos ha em que de um excellente poeta, como é Pedro Moreira, de quem seria grato dar vinte ou trinta producções, obtem-se, como a mim me aconteceu, numero rezumidissimo, insufficiente, para par a medida certa do vôo da aguia. O que, de melhor deu elle á estampa, acha-se em ephemeros jornaes ou periodicos academicos da Bahia, de 1867 a 1873, e me não foi possivel obtel-o.

E' o caso de muitos outros.

II

N'este ponto e logar é bem claro que não posso discutir umas poucas de questões que seria facil suscitar.

Uma ha, porém, que vem de molde agora e não nos convem deixar no esquecimento:— Qual a razão da superioridade do bahiano na politica e sua inferioridade na poesia diante do sergipano?

E' bem possivel ou antes muito provavel o arreliamento do *Chauvinismo* bahiense ao ouvir fallar em sua inferioridade na poesia... Mas a critica existe para ser sincera e officiar sempre diante da verdade.

Basta até reflectir um pouco para vêr qne é mesmo assim: a capacidade politica anda o mais das vezes divorciada dos ardores das paixões, das phantasias da poesia. E, se preciso fosse lembrar um grande exemplo, bastaria recorrer ao de Roma, mestra emerita e inexcedivel na pratica das cousas juridicas e politicas, cuja mesquinha figura nas effusões da poesia é de vulgar noticia em face da exu-

berancia da India ou Grecia, por seu turno tão fracas nas cousas do Estado. Não é só isto: o talento oratorio, quasi sempre associado á intelligencia de certa classe de politicos, e muito commum entre bahianos, é, sabe-se bem hoje, incompativel com a verdadeira poesia, peculiarmente a poesia lyrica. E' por isso que a Bahia tão prodiga em talentos aptos para os negocios publicos, foi sempre tão incolôr e apagada nos dominios do lyrismo.

A terra de Cayrú, Rio Branco, Abrantes, Monserrate, Nabuco, Lacerda, Cotegipe, Jequitinhonha, São Lourenço, Fernandes, da Cunha, tem sido sempre, comparativamente, pobre de poetas, digo, de bons, de grandes poetas, que possam emparelhar com seus politicos e oradores.

Até hoje com justiça a Bahia tem possuido apenas quatro nomes notaveis na poesia: Gregorio de Mattos, Moniz Barreto, Castro Alves e Mello Moraes Filho. Mas d'este mesmo numero é mister em nome da divina arte no que ella tem de superior e immarcessivel, excluir os dois primeiros. Gregorio é mais um typo curioso do que um poeta. E' digno de nota como andarilho, fallador, maldizente, satyrico, brigão; é um homem que serve de documento de uma época, uma triste época da rude formação de nossa vida nacional.

Não foi uma alma de sonhador, ou de artista, um embriagado de ideal: longe d'isso. Moniz Barreto merece menção na historia litteraria pelo singular talento de repentista que realçava.

Foi neste sentido um phenomeno singularissimo; porem é só isto. Sua poesia, quando meditada e escripta, é de uma mediocridade, d'uma sovinaria de predicados de metter dó. Aspera e desenchabida, alastra-se tropego por paginas e paginas illegiveis.

O celebre improvisador com seus rançosos moldes classicos, fez, por seu prestigio de repentista, grande mal a poesia bahiana desviando-a do bom caminho.

Castro Alves, este sim, é um notavel poeta e o foi exactamente, precisamente reagindo contra pessimas tradições das musas de sua

terra, por se haver educado n'outras plagas. Seu lyrismo, quer nas bôas paginas sociaes, quer nas de subjectivismo passional, é amplo puro e grandioso.

Mello Moraes tem a imaginativa, o vago, o indeterminado de toda a bôa poesia; mas seu lyrismo é tudo quanto existe de mais avêsso ao sovado papaguear da poetica da sua patria, que o não tem apreciado na altura de seu merecimento. Inutil seria fallar em Junqueira Freire e Franklin Dorea, nomes de segunda ordem nas lettras nacionaes. Os outros não valem nada; são de quarta ou quinta categoria. Ninguem que possa emparelhar com os poetas mineiros, os maranhenses, os paulistas, os fluminenses, nem até os melhores de Sergipe.

Augusto de Mendonça, Plinio de Lima e Castro Rabello não derão o que promettiam; e Francisco Mangabeira é ainda apenas uma bella esperança. E' que o espectaculo e o interesse pelas cousas politicas, desde quatro seculos a esta parte, occuparam as forças vivas do bahiano.

Séde do governo brasileiro por mais de duzentos annos, continuou a ser á sua metropole ideal; á hegemonia politica sempre entre nós lhe pertenceu.

Alli é que o Estado nacional se foi formando aos poucos, a vida juridica amadurecendo lentamente, a ordem legal apaziguando os espiritos. Quando São Paulo, Rio de Janeiro, Recife não passavam em rigor de pequenos burgos sem grande importancia, já a Bahia dictava a regra a todos, nesta parte da America. Nem é mister fazer-se lembrar São Luiz, Belem, Villa Rica, Porto-Alegre, que só muito mais tarde é que surgiram para a vida politica.

Os negocios de Estado foram e são ainda agora a atmosphera em que respira desde o nascer o bahiano; su'alma faz-se n'aquello meio, aspira aquellas auras, toma aquelles sulcos e despede irrestivelmente aquella nota: a politica é o seu dominio eminente. E' por isso que tem tido bons jornalistas, grandes oradores, habeis diplomatas, notaveis estadistas e poetas mediocres, com excepção, é caso de repetir, de

Castro Alves cuja educação esthetica se formou no Recife, e Mello Moraes Filho que se fez no Rio de Janeiro.

Bem diverso é o caso da minha terra: offuscado pela grande provincia e hoje poderoso Estado, o pequenino Sergipe, não tem passado das acanhadas proporções de uma ignorada comarca de longinquos sertões.

Da politica a vida local permittiu-lhe apenas a *politiquice*. Intelligentes, porem, os sergipanos, almas fustigadas por alguma cousa de nobre elevado, o surto do espirito se lhes faz nas azas da poesia ou nas doces volatas da musica.

E' por que em Sergipe o proprio povo ama delirantemente estas duas artes.

Não existe no Brazil terra onde a lyra popular seja mais sonóra, o *folk-lore* mais rico, as festas plébeas mais animadas, as modinhas mais maviosas, as danças mais ardentes, os lundús mais chorados.

O povo sergipano, é amoravel, bondoso, hospitaleiro, e tem o dom especial de aliiar a um certo fundo de ingenuidade e acanhamento a firmeza de caracter, a veia comica e as effusões da poesia.

Os seus poetas não tem no paiz inteiro a fama que deveriam ter, devido exclusivamente ao pouco valor politico, social e representativo de sua terra, a menor do Brazil e a mais prejudicada de todas. Junte-se a isto, que é innegavel, o consciente ou inconsciente preito da subserviencia e da mania adulatoria, que constantemente neste paiz existiram para com os homens das grandes provincias ou Estados, os fautores da politica, os dispensadores de graças, os poderosos arranjadores de empregos, escudados nas enormes representações em parlamentos e congressos, e ter-se-há a demonstração do esquecimento que tem envolvido os bons talentos das pequenas provincias, verdadeiros Ilotas no meio de *parvenus* e audaciosos de todo o genero.

Quem no Rio de Janeiro ou Petropolis, no Recife ou Olinda, na Bahia ou Valença, em Ouro Preto ou Bello Horizonte, em São Paulo ou Santos, em Porto Alegre ou Pelotas, acreditará jámais na

existencia de talentos sergipanos, de poetas sergipanos, de illustrações sergipanas?

Pois taes cousas podem vir das margens do Cotinguiba?

Qual historia! —Pois este é o caso; e por isso vemos ainda hoje Bittencourt Sampaio, o melhor lyrico sertanegista e campesino do Brasil, não ter a fama que lhe compete, como a não tem Pedro de Calasans, como a não tem Tobias Barretto, como a não tem Elsenario Pinto, como a não tem João Ribeiro, nem Pedro Moreira, nem José Jorge, nem Joaquim Fontes, nem José Maria Gomes...

Nem a terão jámais.

III

Na impossibilidade de dar neste logar uma analyse de cada um dos poetas que figuram nesta collectanea, direi apenas dos grupos em que naturalmente se dividem e da indole esthetica de seus chefes

A primeira observação que ora me occorre é a de não haver encontrado, nas pesquizas a que procedi, poeta algum sergipano no periodo colonial. Sem fallar no seculo XVI, que não deu poeta a parte alguma do Brasil, a não ser o insignificante Bento Teixeira Pinto, nem o seculo XVII, nem o seculo XVIII, que eu saiba, produziram um só vate em Sergipe. A nosso seculo é que vem a caber semelhante tarefa, e as producções de maior vulto datam de 1850 em diante.

A segunda observação a fazer é que todos os poetas que apparecem neste livro deixaram a terra natal num certo periodo da vida, e a maior parte para não mais voltar, o que importa affirmar que os typos de cada grupo entre si contemporaneos não chegaram a viver em commum, a ponto de crear tradições e fazerem escola, e pode-se até affirmar, sem medo de errar, que os mais notados delles influiram mais no Brasil em geral do que particularmente em Sergipe.

E' facto este já referido e demonstrado na *Historia da Litteratura Brasileira*. Calasans, Tobias, Bittencourt, João Ribeiro e o auctor destas linhas tiveram mais força de expansão nacional do que puramente sergipana.

Por isso é bem certo dizer, como já uma vez disse, que a nossa litteratura sergipense é *uma litteratura de emigrados*.

As causas e as consequencias d'este phenomeno pertence á critica averiguar, e não é agora opportuno fazel-o.

Os quatro grupos a que reduzi os poetas de Sergipe não exprimem rigorosamente uma filiação immediata e irreductivel dos varios membros de cada um d'elles na esthetica exclusiva do respectivo chefe. Exprimem apenas uma certa coloração geral, filha, o mais das vezes, do mesmo momento historico, da mesma corrente preponderante da época, das mesmas influencias estranhas.

Os grupos são estes: o primeiro constituido por Constantino Gomes, que o preside, Pedro de Calasans, Bittencourt Sampaio, José Maria Gomes, Elzeario Pinto, Eustaquio Pinto, Joaquim Esteves, Joaquim de Calasans, Severiano Cardoso, Geminiano Paes, Eutichio Soledade, Leopoldo Amaral e Symphronio Cardoso; o segundo é formado por Tobias Barretto, José Jorge de Siqueira Filho, Pedro Moreira e Justiniano de Mello, e é presidido pelo auctor dos *Dias e Noites*; o terceiro compõe-se de Sylvio Roméro, que abre a lista, Filinto do Nascimento, Lima Junior, Jason Valladão, Joaquim do Prado, Joaquim Fontes e Manoel dos Passos; o quarto é capitaneado por João Ribeiro e contém Carvalho Aranha, Costa e Silva, João Barretto, Deodato Maia e Damasceno Ribeiro.

O primeiro nucleo, como deve ver quem conhecer os nomes que o compõem, encerra um typo, até certo ponto divergente, Bittencourt Sampaio, que deixo de analysar, por já o haver praticado na *Historia da Litteratura Brasileira*.

O mesmo acontece com Pedro de Calasans, Elzeario Pinto e José Maria Gomes de Souza, cujos perfis, posto que rapidos, acham-se tambem naquelle livro.

Predominam nesse punhado de poetas os intelligentes filhos da bella cidade da Estancia, que com Laranjeiras constituiram sempre as mais sergipanas, se assim se póde dizer, das cidades de Sergipe, Constantino e seu irmão José Maria, Pedro de Calasans e seu irmão

Joaquim, Leopoldo Amaral, Severiano e Symphronio Cardoso e Joaquim Esteves são estancianos: oito em trese nomes.

Constantino José Gomes de Souza, que seria hoje um auctor illustre em todo Brasil se tivesse nascido nas terras que dão posições e empregos, Bahia, Rio, São Paulo, Minas, é o decano dos poetas do Sergipe. Em 1848 já é encontrado estudante de medicina na faculdade bahiana e a publicar versos nos jornaes e revistas do tempo.— Em 1851 formou-se no Rio de Janeiro e deu á luz a bella collecção de poesias que têm o titulo de *Os Hymnos de Minh'Alma*. Innumeras producções poeticas, escriptas depois d'aquella data a á de sua morte, occorrida em 1877, isto é, durante vinte e seis longos annos, andam esparsas nos jornaes.

Não foi só, porém, dado às musas o culto de Constantino; sacrificou tambem ao drama e ao romance.

No primeiro genero deixou: *O Espectro da Floresta, Os tres Companheiros de Infancia, Ha Dezesete annos ou a Filha do Salineiro, O Engeitado, Vingança por vingança* o *Gonzaga*, este ultimo inedito.

No romance publicou em livro: *O desengano, A filha sem mãi, O cégo* e outros nos rodapés dos jornaes. Muito grave e muito severo, de um genio arrebatado, Constantino foi um typo verdadeiramente singular. Vivendo perto de trinta annos no Rio de Janeiro, jámais entreteve relações com os escriptores do seu tempo, que enchiam as ruas e appareciam por toda a parte. Aborrecia-os a todos. Um só, o unico por elle admirado, foi seu amigo e camarada, Laurindo Rabello, o famoso elegiaco, satyrico e improvisador fluminense.

Laurindo, pelos velhos parvos da critica sempre desdenhado no Rio de Janeiro, parvos que lhe fizeram continuamente o cerco do esquecimento; Laurindo, amado apenas pelo povo, Laurindo a principio considerado em certas rodas um frivolo, um andarilho, um insignificante, merecendo de todos os doutores do Brasil apenas dous solitarios e magros estudos, um de Norberto e Silva, por incumbencia do editor Garnier, e outro de Teixeira de Mello, por mera curiosidade bibliographica, Laurindo anda agora, depois que na *Historia da*

Litteratura destaquei com força de sua obra varia e dispersiva e de seu genio contradictorio e multiplice o que é verdadeiramente superior—*o talento elegiaco*, anda agora, dizia, elevado á categoria de verdadeiro mytho.

Já não é mais o pandego bohemio, o desregrado Bocage carioca a espalhar pornographias e bregeirices por toda a gente; passsou a ser um irremediavel choramigas, misero desgraçado, que chegou a cantar modinhas ao tom do violão *por necessidade de matar a fome!*

Nem tanto ao mar nem tanto á terra: nem o bohemio deslavado, nem esse pobro mendicante a esmolar a compaixão. Laurindo, como todos os grandes talentos poeticos, era uma natureza complexa, que se não deixa explicar por essas rhetorices que ahi andam a pregar aguias com alfinetes.

Laurindo, que nunca foi mulato, senão muito bom *cigano*, tinha aptidões desencontradas.

Orador, poucos o foram no Brasil como elle; repentista, só a Moniz Barretto cedia a palma; *causeur*, ninguem o sobrepujou n'esta terra; satyrico, nenhum o foi tanto desde Gregorio de Mattos; brincalhão, basta ver suas poosias comicas ou dubias e suas inimitaveis pornographias; elegiaco e magoado, quem não o acreditará lendo—*Adeus ao mundo* e *Saudade branca*?

Este foi o homem a quem se uniu Constantino Gomes, talento de molde diverso e ndole contraria.

A musa de Constantino tinha as roupagens semi-classicas da poesia bahiana da pleiade de Moniz Barretto. Isto a principio. Depois o independente sergipano foi reagindo e revelando suas qualidades proprias, bem apreciaveis n'aquelle bellissimo hymno que começa:

«Meu inverno se avisinha,
Sem risos, sem luz, sem flôr;
Vem tu, mimosa andorinha
Da primavera de amor,
Vem mit gar-me a saudade
D'aquella ditosa idade
Que nos embala e entretem
Num berço de mil delicias,
Entre gozos e caricias,
Que da vida aurora tem.»

E' em geral um lyrismo que não é mais a pieguice dos ultimos descendentes de Lamartine, lamuriando em plagas brasileiras, de 1840 a 60, a querer ensurdecer a gente. E' alguma cousa de mais forte, que já é um presentimento da poesia social, politica e humanitaria de Hugo e Quinet.

Bittencourt Sampaio, Calasans e José Maria Gomes, se me antolham superiores, entretanto, a Constantino, o primeiro pela doçura de seus quadros brasileiros, o segundo pela espontaneidade da metrica, o terceiro pela originalidade das imagens.

O segundo gremio de poetas deixei-o capitanear por Tobias Barreto, que todavia teve muito mais imitadores no Brasil em geral do que peculiarmente em sua pequena patria. Castro Alves, Victoriano Palhares, Carlos Ferreira, Castro Rabello, Mucio Teixeira, este em sua primeira phase, bastam para garantir-me a veracidade do asserto.

E' um ponto de verdade historica que tem sido difficil tragar á desdenhosa petulancia e dura filaucia de certos criticos da terra.

« Que ! Elle, o rapagão bonito, venturoso bahiano, filho de medico influente, cunhado de negociantes abastados, o delicioso *cavalheiro negro* das yayás dengosas, poderia lá ter sido sectario do pobre mestiço de Sergipe, filho de um escrivão obscuro, elle, o Castro gentil, haveria de ter nada com o feioso Tobias ? !... Ora, deixe disso, deixe-se de inconveniencias, meu caro senhor, tenha mais senso pratico... » E' a tal historia. Tenho-a lido e ouvido milhares de vezes. Mas ha alguma cousa superior e mais séria do que todas as fatuidades bairristas de quem quer que seja ; é a verdade, delicia e ventura das almas sãs.

Conheço versos de Castro Alves do seu periodo bahiano, dos annos 1861, 62, e 63 antes de Tobias ter posto em agitação a elle o a mocidade academica de seu tempo, que são dignas amostras da estafada poetica de Moniz. E era isto fatalissimo.

Castro Alves, nascido em 1847, um rapazito de quatorze annos em 61, de quinze em 62 e dezeseis em 63, não podia deixar de pagar o tributo de todos os que começam, não podia deixar de reflectir o

meio, o ambiente social que o cercava e onde deu os primeiros passos nas lettras.

Ora, esse meio era a Bahia e na Bahia o collegio do dr. Abilio Borges, donde sahiu para matricular-se na faculdade do Recife. Alli, desde 1862, já estava Tobias, muito mais velho (quasi dez annos), muito mais instruido já então em latinidade e lettras latinas, nas litteraturas franceza e portugueza, na critica e cousas litterarias am geral, e Tobias, que nesse tempo tinha tantos annos quantos eqnelles com que veiu muito depois a morrer Castro Alves, não era homem de andar calado.

Conhecidissimo, desde logo, pelo seu escandaloso exame de latim em que tinha espichado toda a mesa examinadora, já nos theatros tinha recitado poesias, já as havia publicado nos jornaes, já tinha saudado a terra pernambucana — na famosa ôde *A' Vista do Recife*.

Dizem, porém, que o vate bahiano mais tarde o sobrepujára. Póde ser que sim. Com franqueza, porém, e sem a mais leve paixão, não sou desta opinião.

Acho que em declarações, exaggeradas imagens e metaphoras — o poeta das *Espumas Fluctuantes* vence o dos *Dias e Noites*; não o excede, porém, em doçura, em meiguice, delicadeza, blandicia, carinho, naquillo em que ambos são incomparaveis, no lyrismo pessoal, subjectivo, amoroso.

O tempo, esquecendo as extravagancias de escola dos dous poetas, ha de decidir este pleito, dando-me razão, como já m'a deu pela bocca de dous talentos lyricos de primeira ordem, Luiz Murat e Alberto de Oliveira.

A grande vantagem de Castro Alves, além de ser bahiano, é ter vindo para o sul, para o Rio e S. Paulo, onde a fama se fabrica neste paiz, e as reputações são consagradas, é haver publicado as *Espumas Fluctuantes* onze annos antes dos *Dias e Noites*.

Quando este ultimo livro appareceu, já aquella escola poetica tinha passado de moda, o publico tinha ficado acostumado a ligar

aquella maneira ao nome de Castro Alves, e habitos não se desarraigam facilmente, maximé no Brasil.

O poeta bahiano já era um morto, já era um nome consagrado, como chefe de um movimento litterario, para toda a gente sulista, que não lê publicações do norte, e sabe menos do que se passa em Pernambuco do que dos acontecimentos da China ou do Turkestan.

E ram idéas feitas, assentadas, posta em circulação e operando já no organismo nacional como acção reflexa.

Qualquer tentativa de perturbar tão inveteradas ideias tinha de ser hostilmente recebida.

Eis toda a psychologia da cousa.

E' isto e nada mais. A principio negavam tudo, até a propria existencia e anterioridade do poeta sergipense.

Agora, na impossibilidade de desfazer datas e documentos, apegam-se a uma sonhada superioridade de Castro, que não exlste, que nunca existiu.

Convenho em parte que se possam equiparar, descontados os defeitos de lado a lado. E' o mais que se deve conceder.

Como quer que seja, entretanto, não tenho a fazer agora a analyse e traçar a caracteristica do poeta em Tobias, já feita na *Historia da Litteratura Brasileira.*

Aproveitarei apenas a occasião para registrar uns versos latinos d'elle, aptos a provar minha affirmativa dos seus extraordinarios conhecimentos da *lingua dos mortos,* qual chamava—ás vezes o latim, por opposição ao allemão—a *lingua dos vivos,* que foi a delicia dos seus ultimos annos, como a outra tinha sido a de sua juventude.

O futuro critico e jurista, pintado por malevolos como um extravagante bohemio, já em 1857, aos 18 annos de idade, tinha feito na oidade de São Christovam, capital da provincia, brilhante concurso para o provimento da cathedra de latinidade da villa de Itabaiana, sendo n'ella provido.

Leccionou todo o anno de 1858, e, por occasião das férias no derradeiro dia lectivo do anno, isto é, a 30 de novembro, *pridie ca-*

endas decembris, dirigiu aos seus discipulos este bello cantico de despedida:

ELEGUS

Tandem jam superest tantum valedicere vobis;
Quandoquidem cedo, stante magisterio,
Quod finitum hodie nunquam mihi forte reduci
Possit, alicui cadat sic literis dociles
Formandi juvenes; quid ita? certo grave munus
Commissum immerito parvo aliquando mihi
Vellem, Discipuli, vobis, qui repitis isthuc
Ut possem sapiens, in rudibus tenebris
Lumen ego præferre, erudiens itidem, et vos,
Memet, adhuc video, viribus exiguis
Quam doceo; desunt autem magnæ Sophiæ mi
Principia, atque ideo jam cogor ad studium.
Ac vos licturus; desiderio madefit cor
Planctibus obtectis; ergo valete, Boni.
Semper ero, atque fui, inter amicos me numerate,
Vos qui pendo, dabunt tempora temperius.
Itabaiana, pridie calendas Decembris 1858.

E' aqui tambem o logar de consignar uns repentes e pilherias do poeta dos *Dias e Noites*, que me não occorreram nas paginas a isso consagradas no livro em que fiz o estudo de Machado de Assis e comparei os dous.

Não houve latim ou allemão, philosophia ou direito, critica ou litteratura que matasse a natural espontaneidade do espirito.

Uma vez, numa roda de estudantes em que se descreteava de lettras, poesia, improvisos, Dometrio Coelho, um rapaz de Pernambuco, atirou-lhe este motte:

«*Quando os teus olhos me fitam,*
Minh'alma acredita em Deus.»

A glosa não se fez demorar e faz honra ao estro lyrico do poeta:

«Eu sinto que se me agitam
As profundezas do ser,
Que mais um raio—é morrer,
Quando os teus olhos me fitam.
Que pensamentos excitam
Os olhos fagueiros teus!
São rompimentos dos céos
Olhares que a tudo abalam;
Quando os teus olhos me fallam
Minh'alma acredita em Deus.»

No anno de 1870, por occasião da discussão travada entre Tobias, no *Americano*, e um velho conselheiro, famoso crente, no *Catholico*, a respeito de critica religiosa, passeando eu com o poeta e varios amigos, em bella noite de luar, ao longo da rua da Aurora, no Recife, a conversar a proposito da polemica, que ia acirrada de parte a parte, parodiando conhecido motte do *Album da rapaziada*, de Moniz Barretto, dei-lhe este a glosar:

«Padrécos, tocae o sino,
Que o *Catholico* morreu.»

A musa facêta respondeu, retrucando assim, com a presteza originalissima dos improvisadores de raça:

«Um velho, feito menino
Por força da caduquice,
Quiz luctar!... oh! que sandice!
Padrécos, tocae o sino.
Não julgueis ser desatino.
Taxal-o assim de sandeu;
Se em discussões se metteu,
Para tomar uma sova,
Carolas, abri-lhe a cova,
Que o *Catholico* morreu.»

Bradamos-lhes *bis* e proseguiu :

«Tal é na terra o destino
Das *sciencias* passageiras :
Morrer vomitando asneiras !
Padrêcos, tocae o sino.
Não teve auxilio divino,
A *Summa* não n'o valeu ;
Como é que assim se perdeu
Tão *sabio* guia das almas ?...
Quem fôr *impio* bata palmas,
Que o *Catholico* morreu.»

O phenomeno da improvisão poetica, difficil de comprehender ás intelligencias tardas e lérdas, mais de que as lettras portuguezas possuem o caso phenomenal do Bocage e as brazileiras o ainda mais espantoso de Moniz Barreto, era no cantor dos *Dias e Noites* tão accentuado como em Laurindo Rabello, frei Bastos e Augusto de Mendonça.

O poeta é que não fazia caso d'elle, preferindo ruminar o que escrevia; porque foi sempre um meditativo e um arraigado estudioso. Nunca largou das mãos os livros, que lhe não suffocaram os surtos da imaginativa e da pilheria, conservados da juventude até ás vesperas da morte.

O descuido dos contemporaneos é que não deixou guardar a lembrança dos *bons mots* do poeta em sua peregrinação pela vida.

Eu mesmo não attendi senão ligeiramente a essa feição de seu espirito, da qual procurei tardiamente dar um rapido escorço no alludido estudo consagrado ao auctor de *Braz Cubas*.

Consignarei apenas mais dous ditos rimados, um referente a certo padre de nome J. A. de Faro Leitão, vigario da Missão, em Sergipe. Tobias, no seu tempo de rapaz, tinha ido alli a passeio.

Visitando a igreja referindo-lhe alguem o nome do padre, disse a companheiros que o cercava:

«Bicho de faro é cachorro,
Filho de porca é leitão:
Quem ligou as duas raças
Nesta igreja da Missão?»

Outro foi, em fórma charadistica, diante de uma intelligente viuva que lhe apresentaram, eximia nesse jogo de espirito:

—«Quem o diz—já não duvida,
—Grata no saibo e na côr:
Por fóra um véo de tristeza,
Por dentro um mundo de amor.»

A talentosa pernambucana atinou immediatamente com a palavra syllabada nos dous primeiros versos e velada no *conceito* dos outros dous.

Tudo tem sua logica, até a morte!... disse o poeta ao expirar. Este despretencioso escripto tambem tem a sua logica e é mister dar-lhe a conclusão. Passando a outros grupos, lastimamos apenas que ainda neste *Parnaso* não tenha podido inserir o magnifico *Hymno do Trabalho*, publicado em 1875 na Escada, que começava:

«O trabalho é a vida que corre
Em procura do bom, do melhor:
As estrellas de Deus brilham menos
Do que as gotas do humano suor...»

e terminava por esta apostrophe:

«Que susurro de forjas ardentes,
Que ruido em presença de Deus!
Os cyclópes vibrando os martellos,
E as faiscas batendo nos céus!—»

Poesia socialista das mais brilhantes da lingua portugueza, que li em tempo e está a fazer seria falta nos *Dias e Noites*.

O tereeiro grupo de poetas apparece, na classificação proposta, em lista aberta por Sylvio Roméro, o auctor destas linhas.—Não é vaidade; é apenas preito a verdade historica mais restricta.

Quando o romantismo entrou a desmantelar-se, exactamente pelo grande fracasso da *escola condoreira*, antes do advento do *parnasianismo*, tivemos aqui no Brasil, como na Europa, um momento, curto é certo, em que surgiu o *scientificismo* na poesia. André Lefevre, com sua *Epopéa Terrestre*, Sully Prud'homme, com seu poema *A Justiça*, foram os chefes d'esse poetar em França, já antes iniciados por algumas paginas da *Lenda dos Seculos*, de V. Hugo, e dos *Poemas Barbaros*, de Lecomte de Lisle.

Em Portugal as *Odes Modernas*, de Anthero do Quental, e a *Visão dos Tempos*, de Theophilo Braga, são repercussões d'essa corrente.

No Brasil esse *scientificismo*, esse philosophar na poesia foi nomeadsmente iniciado por meus *Cantos do Fim do Seculo* publicados em livro no Rio de Janeiro em 1878 e nos jornaes do Recife desde 1870.

As *Visões de Hoje* de Martins Junior obedecem a essa tendencia. Depois é que appareceu o *naturalismo*, que não medrou jámais na poesia, tudo prosperar no romance e no conto; depois é que insurgiu o *parnasianismo*, que prosperou brilhantemente no verso, até chegar, em dias de agora, o momento do *symbolismo*.

Esta é a verdade dos factos, felizmente reconhecida no *Magasin für de Literatur des Auslandes*, na Allemanha, por penna competente; por Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando e Martins Junior *(Epocas Individualidades, Philocritica, A Poesia Scientifica)*, em Pernambuco; por Lívio de Castro, no Rio de Janeiro; por Joaquim do Prado Sampaio, em Sergipe.

O ultimo que faz parte d'este *Parnaso*, no grupo alludido, escreveu no prologo de suas *Locubrações*: «Comprehendo a poesia como a synthese deslumbrante de todos os principios que até aqui

têm agitado o seculo.... Os meus ultimos versos são estudos do Dr. Sylvio Roméro...

Não é, pois, uma fantasia o reclamar meu logar no desenvolvimento da poesia nacional, nem isto faz mal a ninguem.

Bons ou máos, os meus cantos representam alguma cousa; porque são um élo da evolução; e a historia não se sophisma.

O grupo, com varios typos divergentes, contém os nomes de S. Roméro, Filinto Elysio do Nascimento, Lima Junior, Jason Valladão, Joaquim do Prado Sampaio, Joaquim Fontes e Manuel dos Passos. Significam todos estes a transição do romantismo para o do parnasianismo.

Este ultimo acha-se representado no *Parnaso* pelo quarto e derradeiro grupo, onde se contam os nomes de João Ribeiro, Carvalho Aranha, Costa e Silva, João Pereira Barretto, Deodato Maia e Damaceno Ribeiro.

N'alguns d'estes recentissimos poetas já apparece a musa *symbolista, decadista* ou *nepheliobata.*

O chefe do gremio é o notabilissimo talento que se chama João Ribeiro que deixo de estudar por já o ter feito nos *Estudos de Litteratura Contemporanea.*

Todas as escolas e todos os estylos da poesia brasileira do seculo que vai findar estão representados neste livro, desde o simo-classicismo de Constantino de Souza até o symbolismo de Deodato Maia.

O leitor intelligente notará que, dentre varias paginas fracas ou incolores, surgem outras muito vivaces, rutilas, fortes, que podem emparelhar com as melhores da musa nacional.

Sylvio Roméro.

Rio, 23 de Abril de 1899.

PARNASO SERGIPANO

I

Constantino José Gomes de Souza

I

O Libertino Arrependido

No correr da juventude
Errei a estrada... perdi-me !
Sacrifiquei a virtude
Sobre o negro altar do crime.
Blasphemei, meu Deus, de quanto
Na terra encontrei mais santo,
Vosso culto e vosso altar...
Fui talvez, Senhor, perdão !
Mais fraco que Salomão,
Mais impio que Balthazar...

No sonho do amor primeiro,
Que encanta a manhan da vida,
Lancei meu porvir inteiro
Aos pés da mulher perdida,
Que com marmorea frieza
Riu-se de tanta pureza
Com risos de Satanaz...
Deusa infame das orgias,
Lançou a flôr de meus dias
Ao fogo das paixões más.

Sorvi-lhe os beijos devassos
Com soffreguidão immensa !
Adormeci nos seus braços.

Acordei sem uma crença..
Quiz amor depois.. Mentira !
Na minh'alma se extinguira
Todo o nobre sentimento ;
Só fiquei com a consciencia
De minha extincta innocencia,
De meu negro aviltamento.

Tão moço ! E já do passado
Triste, pallida ruina,
Com o coração gangrenado
Dos beijos da messalina !
Do porvir nem luz d'esp'rança,
Do passado, atroz lembrança
Do tempo que errado andei...
E o resto então d'uma vida,
Pelo vicio carcomida,
Ao proprio vicio entreguei.

Aos pés de gentil donzella,
Perdido, lancei-me um dia,
E jurei que a amada, e ella
Creu na jura qu'eu fazia ;
E quando, ai triste ! esperava
O porvir que lhe acenava
D'aureos sonhos através,
Da vida quebrei-lhe o encanto,
De virgem rasguei-lhe o manto
E rôto atirei-lhe aos pès.

Enlouqueceu de desgosto ;
De sua loucura—ri-me !
Cuspi-lhe depois no rosto ;
Fui assim de crime em crime...
E, da paixão na vertigem,
Essa que fora uma virgem
Lancei do mundo á irrisão.—

O mundo injusto applaudiu
Do anjo a queda e o cobriu
De escarneo, de maldição.

Pobre victima innocente
Em ais, em pranto definha,
Sofrendo a pena inclemente
Da culpa qu'era só minha !
A' alva de sua innocencia
Que amor, meu Deus, que candura !
Desfolhou-se o branco lyrio
Ao furor de meu delirio
No abysmo da desventura.

Pobre criança ! Perdida,
Pede ao céu consolação ;
Pallida fronte, abatida,
Ao mundo pede perdão.
Mas de balde, porque o mundo,
Com sarcasmo atroz, profundo,
Lança-lhe em face o seu crime...
Ai ! perdão para o erro seu !
O criminoso—fui eu ;
Mas, meu Deus, arrependi-me !

II

Folha de album

Não brilha tanto na celeste altura
A estrella na manhã,
Como da vida nos vergéis fulgura
Tua imagem louçan.

De teus olhos a luz, gentil donzella,
E' scentelha divina,
Que os segredos do céu doce revela
A's almas que illumina.

Sublime como tu não fora tanto
A pomba mensageira,
Quando levava ao patriarcha santo
O ramo de oliveira.

Como tu de virtudes adornada,
Filha do céu, quem é ?
Mas do que tu só foi a immaculada
Virgem de Nazareth.

Foi a melhor perola e inbutida
No diadema immortal
Que a fronte cinge A'quelle a quem a vida
E' fonte perennal.

Tu és a nota d'immortal poesia
A' harpa da crêação ;
Na mesma harpa igualmente preludia
O Onmipotente em vão..

III

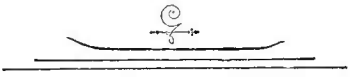
Desengano

(Fragmento)

Era tudo hypocrisia !
N'alma nem um sentimento
Do verbo que proferira
Proferindo o juramento...
Se um anjo os labios abriu
Para jurar, e mentir
Em nome da divindade ;
Se aquella vestal, tão pura,
Tornou-se, meu Deus, perjura,
Onde é que existe a verdade ?

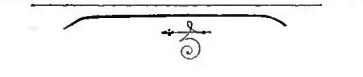
Foi n'uma noite de maio ;
E do céu a sentinella
Nocturna mandava um raio
Velar no aposento d'ella.
E eu, a sós co'os meus amores,
Entre os effluvios das flores,
Qu'embalsamam seu jardim,
Tinha o joelho no chão,
Nos labios o coração,
Batendo de amor sem fim.

Eu lhe dizia :—por Deus,
Mulher celeste, sê-minha,
Que nos rudes versos meus
Hei-de cantar-te rainha.
Será tão grande o meu canto,
Hei-de requintal-o tanto,
Tão alto farei que assome,
Que o universo assombrado,
De meu canto extasiado,
Ao cèo levará teu nome.



II

Pedro de Calasans



I

A' um menino

Na maciez do alvo braço,
De tua mãe no regaço
Dermes, infante, a sonhar ;
Teu sonho é placido e liso
Que um angelico sorriso
Te vem nos labios pairar.

Dormiste aos beijos maternos ;
Entre carinhos tão ternos
Como è doce o teu dormir !
Quando accordares sorrindo,
Verás o semblante lindo
De tua mãe a sorrir.

Dorme em socego, menino,
Pois no livro do destino
Tens um destino feliz.
Dorme em completo abandono,
Dourado seja o teu somno
Dos sonhos pelo matiz.

II

Lagrymas e amores

Quando no espaço bruxoleia a aurora,
Mandando á terra divinaes pallores,
O doce orvalho, que nos campos chora,
São lagrymas e amores.

Nas frescas tardes, nas manhãs de maio,
Que aqui renascem, que alli brotam flores,
Quando chorarem, o seu pranto amai-o,
São lagrymas e amores.

Amai-o; as flores tambem têm segredos,
Sim, vivem, morrem, teem sorriso e dores;
Vêde esse pranto, decifrai enredos,
São lagrymas e amores.

Quando, transpondo do horisonte a corda,
O sol se despe dos gentis fulgores,
Brancas estrellas de que o céo se borda,
São lagrymas e amores.

Quando na campa, que o cypreste esguio
Com a sombra cobre de enluctadas côres,
Chorarem brisas, que acordou o estio,
São lagrymas e amores.

Quando o arco-iris lá no cèo se arqueia;
Para, chovendo, refecer calores,
Esses gottejos porque o sol anceia,
São lagrymas e amores.

Quando, por noites de luar ameno,
O céo se esmalta de cem mil primores,
Esses rorejos do subtil sereno
São lagrymas e amores.

Quando branquejam, de manhã, neblinas,
Cobrindo os campos, o que são ?—vapores.
Que o pranto gera das canções divinas,
São lagrymas e amores.

Chrystaleas aguas, que o Amazona atira
Nas nossas terras a trajar verdores,
E os sons cadentes, que eu na matta ouvira,
São lagrymas e amores

As niveas perolas de nitente alvura,
Que a fonte clara salpicou nas flores,
Serão segredos de amorosa jura ?
São lagrymas e amores.

III

Escuta

Si para amar-te for myster martyrios,
Com que delirios saberei soffrer !
Si de altas glórias for myster a palma,
Talvez minha alma possa além colher.

Quebrar cadeias, conquistar um nome,
Que não consome o perpassar das eras ;
Arcar com a furia de iracundos nortes,
Soffrer mil mortes, sem morrer de veras ;

Nas proprias carnes apertar cilicios,
Nos sacrificios ter sereno o rosto ;
Pisar descalço sobre espinhos duros,
Com pés seguros, com signaes de gosto ;

Longe da patria, no paiz mais feio,
Do tedio em meio, para amar-te, ter
Viver embora sob a zona ardente,
E alli contente por te amar serei !...

E a ser amado, si é myster o incenso,
Que sóbe denso dos salões aos tectos ;
Serei altivo, mas não vou de rastos,
Com labios castos mendigar affectos !

E si me odeias, por não ir-me ás salas
Dizer-te as fallas de mendaz paixão,
E, aos olhos de outros, profanando extremos,
Dizer-te : *amemos*, e apertar-te a mão ;

Me odeia, e muito, que eu não sou da farça,
Que o mal desfarça, que desfructa e ri !
Me odeia, e sempre, que eu não desço ao nivel
Do pó terrivel, que se arraste ahi !

Dá-me o teu odio, pois não quero—escuta—
Beber cicuta, procurando mel.
Dá-me o teu odio, mas n'um gráo subido,
Embora ungido de amargoso fel !

Dá-me o teu odio por fatal sentença,
A indifferença me será peior.
Que um sentimento por mim sintas n'alma,
Dá-me essa palma de um soffrer melhor !

IV

Para o album de uma senhora

Fóra inutil pedir mimos á dhalia,
Perfumes ao jasmim, nos céos da Italia
Da mais nitida estrella a luz buscar.
Fôra inutil trazer incenso arabio,
Ou sorrir divinal de fresco labio
Das mimosas, gentis, netas de Agar,

Fôra inutil na pagina, que escrevo,
Veroneso traçar subtil relêvo,
Pintando imagens de celeste alvôr.
A' Golconda pedir bello diamante,
E um lindo verso, que escrevera o Dante,
Fera inutil buscar e aqui depôr.

Fora inutil pedir ás Sorrentinas
Uma nota siquer das cavatinas,
Que ellas cantam de amor, meu Deus, tão bem!
Que eu deponho-te aqui maior thesouro,
Que as riquezas de Ophir, que o proprio ouro,
Que o rico sólo do Brazil contem.

E o thesouro, has de vêr, é um nome sancto,
Como dos olhos maternaes um pranto,
Nas horas de partir, valendo o adeus.
Tão doce como as molles serenatas,
Como o som murmurante das cascatas,
Ou qual prece infantil, que sôbe a Deus.

E esse nome, has de vêr, mais puro e bello,
Que do insonte cordeiro o branco velo,
Dos sacrificios, que na Biblia eu li,
E' doce como o cantico, de uma ave,
Mais doce que do Hymetto o mel suave
Em taça de ouro da mais linda houri.

E esse nome, has de vêr, tem mais poesia,
Que os sons accordes, que David tangia,
Quebrando as iras do feroz Saúl.
Mais bello do que o sól dourando os bosques,
Do que a lua a bater sobre os kiosques
Da soberba e gentil, molle Stambul.

E esse nome apurado em mil aromas,
Que rescenderam das ambroseas comas
Da virgem, que por mãe Christo escolheu :
Esse nome melhor que um beijo hellenico,
Mais mimoso e melhor que um riso edenico,
Esse nome, Maria, é o nome teu !

VII

A filha da harmonia

Si tinhas o pallor das santas virgens,
Nos labios o aromar dos nenuphares ;
E si tinhas no olhar divas scentelhas,
Si Deus no olympo te daria altares ;
Como, pois, não te amar, rojado ás plantas,
Não morrer a teus pés, ouvindo os trilos
De tua doce voz, que antes ouvil-os
Que ouvir os psalmos de harmonias sanctas ?!

Filha dos sonhos, divinaste o canto,
Que o Verdi traduzio do fundo d'alma.
A propria Malibran cedera a palma,
Louca escutando de tal voz o encanto.
Ai não cantes assim ! tem tal magia
A tua meiga voz, que eu renegara,
Somente para ouvir-te, o sol do día,
Que as estradas do céo de luz aclara ;
E cego de ambição me arrojaria
No cháos trevoso da descrença iguara !
Ai não cantes assim ! tem tal poesia
A tua meiga voz, que felicidade
Fora, ao certo, gosar da eternidade
Ouvindo um cysne descantando amores.

Ai não cantes assim ! mulher querida,
Pallida imagem do viver das flores !
Que de ouvir-te a harmonia, esqueço a vida,
Esqueço a liberdade e o pranto e as dores,
E os cèos e os homens e o dever e a lida !.

VIII

As flores de laranja

Cada flôr tem de certo varia sorte,
Tem diverso condão :
Ha flores para a vida e para a morte,
Que dizem sim, ou não.

Ha flores para as maguas da anciedade,
Para os sonhos de amor,
Ha flores para as scismas da saudade,
Ha tambem para a dor.

Ha flores que só vingam no chão frio
Da fria sepultura,
Borrifadas das lagrimas a fio
Que chora a desventura.

Ha flores que só crescem no retiro
De amiga solidão ;
Uma flor diz um ai, outra um suspiro,
Todas têm seu condão.

Esta vai perfurmar as lindas jarras
Dos altares radiantes ;
Aquella ser de amor propicias arrhas
No peito dos amantes.

Alli—campeia altiva uma fronte
Do bravo que venceu ;
Acolá—sobre a face bella, insonte,
Da virgem que morreu.

Além—sobre os degráos do capitolio,
Nos penetraes da gloria ;
Aquem—cobrindo o desditoso espolio,
De um genio, e a sua historia !

Cada flor tem de certo varia sorte,
Tem diverso condão :
Ha flores para a vida e para a morte,
Que dizem sim, ou não.

Mas de todas as flores mais felizes,
As que têm melhor sina,
Não são as rosas, nem jasmins, nem lizes,
Nem d'halias, nem bonina.

As flores de laranja mais ditosas
Que as outras flores são :
Tem mais poesia, tem ! São mais cheirosas,
Tem mais inspiração !

As flores de laranja se entrelaçam,
Na virginal capella !
De perfume suavissimo repassam
O seio da donzella !

Das essencias de amor sublime extracto,
Sublime é o condão seu :
Fel-as Deus para honrar o doce pacto
Do sagrado hymeneu.

Por isso eu amo a flor de laranjeira
Da donzella na coma,
Ou então quando a brisa passageira
Me traz seu doce aroma.

Amo a flor de laranja, quando a avisto
N'um seio de mulher !
Quando a noite me toma de inprevisto,
Ou d'alva o rosicler.

Amo-a, quando a donzella meiga a esfolha
Em pura distração,
Ou com o pranto dos olhos seus a molha,
Abrindo o coração.

No teu album, portanto, eu quiz as flores
De laranja depor :
Synthese bella de ideaes amores,
Dos amores a flor.

E a tua mão, formosa Therezinha,
Que mil graças esbanja,
Aceite a triste, a pobre offerta minha
De flores de laranja.

IX

O Brazil

De perlas, saphyras, de mil esmeraldas,
De ricos brilhantes a fronte engrinaldas,
Gigante, orgulhoso, soberbo Brasil.
Na historia dos povos teu nome escreveste,
Mil palmas e louros, na infancia, colheste,
Colheste-os com gloria, batendo o fusil.

De lindas estrellas, de luzes brilhantes
Teu céo é bordado ; subtis, cambiantes
Destendem-se as nuvens ligeiras no ar ;
E as luas formosas de pallidos lumes,
E as flores e os dias e os gratos perfumes
São mimos, que a Europa bem pode invejar.

Teus bosques frondentes, teus campos e montes,
E os mares e os rios, regatos e fontes,
São verbos, são phrases, que dizem—valor—.
Não durmas, não tremas, nem curves o cóllo,
Que a turba, que passa por sobre o teu sólo,
São livres, são moços da edade na flor.

Não és tu a patria dos grandes Andradas
Na voz de tribunos plantando as cruzadas
Em prol dos teus fóros negados em vão ?
Não ès o guerreiro, que as hostes imigas,
Na guerra amestradas, sem custo profligas,
Vencendo os valentes de Ormuz e Ceylão ?

Imperio orgulhoso; soberbo e gigante,
Não pares, caminha, caminha adiante,
Com os olhos no Throno cercado de luz.
Não durmas, nem tremas, não curves o cóllo,
Que a turba, que passa por sobre o seu sólo,
São fortes, são livres, são filhos da Cruz.

E tu, Mocidade, phalange animada,
Que fazes o encanto da patria adorada,
Que além te reserva brilhante porvir ;
Consagra os teus dias, teus hymnos à gloria
Da terra dos bravos de eterna memoria,
Que a fronte de louros terás de cingir.

Não vês que rutila por sobre as montanhas
O sol de setembro de glorias tamanhas,
Mostrando a alvorada de um bello existir ?
Não ouves no pico das serras o grito
Maior do que as molles vetustas do Egypto,
Maior do que o mundo, maior que o porvir ?

E o echo das serras proclama a verdade,
Que o filho das mattas bradou—liberdade !—
Do Prata ao Amazonas retumba essa voz.
Quebraram-se os élos da injusta cadeia,
São livres os povos, domina-os a idéa,
Mimoso legado de nossos avós !

E os labios dos bravos, ardentes de gloria,
Prorompem nos hymnos da excelsa victoria,
Que os filhos de Lisia fizeram tremer !

São livres os povos ! fluctua a bandeira,
Que as filas cobrira da gente guerreira,
Que tinha por norte :—ser livre ou morrer !

Sejamos unidos, mais fortes seremos :
Dos livres vergontea, si livres nascemos,
Das sacras reliquias guardemos a lei.
Brazil ! minha patria, serás sempre grande,
Pois guia-te um Pedro, maior que Alexandre,
Governa-te um sabio, que é mais do que um rei !

III

Francisco Leite Bittencourt Sampaio

I

No Mar

Vem comigo, ò doce amada,
Vem sobre as ondas do mar :
A garça mimosa
Não é tão ligeira,
Que a barca veleira,
Formosa
Levada
Da brisa a voar.

Linda concha—a barca bella
Deixemos solta correr.
Oh ! vem comigo, donzella,
No mar de amores viver.

A vida nos corre breve
No mar de bellezas mil :
Seus threnos soltando
O cysne de prata,
Seu collo retrata
Vogando
De leve
Nas ondas de anil.

Linda concha—a barca bella
Deixemos solta correr.
Oh ! vem comigo, donzella,
No mar de amores viver.

Rainha do dia, a aurora
E' doce vel-a no mar,
Deixando o horizonte
Por entre a neblina,
Delgada cortina
Que a fronte
Descora
Das flores do ar.

Linda concha—a barca bella
Deixemos solta correr.
Oh ! vem comigo, donzella,
No mar de amores viver.

—

O céo se anila nas agoas,
E' oiro o sol á fulgir :
A viva ardentia
Do astro brilhante
Convida o amante,
Que ancia
De magoas,
Venturas fruir.

Linda concha—a barca bella
Deixemos solta correr.
Oh ! vem comigo, donzella,
No mar de amores viver.

—

A lua tem sua origem
No seio escuro do mar :
São doces seus raios
Batendo luzentes
Nas vagas trementes,
Desmaios
De virgem
Que vive a scismár.

Linda concha—a barca bella
Deixemos solta correr.
Oh! vem comigo, donzella,
No mar de amores viver.

—

Voz de Deus, a tempestade
Não te assuste, ó meu amor!
A' supplica cede
O Alto-potente,
O anjo innocente
Que pede
Piedade
Ampara o Senhor.

Linda concha—a barca bella
Deixemos solta correr.
Oh! vem comigo, donzella,
No mar de amores viver.

Sopre o vento, ruja a vaga,
Medonho se torne o mar!
No meio á tormenta
Serás, minha bella,
Estrella que vèla,
Que alenta,
Que afaga
Do nauta o cantar!

Linda concha—a barca bella
Deixemos solta correr.
Oh! vem comigo, donzella,
No mar de amores viver.

II

A Cigana

Lá corre a morena, levando faceira
Na cinta punhal,
Veloz como a ema saltando ligeira
Por montes e val !

Gentil, engraçada,
Dissereis levada
Por artes de amor !
Agora fugindo,
Sorrindo
Innocente,
Lá vai de repente
Pulando...
Brincando...
Fallando...
Ne prado co'a flor.

A linda trigueira cançada sentou-se
No verde tapiz :
Mas—logo—um momento de pé levantou-se
Contente e feliz.

—«Travessa menina,
Vem ler minha sina,
Não fujas, vem cá !»
Chegou-se a cigana,
Que engana
Innocente
Com ditos a gente,
Saltando...
Gyrando...
Cantando...
No seu patuá.

Que vida de louca! Que amores! Que ditos!
Que voz que ella tem!
Seus olhos são grandes, são pretos—bonitos—
Relusem tão bem!..

Que momo engraçado!
Seu pé delicado
Mal toca no chão!
Arfava-lhe o seio
De enleio
Innocente!
Olhou me de frente,
Parando...
Corando...
Scismando...
Trovou-me da mão.

Medita enleiada,—talvez vergonhosa,—
Das graças que fez.
Agora tremendo parece uma rosa
Cahindo de vêz!

—«Que sentes, morena?
Acaso tens pena
Que eu morra por ti?
Que sorte, querida!
Que vida,
Innocente!
Viver docemente
Te amando...
Brincando...
Beijando...
Teus labios—aqui!»

Olhou-me raivosa! Seus labios tremendo
De vivo coral
São mudos, não fallam.—Nos ares movendo
Mostrou-me o punhal.

—«Que genio tão forte !
Me dás cruel morte
Por beijos, ó flor ? !
Crueza de ingrata !
Pois mata,
Innocente !
Qu'eu saiba somente;
Te amando...
Brincando...
Folgando...
Que a morte é de amor !»

A linda cigana tirando do seio
De clicia um botão,
Fallou ás folhinhas com susto e receio,
Contando-as na mão.

Agora sem medo
Mansinha do dedo
Tirou-me um annel:
Então já fugindo,
Sorrindo,
Innocente,
Me diz de repente,
Pulando,
Voando...
Cantando..
«Serei-te fiel !»

E foi-se a cigana, levando faceira
Na cinta punhal,
Veloz como a cema saltando ligeira
Por serras e val.

III

Bem te vi !

Debaixo d'este arvoredo
Para te olhar me escondi.
Tu passavas ;—em segredo
Cantei baixinho com medo :
Bem te vi !

Quiz dizer-te atraz correndo :
«Morro de amores por ti !»
Mas não sei porque tremendo
Fiquei parado, dizendo :
Bem te vi !

Junto á fonte crystallina
Scismando chegaste alli.
Sopra a briza á cazuarina
Doce nome—Cipladina—
Bem te vi !

E tu voltaste cantando,
—Que voz tão meiga que ouvi !
Fui então te acompanhando :
Foste andando... foste andando...
Bem te vi !

IV

A rosa dos bosques

Andava um caçador, ao sol do meio dia,
Alva corsa á seguir, que rapida fugia
Por entre um matagal ;
Ao longe elle avistou vermelha e linda roza,
Que excedendo a manhã na rubra côr mimosa
S rria festival.

«Serás minha !» bradou, e já largando
Arco e flecha no chão,
Vai em busca da flor ;—ella corando
Fez-se então mais vermelha,
Como se acaso abelha
O caçador lho fosse, ou um zangão.

Eis passa-lhe perto
A corça á correr ;
E o moço inexperto
Alli no deserto
Deixou de acolher.

Mas voltando atraz agora
Seu arco e flecha apanhou ;
Procura a flor que o enamora,
E de longe assim fallou :

«Já que perdi minha corça,
Uma rosa hei de apanhar ;
Levar-te-hei mesmo a força,
Que bem sei me has de picar.»

E para a flor se encaminha,
Correndo alegre e infantil :
«Roza ! roza ! serás minha !»
Era a rosa India gentil.

V

Amores

Espera, meu anjo, não fujas tão cedo !
Acaso tens medo
Que o mundo maldiga de ti e de mim ?
Aqui neste bosque ninguem nos espreita :

E's tão innocente !
Um beijo somente
Acceita...
Assim !

Oh ! deixa abraçar-te, morena mimosa !
Inveja-te a rosa
A cor d'essas faces de rubro setim !
Um beijo innocente...—Que goso, donzella !
Eu morro de amores
Sentindo os odores
Da bella.
Assim !

Escuta, não ouves ?! São cantos sentidos,
São meigos gemidos
Que as rôlas amantes soltaram por fim !
Imita, se amas, a rôla amorosa ;
Comigo abraçada
Serás minha amada,
Ditosa...
Assim !

Desmaias ?! Suspiras ? !—Que linda figura !
Não mata a ventura,
Que então eu morrera de goso sem fim :
Desperta, innocente, que amores dão vida.
As rôlas amaram,
Tambem se beijaram,
Querida...
Assim !

VI

A Somnambula

Alta noite nas trevas perdida
Branca sombra de um'alma sentida
Aerea caminha... caminha á voar !..

Parece a neblina levada do vento,
Da noite ao relento
Phantasma que a mente costuma sonhar!

Lá corre ligeira...
Talvez feiticeira
Quem sabe si o é?
Mas eil-a cançada, que agora parando,
Medita scismando
Ao longe—de pé!

Das estrellas á luz frouxa, escaça
Mais se eleva e medonha se exalça
Nas trevas a sombra que surge acolá!
Choguemos ao perto...—Meu Deus que mysterio!
Emblema funereo
De negros pezares acaso será?!

Ai! pobre menina!
Gentil peregrina
Desprende o teu véo!
Estatua não falla: seus labios abertos
Murmuram concertos
Dos anjos do céo!

Tem a face sem cor desmaiada,
Meiga rosa talvez desbotada
Em lubricos gozos de immundo prazer!
Dos olhos o lume tão languido, escaço,
Vagueia no espaço
Buscando as estrellas que avista sem vêr!

Coitada! que vida!
Tão moça perdida
Dos annos na flor!
Oh pallida sombra de virgem serena!
Incauta açucena,
Tu morres de amor?..

Não responde : nos labios o riso
Da donzella bem mostra que o siso
Perdera-se em noite de orgia infernal !
Um anjo dissereis da graça cahido,
Do todo perdido,
Perdido nas trevas chorando o seu mal !

Oh louca amorosa !
Gentil mariposa,
Não fujas de mim !
Eu quero em teus braços a vida de amante
Passar um instante
Beijando-te assim !

Frio vento soprou-lhe os cabellos,
Desprendidos e soltos e bellos,
Quaes harpas celestes dos anjos de Deos !
São notas aereas o canto da briza,
Que assim se deslisa
Nas cordas sonoras, voando p'ra os céos !

Que doce belleza !
Si d'alma a pureza
Não desses de mão,
Serias, ó bella, de Deus invejada,
Dos anjos amada
Com louca paixão !

Não importa ! ha de amar-te minh'alma
Co'este fogo que nunca se acalma
Na tôrva existencia do meu padecer !
Comtigo abraçado no riso e nas dores,
Morrendo de amores
Farei a ventura do nosso viver !

Ai ! tremes, suspiras ?
Amante deliras
De amor que seduz ? !

Oh pallida sombra de virgem perdida !
Procura na vida
Um astro uma luz !

E olhou-me calada chorando,
E convulsa sorriu soluçando,
Que o sangue gelar-se no peito senti !
Ideia de mortos a mente me assalta,
Eis cresce e se axalta...
Até que por terra tremendo cahi !...

Que sina !—dormia
Em noite tão fria
Correndo a sonhar !
Estrella nas trevas tremendo, luzindo,
A pobre sorrindo
Fugiu-me a voar...

VII

O canto da serrana

Pomba do valle, que azinha
Vais tão distante á voar !
Si lá n'outras terras
Vagando por serras,
Tu vires o esposo,
Saudoso
A chorar...

Oh ! dize, avezinha,
Que trtste e mesquinha
Falleço de dor !
Que n'este retiro
Saudosa deliro
De amor !

Pobre amor ! triste serrana
Traz dorido o coração !
Crueis agonias
Affeião-lhe os dias,
Chorando sem termo
No êrmo
Ao sertão !

Que sorte tyranna !
Na pobre cabana
Sosinha à gemer..
Que angustia ! que dores !
Podesse eu de amores
Viver !

—

Vivera vida de enleio
N'este deserto á sonhar,
Em vêz d'agro pranto,
Se ouvira o meu canto
Na brisa macia,
Que ancia
No ar !

Do esposo no seio,
Então sem receio
Podera eu dormir ;
E ao fresco do vento,
Da lua ao relento
Sorrir.

—

Vem ! terás, meu sertanejo,
Os favos de jatahy :
E' tão saboroso,

Tão puro e cheiroso
O mel delicado,
Guardado
P'ra ti...

Ai! vida! n'um beijo
Bem fundo desejo
Se mata co'ardor!
Do goso nos lumes
Scrvendo os perfumes
De amor.

—

Os meus compridos cabell s
Com baunilha os perfumei.
No leito macio
Te aguardo do frio
Com flores do monte
Que a fronte
Adornei.

Não queres mais vel-os?
Meu Deus! que de zelos
Eu vivo a sentir!
Nem um só momento
Me é dado ao tormento
Fugir!...

—

Escuta! são teus filhinhos
Que choram por ti tambem!
Cruenta saudade
Em mesta soidade
Recresce na vida,
Ferida
Que têm!

Tres mezes sósinhos
Aqui, coitadinhos !
Sem verem seu pai !
Ai delles ! em pranto
Traduzem seu canto
N'um ai !

—

Volta, volta, meu tropeiro
Que è deserto o teu casal.
Da pobre morena
Adoça-lhe a pena,
Subindo p'ra serra
Da terra
Natal.

Cruel forasteiro !
Procura o carreiro
Do gamo veloz ;
Nos braços d'amante
Ai ! pousa um instante
A' sós !...

VIII

A flor e a brisa

Linda flor que na floresta
Vivia triste á scismar,
Fez-lhe um dia a briza festa,
E poz-se a flor a corar.

—« Que sentes, linda florzinha,
Perguntou-lhe a brisa então,
Doe-te o viver tão sozinha
N'esta erma solidão ? »

—« Meiga briza, mais corada
Respondeu-lhe a flor assim,
Eu vivo aqui desprezada,
Ninguem se lembra de mim! »

—« Pois virei, flor de esperança,
Fallar-te de amor e Deus:
Mas dar-me-has por lembrança
N'um beijo os perfumes teus. »

E foi-se lá na floresta,
Deixando a triste a scismar;
E nunca mais fez-lhe festa,
Que a flor se poz á murchar!

IX

A Lua

Imagem formosa de virgem sentida
Que vive á chorar,
A lua nos ares vagueia perdida
Sem nunca parar.

E' floco de neve
Nas azas da briza levado de leve
Aos astros do cèo:
Anjinho saudoso n'um campo de flores
Correndo, cahindo, morrendo de amores,
Da noite no véo.

Espelho de prata nos ares luzindo
Que a terra seduz;
Do sol é sentelha, é astro fulgindo,
E' cirio de luz.

Rainha formosa
De estrellas cercado se assenta orgulhosa
N'um throno de azul;

Seu manto luzente lhe beija o horisonte,
E as ondas e a praia e os valles e o monte,
No norte e no sul.

Amante extremosa, do sol namorada
Desmaia de dor ;
Parece açucena de noite calada,
Morrendo de amor.

E' noiva viuva,
Que as vezes chorando seu pranto lhe turva
O rosto gentil ;
Mas logo se arreia de um brilho que esquece
A dor de um momento que já desfalce
N'um riso infantil.

E' alma perdida no espaço deserto,
Em mesta soidão ;
Luzeiro das trevas—mysterio encoberto
De lindo clarão.

Emblema da vida,
O' pallida sombra de uma alma perdida
Que vive a chorar,
Desprende teu vôo macio, n'um raio
Da terra me leva n'um doce desmaio
Os ceos a habitar.

X

A' mocidade academica

Sois da Patria esperança fagueira,
Branca nuvem de um roseo porvir ;
Do futuro levais a bandeira
Hasteada na frente a sorrir.

Mocidade, eia avante ! eia avante !
Que o Brazil sobre vós ergue a fé.
Esse immenso colosso gigante
Trabalhai por erguel-o de pé.

O Brasil quer a luz da verdade,
E uma c'rôa de lour s tambem ;
Só as leis que nos deem liberdade
Ao gigante das selvas convem.
Vossa estrella reluz radiante,
Oh ! segui-a vós todos com fé.
Esse immenso colosso gigante
Trabalhai por erguel-o de pé.

E' nas lettras que a Patria querida
Hade um dia fulgente se erguer :
Velha Europa curvada e abatida
Lá de longe que inveja hade ter !
Nós iremos marchando adiante,
Acenando o futuro com fé.
Esse immenso colosso gigante
Trabalhai por erguel o de pé.

Orgulhoso o Bretão lá dos mares
Respeitar-nos então hade vir.
São direitos sagrados os lares,
Nunca mais ousarão nos ferir.
Auri-verde o pendão fulgurante
Hasteai-o, mancebos, com fé,
Esse immenso colosso gigante
Trabalhai por erguel-o de pé.

São immensos os rios que temos,
Nossos campos quão vastos que são !
As montanhas tão altas que vemos
De um futuro bem alto serão.

O futuro não vai mui distante,
Já podeis accnal-o com fé.
Esse immenso colosso gigante
Trabalhai por erguel-o de pé.

Nossos pais nos legaram guerreiros
Honra e gloria, virtude e saber ;
Nós os filhos de pais brasileiros
Pela Patria devemos morrer.
Mocidade, eia avante ! eia avante !
Que o Brasil vos aguarda com fé.
Esse immenso colosso gigante
Trabalhai por erguel-o de pé.

XI

O Lenhador

Do Norte nas mattas um pobre captivo
Curvado dos annos, de fome a morrer,
Dizia chorando: « Não sei porque vivo
Se livre na terra não posso viver ! »

Apenas seu canto soltava o tucano,
Vigilia das selvas, da aurora cantor,
Caminho das mattas lá ia o Africano
Que manda com gitos seu rude senhor,

Mostrava-lhe as costas a rota camisa
Em f' ridas abertas do muito apanhar,
Do rôsto nas rugas a dor se divisa,
Faz pena de vel-o calado a chorar !

Trabalha, captivo ! trabalha morrendo,
Que escravo dos brancos a sorte te fêz !
O vento que passa nas selvas gemendo
Trabalha—não ouves, dizer-te uma vês ? !

Levanta o machado, que a noite não venha!
Avia-te em breve, que o sol vai-se pôr!
Arrasta teu feixe pesado de lenha,
Que a muito te espera teu bruto senhor.

Não temas a onça que ruge medonha,
Que a onça raivosa só sabe rugir;
Do fero azurrague tem medo e vergonha,
Procura, meu velho, da morte fugir!

E á sombra de um'arvore o pobre captivo
Curvado dos annos, de fome a morrer,
Dizia chorando: « Não sei porque vivo,
Si livre na terra não posso viver! »

Retumba na matta medonho estampido
Do rouco ribombo de horrendo trovão;
O echo na serra responde perdido..
As palmas se envergam; se arrastam no chão!

A onça fugindo se acoita medrosa,
Não corre o veado que agora parou!
A rôla em seu ninho se occulta amorosa,
E o pobre captivo por terra ficou!...

Foi Deus que livrára, n'um raio divino,
Da vida de escravo quem livre nasceu!
De tudo me lembro, que eu era menino
Lá quando este caso no Norte se deu.

XII

O Tropeiro

Camarada, toca avante,
Que o sol se vai occultar;
Mais uma legoa adeante
Devemos nós sestear.

Vês o céo ? está formoso,
Brilha a estrella do pastor ;
O tropeiro vai saudoso,
Vai cantando o seu amor.

Lá deixei na minha terra
A mulher com quem casei ;
Ao descer d'aquella serra
Saudoso pranto chorei !
Que a morena é minha vida,
E' na terra a minha flor.
A minh'alma vai partida,
Só me alenta o seu amor.

Vivo ao sol, à chuva, ao vento,
Cuidando só do que é meu ;
Mas de amor o pensamento,
Ai ! morena, é todo teu !
Sai-me do peito um suspiro,
Quando vejo o sol se pcr.
Tem poesia o retiro,
Tambem tenho o meu amor.

Olha a tropa, camarada,
Que não se vá dispersar ;
Iremos, si está cançada,
N'aquelle pouso pousar.
O rancho não é seguro ?
Pouco importa ao meu valor.
Deus conhece do futuro,
Fez-me forte o seu amor.

A garrucha trago ao lado,
E o meu trabuco tambem ;
Cobre o ponche adamascado
O punhal á cinta vem.
Valente quem for que o diga,

Ousado venha quem for.
Sei chorar minha cantiga,
Sei morrer tambem de amor.

Dá-me, patricio, a viola,
Quero a modinha ferir ;
O meigo canto da rola
Não tem mais doce carpir !
Que o tropeiro apaixonado
Tem na voz muito langor.
O meu peito vai ralado,
Só me alenta o meu amor.

«A flor do valle mimosa
Tem perfume a rescender :
Gosto de vel-a chorosa
De manhã ao sol nascer.
E' como ella a florzinha
A desmaiar-se de dôr.
A morena é toda minha,
Deu-me todo o seu amor.»

Agora venha agoa ardente,
Quero o fandango tocar :
Passa-se a vida innocente
Quando se vive a dançar.
O trabalho do costeio
Não desagrada ao Senhor.
De chilenas sapateio,
No dançar vai muito amor.

D'Araponga se ouve o canto
Lá para as bandas do val :
A noite tem seu encanto,
E esta v da é sem igual.
Mas é hora da partida,

Diz a estrella em seu fulgor ;
Vai minh'alma entristecida,
Só me alenta o seu amor.

Quando voltar para a terra,
Para a terra onde eu nasci,
Subirei contente a serra,
Que tão triste hontem desci !
E nos braços da morena,
Gosando da vida, a flor,
Ai ! direi, a minha Helena
E' sómente o meu amor.

XIII

A mucama

Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar ?
A minha branca querida
Não hei de nunca deixar.
Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar ?

Tenho camisa mui fina
Com mui fino cabeção ;
As minhas saias da China
São feitas de babadão.
Tenho camisa mui fina
Com mui fino cabeção.

—«Sinhá, permitte que eu saia ?
«—A' tarde póde sahir.»
Visto então a minha saia,
Lá me vou a sacudir.
—«Senhà, permitte que eu saia ?
«—A' tarde póde sahir.»

Deito o meu torço com graça
E a minha beca tambem ;
Atravesso a rua, a praça,
Dizem logo : «eil-a que vem !»
Deito o meu torço com graça
E a minha beca tambem.

Si arrasto bem as chinellas
As chaves fazem tim... tim...
Vejo abrir uma janella
D'onde alguem olha p'ra mim.
Si arrasto bem as chinellas
As chaves fazem tim... tim...

E o velho diz do sobrado :
« Minha criola, vem cà. »
Não gosto do seu chamado,
Não sou criola : p'ra lá !
E o velho diz do sobrado :
«Minha criola, vem cá.»

Os moços todos me adoram
Me chamam da noite flor ;
Atraz de mim elles choram
Por elles não sinto amor
Os moços todos me adoram,
Me chamam da noite flor.

Tenho alguem que no caminho
A' noite me vem fallar
Que com affago e carinho
Sabe a mucama abraçar
Tenho alguem que no caminho
A' noite me vem fallar

Que me diz com voz mansinha
O que eu nunca ouvi dizer :
«Minha *preta*, tú és minha,

Has de comigo viver !»
Que me diz com voz mansinha
O que eu nunca ouvi dizer.

E' senhô mcço ! Que agrado !
E' senhô como não ha !
Diz me sempre : «Tem cuidado !
Não contes nada a senhá !»
E' senhô moço ! Que agrado !
E' senho com não ha !

Já nem tenho mais saudade
Da minha terra gentil !
Vivo escrava da amisade,
Quero morrer no Brazil.
Já nem tenho mais saudade
Da minha terra gentil !

A' noite sei o meu canto,
Que faz o peito gemer ;
Mas n'estes olhos o pranto
Jamais ninguem ha de ver !
A' noite sei o meu canto,
Que faz o peito gemer.

Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar ?
A minha *branca* querida
Não hei de nunca deixar,
Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar ?

XIV

O canto do pescador

Na minha ygára vogando
Por estas ondas de anil,
Sentado na pôpa, sozinho scismando,
Desliso, cantando
As glorias que alembram meu patrio Brasil.

Por vela trago esta rama
De verdes folhas que vês;
A brisa soprando-a, de amores se inflamma,
E foge e derrama
Nos ares perfumes, mas volta outra vez.

Sinto fome? a rêde lanço,
Atiro a fisga e o anzol;
São tantos os peixes que apanho n'um lanço,
Que às vezes me canço
De estar todo o dia postado no sol.

Mas em breve a quente calma
Vou nas agoas abrandar;
Já fresco e cantando dirijo minh'alma
A'quella que a palma
Promette de amores bem cedo me dar.

Qu'eu tenha por leito as agoas,
As estrellas por docel,
Na voz doce canto, mais doce que as magoas
Da rôla que em fragoas
Soluça na ausencia do esposo infiel.

Ai! si da margem se mira
A garça no azul crystal,
E o collo nas agoas mergulha e retira,
Em quanto suspira
O vento nas folhas do escuro mangal..

Eu gemo triste a cantiga,
Que mais falla ao coração!
Os echos respondem ao nome da amiga...
E n'alma se abriga
Mais pura, mais terna, mais doce paixão.

E volto a vêr a choupana,
Que o dia inteiro não vi;
Encontro nas praias sentada a Indiana.
Que alegre, que ufana
Ao ver-me se apressa, correndo p'ra mim!

Abraço-a; dá-me carinhos,
Dá-me do seio uma flor:
Beijando-a, lhe entrego doirados peixinhos;
E ambos sozinhos
Alli nos ficamos, fallando de amor.

Mas logo corre ligeira
A vêr a mãi que a chamou:
Então lá de longe, parando, a trigueira
Me diz feiticeira,
Sorrindo, accenando: «adeus, qu'eu me vou!»

E eu vivo, ai! n'esta vida
Mais feliz do que ninguem!
Minh'alma, de amores vivendo entretida,
Não busca perdida
Gozar d'esses luxos que o mundo contêm.

Que assim na ygára vogando
Por estas ondas de anil,
Deitado na popa, sozinho scismando,
Desliso, cantando
As glorias que alembram meu patrio Brasil.

IV

José Maria Gomes de Souza

I

Aracajù

(Quando tinha tres annos de fundada)

Quem viu a fresca odalisca
Do rio á margem sentada,
Descantando uma toada
Aos doces sons do arrabel,
Já viu, sentada indolente,
Exposta aos beijos da aragem,
Do Cotinguiba na margem
Do norte a terra novel.

Já viu, mordendo-lhe a planta,
Rolar o rio iracundo,
Ou soluçar gemebundo,
Como se amores sentisse,
E sobre o dorso azulado
Vogar canoas airosas,
Aflando as velas mimosas
Com donosa garridice.

Eu amo tão linda terra
Onde os ventos, de contino,
Vem coxixar o seu hymno
De gratidão ao Senhor.
Amo seus comoros de area

Fingindo blócos de prata
E a rumorosa cascata
Que além suspira do amor

Amo nas noites de estio
Os raios da lua cheia
A reflectir-se na area,
Na branca area da praia ;
Amo na fresca alvorada
Dos passarinhos o canto ;
Da estrella d'alva amo o pranto,
Que no horisonte desmaia.

Salve, formosa Provincia,
Que no teu flanco possante
Incerras o mais brilhante,
O mais soberbo thesouro,
Pois d'entre as c'roas virentes,
D'entre os torphéos gloriosos,
Que te inobrecem vaidosos,
E' este o mais bello louro.

Salve, esboço começado
De Veneza senhoril ;
Como a alvorada de abril,
Tal seja o futuro teu ;
Princeza ainda nas feixas,
Ridente estrella do Norte,
Que Deus ao nascer te deu.

Guardas do nosso progresso,
Vestal, o fogo sagrado ;
Entre o porvir e o passado
E's a linda divisoria,
Nasceste, como a Minerva,
Brandindo o gladio nitente ;

E's a miná̀z combatente
Do futuro pela gloria.

Salve, terra bem fadada,
Salve, Veneza gentil !
Qual a alvorada de Abril,
Tal seja a tua alvorada,
Tu, Cotinguiba ruidoso,
Se alguem, por cobiça immunda,
A' vóz do joven poeta
Referve, recresce e a inunda !

II

Aracajú

(Trinta e cinco anuos depois)

Cantei-te, quando semi-núa e linda
Do mar surgias, humida serêa ;
Quando os formosos membros, mal enxutos,
Espreguiçavas sobre a branca arêa.

Eras no primo desalinho ainda ;
As nudas fòrmas se exhibiam frescas ;
Mal despertavas ao rugir da onda
A cochixar-te phrases barbarescas.

Eras linda, talvez desta lindeza,
Rude e selvagem, que ao deserto viça,
Mixto de côrça que a criança afaga
E de panthéra, quando o pello irriça.

No combate incessante e desabrido
Que o genio do homem ao elemento off'rece
E aonde a força bruta, de continuo,
Da intelligencia á voz fraca obedece ;

E's tu, Aracajú' a verde palma
Que o esforço sergipano conquistára :
Sobre as fórmas pagãs de uma serèa
Vestes à européa lhe talhara.

Crescer : tal é a lei da humanidade,
Crescer, subir à topetar com os astros ;
E'-lhe destino superar barreiras,
Após deixando luminosos rastros,

Cresce, progride, ó perola do Norte !
Audaz mergulhador, o humano esforço
Foi buscar-te do pélago no fundo
E assentou-te do Atlantico no dôrso !

Cresce, progride, ó perola do Norte !
Inceta a lucta ingente do trabalho :
Fronte a perder ao peso das ideas,
A mão calosa de vibrar o malho.

Quero te ver soberba, altiva e grande
Impôr teu nome ao mais distante pólo ;
Cruzem vapores mil teus largos rios,
Carregando as riquezas de teu sólo.

Aos garganteios de araponga estridulos
Succeda o ruido de officinas mil ;
E, fumo negro as chaminés bufando,
Tisnem a limpidez do céo de anil.

Ao galope infernal do *Paulo Affonso*
Se case o sibilar do trem de ferro ;
Que ao supremo poder da intelligencia
Curvem-se o ar, o vento, a onda, o serro.

Oh ! fora bello ao som das cocheiras
Casar-se o santo estremecer do prélo :

Ao arco estéril do tapuia inglorio
Prepor a penna de escriptor — é bello.

Lasquem-se os troncos dos ipés vetustos,
Ergam-se altares ; num altar Jesus,
O Mestre no outro altar, ambos vasando,
N'alma da infancia borbotões de luz !

Crescer — tal é a lei da humanidade,
Crescer, subir á topetar com os astros !
Qual sóbe a luz, o pensamento, a idéa,
Após deixando luminosos rastos !

Então o poeta, que cantou-te a infancia
E hoje celebra a tua adolescencia,
Virá pedir-te hospitaleiro abrigo
Para os ultimos dias de existencia.

III

Chromo

(Aos seus netos Daria, Abilio e Josè)

Tenho em meu lar tres auroras,
A cujos brancos fulgores
Sinto rarear, aos poucos,
De minha vida os agrores.

Um *trio* de pintasilgos
Alegres, doudos, gracis ;
Voejam, cantando amores,
Por meus joelhos senis.

São as minhas primaveras
Cheias de maga ledice
Que voltam, compadecidas
Das cans de minha velhice.

Quando á luz do sol nascente
Esvoaçam pelo quintal,
Tremem, tomadas de susto,
As flores do meu rosal.

Cantam, riem, vociferam,
Bramam, brigam de continuo ;
Ronpem das tenras gargantas
Ora um rugido, ora um hymno.

Dária a mais velha senhora
De bom juizo a pensar,
Vai atraz dos irmãosinhos
Sevéra, sempre a ralhar.

Conta cinco primaveras
E mais de doze filhinhos,
Formados á nossa imagem
De louça, algodão e linhos.

Ei-la no jardim. Dicereis
Uma rosa entre as mais flores.
Tapa a bopuinha vermelha
Com medo dos beija-flores.

Canta,—O sabiá defronte
Diz alegre : é minha irman !
Eu orgulhoso contesto :
E' «Maria Malibran.»

Marcha na frente o Abilio
Montado em seu *alazão*,
Rebelde ao freio de imbira
Corcovêa, escrava o chão.

E da caça as borboletas,
Brandindo o fêro chicote.

A Dária exclama sorrindo :
Avante, meu dom Quichote !

Fère as roseiras que encontra,
Apedreja os passarinhos,
Que fogem, entre si dizendo :
Ai pobres de nossos ninhos !

Suando, ofegante, rubro
Apêa o feroz guerreiro.
Não descansa. Trépa asinha
Aos galhos do pecegueiro.

No meio do grupo, aos saltos,
O José, que conta um anno,
Vai pelo chão se arrastando,
A' guisa de um quadrumano.

Gordo, nú, aboborado,
Sujo, oleoso—divino !
—Esboço apenas de homem,
Casto preludio de um hymno.

Comtempla imbecil e pasmo
As traveSsuras do irmão ;
Agita os nédios bracinhos,
Quer se erguer... rola no chão,

Olha o Abilio nas alturas,
Forceja por lá chegar..
O' andorinha, que passas,
Vem-lhe as azas emprestar.

Taes as minhas primaveras,
Cheias de louras manhans,
Que voltam, compadecidas
Do frio de minhas cans.

IV

Maria

A' sombra de odorente laranjeira
De flores mil, de aromas mil banhada,
Dormita a minha loura feiticeira
A's virações da noite perfumada.

A farta e aurea trança se destende
—Cascata de ouro, pelo chão relvoso— ;
O casto olhar que a lua lhe despende,
Da moça aclara o vulto gracioso.

Os effluvios da noite respirando
Dorme tão bella, qual um branco lyrio ;
Defronte o sabiá, de quando em quando,
Fére um *trémolo* de amor e de delirio.

Dorme, rosa de Deus, entre estas flores
A sonhar com os archanjos docemente,
Emquanto eu vélo só com os meus ardores
Contemplando teu rosto, alvo, innocente.

Deixa-me contemplar, extasiado
Tanta belleza, mocidade e incanto,
N'este rosto infantil e assetinado
Como lua de maio em céo sem manto.

Tu pareces a imagem da ternura
Quebrada aos beijos de volupia ardente ;
Sylpho mimoso que cahio da altura
Por um raio da lua transparente.

Amo-te tanto, pallida bobina
Gozósa emanação que a noite exhala;
Dos preludios que Deus á terra ensina
E's o preludio, que mais doce fala.

Amo, creança, teu perfil formoso,
O seio palpitar, a loura trança,
Teus olhos de um azul doce e amoroso,
Teu corpo aério que no chão descança.

E si alguem já morreu por dar um beijo
N'uns frescos labios, como os teus, Maria,
Dá que eu cumpra, formosa, o meu desejo...
Fôra-me doce a ultima agonia!

V

A musica

E' a musica o incenso mais puro
Que se queima nas aras de Deus;
E' a prece mais santa e mais bella
Que da terra remonta-se aos céos.

E' a vóz infantil e suave,
Com que o anjo a Mario saudou;
E' a pomba que, após o diluvio,
O signal de bonança levou.

E' a pallida e meiga madona
Juxta crucem sosinha scismando;
E' a Niobe, a mãe desditosa,
E' Agar no deserto chorando.

E ella diz: gloria a Deus nas alturas,
E ella diz: paz aos homens no mundo!
—Melodia que desce de cima,
Murmurio que sóbe do fundo.

E' musica a doce linguagem
Das paixões, da ternura, do amor;

E' a doçe expressão da saudade,
E' a lagrima triste da dôr.

Ella tem os perfumes do lyrio,
As doçuras de um brando luar,
Os soluços da tarde que expira,
Os rumores da vaga do mar.

E ella ri, ella chora, ella canta,
Diz aos loucos amantes : amai !
Diz aos tristes que soffrem na sombra,
Diz com voz maviosa : esperai !

E' tambem a linguagem sublime,
Com que Deus fulminou a impiedade ;
E' o rouco troar das trombetas
Ante os muros da invicta cidade.

E' a voz de Moyses eloquente
Sobre os pincaros do monte Synai,
O cyclone que passa rugindo,
A procella que rabida cai.

E' o sussurro sonoro das azas
Dos condores, rasgando a amplidão,
Pororôca do ingente Amazonas,
Do Niágara soberbo golphão.

Os seus labios têm risos de archanjo
E rugidos de fêro leão ;
—Lago azul, onde a estrella se mira,
E cratéra em continua explosão.

IV

Vaporosa

N'um dos raios da lua transparente
Tu á terra desceste;
Foi teu somno trêdor, adormeceste
E acordaste inditosa
N'um mundo estranho, rescendendo ainda
De perfumes ethereos,
Circumdada de magicos mysterios,

Deus, talvez agora mesmo,
Em seu solio radioso
Sinta a falta, entre seus anjos,
Do mais lindo e mais formoso.

Sim, presente-se ainda no teo rosto
Um quê divino, um ar do paraiso;
A' sombra das roseiras do infinito
Desabrochaste ao sol de almo sorriso.

E's como virgem encantada
De alguma lenda pagã,
Que do botão de uma rosa
Desencantou a manhã.

Choras? sentes saudades das amenas
Primaveras do céo?—arido e triste
E', meu anjo, o planeta em que cahiste!
Aqui vegeta o vicio;
E tu vieste nodoar as azas
Do immundo precipicio
Nas densas trevas, nos lethais paués,
Borboleta dos paramos azues.

Por Deus, por Deus não profanes
Tua pureza de lyrio,

Volta n'um raio da lua,
Volta de novo ao empirio.

Mas si neste planeta, ó forasteira,
Tens de ficar por muito tempo ainda,
Conviver com os humanos e entre elles
Arrastar tua vida aeria e linda,

Vem commigo, ó vaporosa,
Desperdiçar teus primores;
Cercar-te-hei a existencia
De amores, hymnos e flores...

VII

A uma moça rica

Esta moça é um thesouro incomparavel:
Linda, como ella só e tem caroço.
Aquelle que lograr casar com a dita,
Carrega o Sincorà em carne e osso.

Seus cabellos sâo finos fios de *ouro*,
Seus olhos dous riquissimos *brilhantes*,
E' a bocca um *rubi*, os dentes *perolas*,
E o todo uma jasida de diamantes.

Canta? Seu canto tem o som metalico
Do tilintim das libras sterlinas;
Crê-se o ruido do papel-moeda
O farfalhar de suas poupelinas.

Aquelle que tirar a sorte grande
De ao altar conduzir esta sinhá,
—Garimpeiro feliz—leva comsigo
Bagagem, California e Sincorá.

VIII

Elegia

Creio em ti, mas ás vezes, como agora,
Sinto desfallecer a minha crença.
Deos, oh Deus, tu és pae, ou és verdugo?
Tal interroga a minha dôr immensa!

Porque me féres, pois? que mal te ha feito
Esta planta rasteira e pequenina,
Que só demanda ao sól um raio amigo,
E ás manhãs uma gotta adamantina?

Certo, não levantei templos, altares,
Em honra de teu nome e potestade;
Nunca paguei esse tributo esteril
Arrancado á imbecil credulidade.

Não fui diante das sagradas aras
De rojo me estender na lage fria,
Rasgando as vestes, macerando as faces
A' sombra de mendaz hypocrísia.

Tudo que è bom e grande, e nobre e justo
Em minha alma encontrou culto sincero;
Meu, pranto consagrei á dor alheia,
A' alheia culpa nunca fui severo.

Não profanei teus vasos sacrosantos
No luxo infrene de lethaes orgias;
Se ás vezes fraqueei aos pés de Omphália,
Nunca manchei o talamo de Urias.

Rasguei metade de meu manto escasso
Para do irmão os hombros nús guardar;
Resignado acceitei o amargo calix,
Que aprouve a ti aos labios meus chegar.

Porque me féres, pois ? que mal te ha feito
Este verme miserrimo, mesquinho,
Que só demanda ao sol um raio ; apenas,
— Occulto sob as hervas do caminho ? !

Lês na minha alma, qual em manso lago
Mergulha a estrella indagador olhar ;
Ella póde dizer, ella somente,
O que ha no fundo incognito do mar.

Lê na minha alma e dize-me (sê franco)
Si ella merece a tormentosa vida
Que, desde a infancia, quinhoaste a ella,
Sempre pela desgraça perseguida ?

Revoga, oh Deus clemente, o atroz decreto ;
Sê pae, não sê verdugo inexhoravel.
Não augmentas a dor ao opprimido,
Desce a mim um olhar doce, amoravel...

IX

Não sabes...

Não sabes, nunca o soubeste,
Este segredo guardei-o
Por muito tempo no seio
De minh'alma. Ame-te tanto,
Com tamanha idolatria,
Que desse amor já desfeito,
A's vezes, sinto no peito
Debil calor sacrosanto.

Eras creança. A dormida
Aos luares da innocencia,
Não lias a efervescencia
De uma alma a teus pés cahida ;

Que de teus olhos mimosos
Na pupila transparente
Relia a sina demente,
Sua esperança querida.

Quantas vezes ao sentir-te
Junto de mim, descuidada,
Não te suppuz profanada
Do meu pensamento ousado !
Quando a humida fragancia
De teus cabellos feria
Os meus sentidos—temia
Profanar a fua infancia.

Nunca meu lahio anhelante
Ousou, n'um delirio insano,
Depor um beijo profano
Na neve de teu semblante.
De longe, sim no recésso
De minha alma dementada
Eras ahi adorada
Da idolatria no excesso.

Mas eis que entre nós se erguêra
Uma barreira invencivel,
E a mão do fado escrevera
N'ella a palavra—impossivel !
E aceitei resignado ;
Não oppuz o hombro másculo
Para abater o obstaculo
Que roubou-me o bem amado !!!

E vivi e ver-te pude,
Candida rosa de abril,
Ceder a fronte gracil
Aos beijos de um outro amor !!!
E não morri, e, covarde !

Assisto a alheia ventura !...
Nem de Tantalo a tortura
Foi maior que a minha dor !

Flor, cujos magos perfumes
Por gosar, eu dera a vida,
Vive feliz, esquecida
De mim, cujo amor ignoras.
Sejam-te os dias risonhos
Tecidos á fios de ouro ;
Sejam-te as noites auroras
Orvalhadas de aureos sonhos.

X

Aurelia

Era uma linda creança,
Alegre, loura tafúl ;
Rasgava um olhar traquinas
A sua pupilla azul.

Vinha da escola com as outras
Vadias, irrequietas...
Uma cascata de flores,
Um jorro de borboletas.

Era tão linda creança
Que eu mesmo nem sei dizer :
— Uma Julieta em projecto,
Um projecto de mulher.

A saia curta, indiscreta
Arregaçando faceira,
Deixava ver um pesinho
Da «gatinha borralheira...»

Era uma aurora surgindo
Dentre as brumadas de abril ;
Um calibri ensaiando
O primo vôo gracil ;

Um sonho azul começado
No seio de uma bromelia ;
Tal era a loura creança,
Tal era a menina Aurelia.

Cinco annos depois, o acaso
Fez-me encontra-la na rua,
Um chale rôto, indecente,
Cobria-lhe a espadua núa,

Pallida, anemica e triste,
Passo incerto e desigual,
Deixava a pobre e mesquinha
Os grabatos do hospital.

Cinco annos ! Quem dissera ?
A fome, a doença atroz,
Estamparam-lhe no rosto
Decrepitude precóz.

Tinha dos olhos perdido
Todo o brilho divinal,
Perdido da rosea bocca
O bipartido coral...

O que fizeste, insensata,
(Dize em segredo ao poeta)
Dize, oh larva, o que fizeste
De tua azul borboleta ;

Onde, oh louca perdularia,
Tantos e tantos thesouros ;

Onde teus castos perfumes,
Que é de teus cabellos louras;

Quem de tua alma a innocencia
Tão brutalmente desfez;
Quem, vestal rompeu-te o manto
E rôto atiron-t'o aos pés?

E aquella loura creança,
Que eu vi ao sahir da escóla,
Passeia as ruas pedindo,
De porta em porta, uma esmola!...

Fugi, oh louras creanças,
Do vicio aos torpes paúes!
Fugi á chama tredora,
Oh mariposas azues!

O vicio tem atractivos,
Atractivos infernaes;
Seus beijos insidiosos
Guardam venenos lethaes!

IX

Henrique Dias

Do norte a gentil sultana
Cedeu, pela prima vez,
Sua cerviz soberana
Ao ferreo jugo hollandez.
Ai pobre da malfadada,
Barbaramente amarrada
Ao póste do despotismo;
Que triste que foi-lhe a sina..
Nem uma luz illumina
Nas profunduras do abysmo!

Seus lindos rios formosos,
Seus frescos flóreos palmares,
Seus passarinhos maviosos
De harmonia enchendo os ares;
Suas campinas de flores,
Seus matizes, seus verdores,
Vão ser bens de um novo dono.
E tu, sultana do norte
Pelos caprichos da sorte
Vais dormir de escrava o somno.

Não mais a lua te banha
Com seus arroios de prata,
Quando da etherea montanha
Nos lagos seus se retrata;
Pois se expira a liberdade
No peito de uma cidade,
Tudo ahi tambem expira:
Risos trocaram-se em prantos,
Em nenias alegres cantos,
Quando a Polonia ruira.

Porem não! Ao longe sôa
O grito ingente de guerra;
E, como o tufão, echôa,
Batendo de serra em serra.
Erguem-se as largas bandeiras,
Marcham adiante as fileiras
Que em seu socorro ahi vem;
Pois que do norte a sultana
Sua cerviz soberana
Nunca curvou á ninguem.

Ao rebentar das metralhas,
Da guerra ao tufão que zôa,
Qual o genio das batalhas,
Henrique Dias ahi vôa.

Na larga mão cobreada
Vai erguida a nùa espada
Ante a qual o imigo treme!
Quem é que lhe vendo a breve
Curva, que no ar descreve,
De raiva e medo não treme?

Negro no rosto, mais nòbre
Nos brios, como um Bragança;
Sob a couraça de cóbre
Uma alma de ouro descança.
E si as corôas coubessem
A'quelles que se expozessem
De sua patria em defesa,
Tinha á purpura direito;
Mais é qne a purpura do peito
Desterra toda a nobresa.

Fitando olhar de receio
No rosto altivo do bravo,
Tremeu, da peleja em meio,
O insaciavel batávo.
E tu, valente soldado,
Corajoso denodado
Despedes golpes de morte.
Por teu esforço guerreiro
Livraste do captiveiro
A linda filha do Norte.

Então a gentil captiva
Sua belleza assumio,
E, erguendo a cerviz altiva,
Ao seu gurreiro sorrio.
Assim a noiva formosa
Expõe as faces de rosa
Aos beijos do desposado,
La quando depois da dansa

Corada a fronte descança
Sobre o thóro perfumado.

Eis aqui Henrique Dias,
O heróe pernambucano ;
Nos brios, nas ousadias
Tinha um peito de espartano.
—Messias da liberdade,
Teu nome famoso ha de
Affrontar do tempo a acção ;
Ha de, gravado na historia,
Rolar, n'um hymno de gloria,
De uma á outra geração.

VIII

Colombo

Da tempestade ao ribombo
Por um mar cavado e fundo
Lá vai Christovão Colombo,
Em busca de um novo mundo,
Foi um pensamento ousado,
Foi um projecto arriscado,
Uma conquista gigante:
A' voz do estranho vidente
Vae surgir um continente
Do fundo do mar hiante.

Ousado o barco já trilha
Pelo dorso azul dos mares ;
Nas aguas enterra a quilha,
Levanta a proa nos ares,
Lutam as velas e os mastros,
A' luz incerta dos astros,

Com o vendaval inclemente ;
E o sonhador pertinace
Sente bater-lhe na face
O sopro pesado e quente.

Correm as horas e os dias
E o barco lá vai singrando ;
Amainam-se as ventanias
E sopra um vento mais brando.
O atrevido pallinuro
Crava do horisonte escuro
Nas profundezas o olhar.
—Onde estás ? Ninguem responde.
Cerrada neblina esconde
A Canaan de além-mar.

E vão-se as noites e os dias
E o barco inda os mares frisa ;
Succedem as calmarias
Ao fresco sopro da brisa.
Do sonho a realidade
Por aquella immensidade
Desapparece, naufraga...
E o sonhahor pertinace
Sente o suor pela face
Correr lhe, baga por baga.

E os dias passam correndo,
E o barco lá vai singrando,
O mar em cachões fervendo
Eil-o de novo espumando.
Corre, oh lenho, vôa.. vôa,
Que ainda por tua prôa
Somente o vacuo apparece !
E á idéa de ver burlada,
Empreza, tão levantada,
O somnambulo estremece !

Não que o negro desespero
Lhe abata a impavida fronte;
Passêa um olhar sevéro
Pelo mar, pelo horisonte.
—Tu me enganaste, sciencia?
Ou era estranha demencia
De um cerebro enfraquecido?!
Debalde interrogo o vento,
Os astros, o firmamento...
Creio em ti, mas eu duvido !...

Tem fé, Colombo ; das brumas
Que no horisonte se enrolam,
De sob as alvas espumas
Que pela prôa se esfrolam,
Teu olhar meditabundo,
Immenso, largo, profundo
Ha de a visão arrancar,
Avante, avante, Colombo..
Das porcellas o ribombo
Imudecera no ar.

A nevoa pesada e densa
Vai, aos poucos, rareando ;
O sol desponta, aclarando
Aquella amplidão immensa.
Um ponto negro apparece
No horisonte, e cresce e cresce,
Parece se approximar.
—Terra ! grita, e de repente,
Surge o novo continente
Dentre as espumas do mar.

Como do alto do oiteiro,
Depois de longa jornada
Contempla alegre o viajeiro.

Os montes da patria amada,
Assim Colombo examina
Por traz da frouxa neblina
O mundo de que é o auctor.
Quem venceu ? Seria o sabio,
Armado de um astrolabio,
Ou venceu o sonhador ?

XIII

A palavra

O que és tu, o que és tu, alto prodigio,
Que, pousando no barro, o barro ergueste
A' altura do Increado ?
Quem és, que aos astros a carreira estorvas ?
Quem és, que fazes redivir erguer-se
O Lazaro prostrado ?

Tu que dos labios de Moysés fulmineos
Cahiste ungida de eternaes verdades
Ao clangor da procella ?
Vens de um a outro seculo rompendo
Ao travez das ruinas o exterminio
Sempre incolume e bella ?

E's bella quando scintillante troas
No senado de Roma, e ahi fulminas
A traição e o traidor.
E's bella quando inspiras-te de colera
E irrompes d'alma apaixonada e livre
De Catão, o censor.

Creas thronos e thronos despedaças,
Do povo as iras de improviso accendes,
De improviso subjugas ;

Qual do Senhor á voz ruge a procella
E de subido pára, amenisando
Do oceano as rugas !

Pódes por cima dos longinquos mares,
Levar o fio electrio instantaneo,
O pensamento escripto !
Ao cadaver de um seculo passado
Só tu pódes dizer—*surge e caminha !*
Parodiando o Christo !

E eu vejo erguer-se o seculo futuro,
Como uma salamandra gigantesca,
Inundado de luz !
E a nossa geração purificada
Quebrando o sabre, bemdirá sómente
A palavra é a Cruz !

Elzeario da Lapa Pinto

I

O Festim de Balthazar

«Queimai perfumes, escravas!
Trazei-nos sandalo e flores!
Vinho! do vinho os vapores
Levem presagios crueis!
Por Baal! Senhores e donas,
Não morra o prazer da festa!
Por Baal! Por Baal! sôe a orchesta,
Tangei, tangei, menestreis!»

As luzes tremem nas salas,
Treme o ouro e a pedraria;
Das amphoras transborda a orgia
Como as espumas do mar:
— «Por Baal! Senhoras e donas,
Repete a nobre assembléa,
Ao grande rei da Chaldéa!
Ao grande rei Balthazar!»

Rompe a orchesta—e as concubinas,
Com os seio nùs, palpitantes,
Entoam febris descantes,
Lasciva, idéal canção;
E em volta ao seu throno d'ouro
Nabonid, rei poderoso,
Solta a alma a nadar no gozo,
Em que se afoga a razão.

E ferve, referve a orgia
Ao som da orchesta estridente !...
E a lua toca o occidente,
Sobre a cidade immortal :
Talvez mande a peregrina,
Do monte Ephraim pendida,
Um raio por despedida
Do Cedron sobre o crystal.

II

Manda, sim, sobre ruinas
Que ahi só resta um montão
Mirando a gentil captiva,
Dileta filha de Abrahão :
—«Ai terra de Deus querida !
Ai terra da promissão !

«Terra, terra bemfadada,
Outr'ora—esposa de Arão,
Hoje ruinas dispersas,
Hoje o luto e a escravidão ;
—Ai terra de Deus querida !
Ai terra da promissão !

«Teus filhos gemem distante,
Jamais aqui voltarão...
Murchai, gardenias do prado !
Chorai, divino Jordão :
—Ai terra de Deus querida !
Ai terra da promissão !

«Onde as endeixas saudosas
Dos cantores de Sião !
Aves do céo, vossos carmes
Não solteis mais aqui, não !
— Ai terra de Deus querida !
Ai terra da promissão !

« Lyrio pendido no valle
Varreu-te acaso o tufão ?
Nem uma gotta de orvalho !
Isaac ! David ! Salomão !
— Ai terra de Deus querida !
Ai terra da promissão ! »

E pela encosta do monte
A tristesinha lá vai,
Mandanda um ultimo pranto,
Um doce, sentido ai,
Da um lado á immersa Sodoma,
Do outre ao monte Sinai.

III

E cresce, recresce a orgia
Nos salões de Balthazar,
Ondas de oura harmonia,
Ancias de impuro gosar,
— Emtanto a cidade dorme
Envolta no manto enorme
Da noite—somno fatal !
E aquelle peito gigante
Devora sêde arquejante
De vicios—sêde infernal !

Nas salas grato ruido,
Luzes, perfumes e amor ;
Là fóra estranho rugido,
Surdo—ao longe—e ameaçador ;
No horisonte um fumo denso
Se eleva, bem como o incenso.
Nas salas e a embriaguez...
Que importe ao rei o horizonte,
Si as flores ornão-lhe a fronte,
Si o ambar corre-lhe aos pés ? !

«Ao rei! ao rei poderoso!
Ao reino que não tem fim!
Como o Eufrates caudoloso
Corra a onda do festim!»
—«Perdão: as taças, senhores,
Não podem, tão sem lavores,
A' festa de um rei convir;
Temos os vasos sagrados,
São soberbos, cinzelados,
Do ouro fino de Ophir.

«Trazei-nos—»já vacilante,
Diz o rei: «Viva o Senhor!»
—E ruge o vento distante,
Como um gemido de dôr.
Entrão luzidos criados
Trazendo os vasos sagrados
Do templo de Salomão
—E ruge o vento mais forte.
Lançando vascas de morte
Pelos humbraes do salão.

« Transborde o nectar, amigos!
Eis os vasos de Jehohvah!
Nesses lavores antigos,
Vê-se a captiva Judá.»
—E cresce o estranho rugido,
Surdo, rouco, indefinido...
« São os soluços do Iran!«
E ruge, ruge mais perto...
« São os vedtos do deserto
Sobre as areias de Oman! »

Nas caçoulas fumegantes,
Arde o myrtho e o aloès,
Ao som das notas vibrantes
Sobe, sobe a embriaguez.

E cresce, cresce o rugido
Qual resonar de um vulcão
Ou é tremenda borrasca,
Ou é o povo em multidão.

Entre os famosos convivas
Mais um conviva apparece,
As sandalias do proscripto
Traz,—quem é que o não conhece ?
Diante do rei se inclina,
Do rei, que ao vel-o estremece.

«Bemvindo sejas, captivo,
Daniel Beltisasar,
Se sabes lêr no impossivel,
Tens ali—podes fallar :
Terás um manto de purpura,
Terás meu regio collar.»

De novo ante o rei se inclina
A cabeça do ancião,
Depois elevando a fronte
Altiva, estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra
A divina inspiração.

Nem do Tibre o velho roble,
Nem os cedros do occidente
A fronte mais alto elevam
Mais nobre, mais imponente !
O genio é como as estrellas
Peija os pés do Omnipotente.

Rei! escuta a voz do Eterno,
Que por meos labios te falla:
O crime mais execrando

O teu reinado assignala:
Vê, revê tua sentença
Escripta em lettras de opála.

« Não ouves bramir confuso
Como o ar da tempestade?
São as Persas que se arrojam
Sobre os morros da cidade:
Perdeu-te a lascivia impura
Rei ! perdeu-te impiedade.

« Profanaste os vasos santos
Nas torpezas de um festim,
Teus dias foram contados
Como os da bella Séboim !
Agora o brinde, Senhores
— Ao reino que não tem fim. »

V

Gesto grave, altivo, acerbo,
Assim falla o escravo hebreu,
Soletrando o ardente verbo,
Que mão de raio escreveu :
E depois—braços pendidos,
Olhos de chamma incendidos,
Verberando a maldição,
Deixa a sala onde se espalha,
Como trevosa mortalha,
O terror na escuridão.

E quando o raio primeiro
Do sol, singrando o horisonte,
Rompe o denso nevoeiro
Sobre o cabeço do monte,
Em vez da cidade altiva,
Vê, desgrenhada, captiva,

A dissoluta Babel,
E além dos muros colossos
D'aquelle povo os destroços
E um homem só—Daniel !

II

A Estrella do Norte

Astrosinho feiticeiro
Que habitas no firmamento
Que giras o mundo inteiro,
Sem parar um só momento...
Porque sempre no horisonte
Da parte daquelle monte
Te vejo á nojte surgir ?!..
E logo, logo ao sol posto,
Amostras teu lindo rosto
Tão docemente a sorrir ?!

Do norte acaso virás,
Daquelle céo bem azul,
Como outro aqui não terás
Como não ha neste sul ?..
Ai ! dize ! dize, astrosinho,
Não encontraste em caminho
Siquer um suspiro meu ?
Algum lamento sentido,
Um ai saudoso... um gemido
Em busca daquelle céo ?

Não viste a nuvem passar
Se estendendo como um manto ?
Não viste a nuvem chorar ?.
E de quem era esse pranto ?!
Não viste a brisa saudosa,
Pelos ares suspirosa,

Soluçar, gemer de dôr ?
Que tinha a brisa fagueira ?
Ou quem n'a vez mensageira,
D'ssas reliquias de amor ?...

Náo sabes ? pois este pranto
Choro eu de noite e dia !
Suave perfume santo
Da flor da melancolia.
E a nuvemsinha innocente
Que passa pelo ambiente,
Que passa toda manhã,
Eu peço por piedade
Qu'esse fructo da saudade
Seja entregue á minha irmã.

E esse gemido pungente,
Esse soluço, esse ai
Mandei-os eu reverente,
Beijar os pés de meu pae.
E apoz um longo suspiro,
Nascido cá no retiro
Nascido do coração,
Por minha patria soltei-o,
Aos meus amigos mandei-o,
Nas azas da viração.

Astrosinho feiticeiro
Que habitas no firmamento,
Que giras o mundo inteiro,
Sem parar um só momento,
Ai ! dize dize, em segredo
Aqui por entre o arvoredo
O que te vou perguntar :
Passaste por minha terra ?
Viste a igrejinha na serra ?
Viste as canôas no mar ?

Viste a casa onde habitei ?
O lugar onde eu chorava ?
A mulher que tanto amei ?..
(Que amei quando inda amava ?)
Ai fala ! Não tenhas medo !..
Que por entre esse arvoredo
Ninguem nos pode espreitar.
A' margem do *Cotinguiba*,
Não ouviste a *patatiba*
No coqueiro a soluçar ?

Não subiste sobre o monte ?
Sobre a areia não brincaste ?
Não te banhaste na fonte ?
No rio não te miraste ?
Não viste a planta rasteira,
Melindrosa trepadeira,
Pela encosta se enroscar ?
Não viste o pequeno arbusto
Crescer, agitar-se a custo,
Junto ao cedro secular ?

E não ouviste o canario
Nas palmas do Ouricury ?
Cantar, cantar solitario,
A' beira do Siriry ?
Não viste o Japaratuba,
Por quem o velho Pacatuba
Tantas vezes suspirou ?
Quando a poupa de uma Igara
O famoso Ningaçara
Seu patrio rio cantou ?

Não viste as varzeas floridas ?
As campinas verdejantes ?
As palmeiras retorcidas ?
As florestas sussurrantes ?

Não viste o Paramopama
Estorcer-se pela gramma
Pelas selvas s'espraiar ?
E o doce Piauhytinga
Vir saltando da catinga,
Sobre pedras se deitar ?

Ai ! fala q'essa tardança
Me torna a dôr mais intensa
Venha o raiar da esperança
Quebrar o gêlo á descrença...
Não falas ? Ai ! Já descoras
Não queres a taes deshoras...
Vir commigo conversar ?
Pois vae... mas guarda segredo
E volta amanhã mais cedo
Vem ouvir-me suspirar.

III

Ao raiar da aurora

Salve dia formoso ! oh ! quem me dera
Como tu renascer n' outra existencia !
Eu morrêra com gosto, se a innocencia !
Que perdi, outra vez nascer podera !

Não é muito morrer quando se espera
Outra vida melhor na sua essencia;
Posto que um Deus de bondade e de clemencia !
Infinito gozar me concedera....

Ah ! Senhor, se é preciso que a tortura
Venha a nodoa lavar do atroz peccado
Que incessante persegue a creatura,

Estou prompto a soffrel-a e já lavado
Subirei a gozar dessa ventura,
Que no céo só se goza, ao vosso lado.

IV

A' lua

Vem, ò lua, contar-me as tuas dores,
Teus segredos d'amor : deixa um instante
Essa louca estrellinha rutilante
Que desdenha cruel os teus amores.

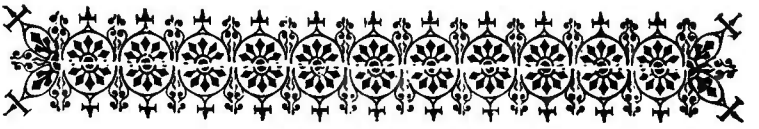
Vem aqui derramar os teus pallores,
Vem dizer-me qual é a tua amante,
Se é aquella menor, menos brilhante,
Ou aquella que tem mais esplendores.

Pobre lua ! tu gemes, tu deploras
A sorte sempre avessa—a ingratidão,
De uma linda estrellinha a quem namoras.

Mas eu, pobre de mim ! louca paixão
Me tortura a existencia ! ah ! se tu choras
Eu sou mais infeliz, não choro, não.

VI

Eustaquio Pinto da Costa



I

O leito de flores

Vem, meu anjo mimoso, no remanso
Da noite, em solidão, fallar de amores:
Aquí te offerta em gala a natnreza
Suave leito de cheirosas flores.

Foi p'ra ti que esmerou-se em preparal-o,
Foi pr'a tì que ella o fez tão primoroso;
Acode, oh, minha Elisa, aos seus reclamos;
Aceita o seu presente, tão formoso...

Vem vêr candida virgem feiticeira,
Que flores tão gentis formam teu leito:
Ah! tu podes, airosa reclinada,
Tua fronte pousar junto a meu peito.

D'aqui somos nòs dois os soberanos;
Os prazeres vassallos nossos são;
Nosso imperio é suave, é só de flores
E de amor, nesta casta solidão.

Ai! não tardes meu, bem! lindas violetas
De aroma te encherão as tranças, de oiro:
E na lua, e no céo, n'estes verdores
Acharás de magias um thesouro,

Da noite as brisas no ambiente espalham
Dos jasmins o perfume delicado;
E' doce o ar que aspira-se em torrentes!
Sereno o céo de estrellas matisado.

Vem, meu anjo de luz, vem com teus risos
De lindos sonhos povoar minh'alma;
Vem trazer-me a illusão, que a vida doira,
Que adormenta o pesar e a dor acalma.

D'aqui somos nós dous os soberanos;
Os prazeres vassallos nossos são,
Nosso imperie é suave, e encantador
E de amor, nesta casta a solidão.

E emquanto a lua merencoria brilha
No azul setim do céo cheia de encanto,
Em quanto o mundo não profana louco
Do nosso affeito os santuarios santos.

Deixa-me, ó virgem, nos teus meigos olhos,
Quebrantados de magico langor,
Sorver alegre, inebriado e louco,
Da vida a seiva, as illusões do amor.

Mas ai! tu foges!... e minh'alma segue-te
Louca e perdida na amplidão do espaço;
Louea procura tua aerea imagem
Cingir ufana n'um eterno abraço.

Ai! d'ella! ai triste!—que se mirra am penas,
Tua sombra adorada em vão seguindo!
Planeta inglorio, na procélla busca
N'um céo de bronze fulgurar sorrindo.

Ar! triste della! tem perfume as flores,
O sol tem brilho, tem verdura o prado;
Tem o deserto cristallina fonte,
Que a sêde mata ao viajor cançado.

Se a flor pendeu estrestecida, a aurora
Chove-lhe orvalho, que lhe a vida alenta ;
Só para elle a aurora da esperança
Nunca as trevas dissipa da tormenta.

Ai ! pobre sonhador, acorda. é tempo ;
Já se apagaram os teus sonhares de oiro ;
E' ermo o doce leito, que guardavas,
Como o avarento seu melhor thesoiro.

Acorda ! acorda ! das prisões do mundo
Quebra as cadeias que te prendem a alma,
Remonta ao cèo, e no sorrir de um anjo
Vai da ventura procurar a palma.

II

Meu ideal

Quando da noite as sombras luctuosas,
Como um sudario, vem cobrir-me o leito,
E, arfando o peito em ancias amorosas,
Sobre a terra procuro um ser perfeito :

Quando sinto em silencio, entrestecido
Do mundo as illusões todas murchando,
E em trevas me perdendo, já descido,
Sinto a luz da esperança ir-se apagando :

Que mystica visão, que doce estrella
Me aclara as regiões da phantasia ?
Que luz é essa, tão serena e bella,
Que minh'alma de sonhos irradia ? !

Oh ! se eu podesse a ti, visão divina,
Sempre unido viver, morrer sonhando !..
Que lindo sol ! que aurora peregrina
Não me iria da vida o céo doirando !

Mas tu me foges sempre; e a tua imagem
Sempre bella e brilhante trago n'alma!
Sempre busco do mundo na romagem
Colher p'ra ti a mais viçosa palma.

E vago em treva a gemer sosinho
Sem um astro, que doire-me o horisonte!...
Cada flor, que diviso é duro espinho!..
Cada sorriso, de martyrios fonte!...

Descri do mundo! no seu lodo impuro
Perde o brilho e a puresa o pensamento!...
Sonhei teu rosto tão aereo e puro,
Que na mente creei-te um firmamento!

E sigo a tua sombra luminosa
Como a sombra de um sylpho vaporoso;
E da brisa na voz meiga e chorosa
Ouço as vezes teu canto lamentoso.

Oh! que maga harmonia essa que exhalas,
Como um perfume, que me alenta a vida!
Então te escuto em pasmo!... e tu me fallas
Uma lingua até hoje não sabida!

Ah! se me desses a ventura immensa
De me sagrares um sorriso teu,
Quanta vida eu gosara! e quanta crença
Não sentira de novo o peito meu!

Mas como um sonho, que se apaga em breve,
Qual doce aroma, que se esvae jucundo,
Tu passas entre os homens tão de leve,
Que não pareces pertencer ao mundo!

Oh! quem quer que tu sejas sobre a terra
Dá-me um riso de amor, uma esperança!
Se és anjo—de minh'alma a dor desterra...
Se és uma estrella—traze-me a bonança...

Se o mundo não tem flores tão divinas,
De que eu possa tecer-te uma capella,
Tem o amor de muitas rosas purpurinas,
E a grinalda do amor é muito bella!

IV

Esperança perdida

Oh! tu que no sahára, da existencia,
Qual oasis gentil me appareceste,
Meigo archanjo de paz, virgem celeste,
Que á minha triste habitação deceste!

Porque queres commigo do infortunio
Na medonha caligem te envolver!?
Já de ha muito em meu céo não brilha um astro,
Nem aurora, nem sol vejo nascer!

Do mundo as solidões hoje percorro
Sem achar uma flor no meu deserto:
Sou qual viajor, que transviou-se e a esp'rança
Já perdeo de encontrar um pouso certo.

Não venhas, pois, com tua luz divina
Rasgar-me a treva, que m'enluta a vida.
P'ra que me abrires d'um elysio as portas,
Se já não tenho uma illusão florida? !...

— —

Um dia a tua voz ianguida e bella
Após ti arrastou-me omnipotente:
Fez-me um mundo antever de gloria, um céo
De mil sóes estrellado e refulgente.

Mas ai! não sabes que soffrer tantalico
Nesse instante cruel me devorava!
Via a lympha correr serena e pura,
Sede ardente meus labios requeimava...

Via alem no horisonte o sol erguer-se
Coroado de immensos resplendores,
Qual vasto eden a terra me sorrindo
Entre cantos e luz, perfume e flores.

Mas em breve, ai! de mim! varreu-me o norte
Perfume e flores que eu sonhára em vão:
Carrancudo bulcão, que o céo toldou-me,
Na minha noite sepultou-me então!

Só do teu canto a magica harmonia
Ficou me n'alma como um som plangente
Que fatal me recorda a cada instante
Que hei de em prantos viver eternamente!

Não venhas mais com tua luz divina
Rasgar me a treva, que m'enluta a vida;
Teme crestar da primavera as rosas
Do infortunio na lufada horrida!

III

Teu sorriso

Vi teu sorriso! inebriou minh'alma
De amor, de crença, de sonhares mil!
Vi teu sorriso! e da ventura a palma
Vi d'entre abrolhos rebentar gentil!

Qual n'um deserto de abrasada arêa
De sêde exhausto o viajor definha,
E em balde os olhos alongando anceia
Por verde oasis, e a gemer caminha.

Assim da vida no Sahára ardente
Em vão buscava da esperança a flor!
Tudo era pedra! e o coração descrente
Já começava a succumbir de dôr!

Tudo era esteril ! só crueis espinhos
Via cobrirem da existencia a estrada !
De falsos risos, de fataes carinhos
Eu via sempre uma mulher armada [

Me pareciam de seu rosto as rosas
De astuta serpe as cambiantes côres ;
E as meigas fallas, que fallava airosas,
Subtil veneno a rescender odores.

Mas hoje apost'lo de uma nova crença,
Lhe erijo thronos, lhe consagro altares :
Sei—que ella é fonte de ventura immensa,
Que em risos muda os mais crueis pesares.

Já vejo o monte se toucar de relva ;
Já vejo o prado se vestir de flores ;
Já ouço o pombo soluçar na selva ;
Já ouço a brisa suspirar de amores ;

Já tem o sol um resplendor mais puro ;
A terra inteira me sorri agora...
Tu me selvaste,—que de meu futuro
Mudaste as trevas em risonha aurora !...

Sou teu escravo, teus grilhões acceito ;
Pede-me a vida e t'a darei contente !
Mas guarda sempre no teu casto peito
Do amor a chamma divinal, ardente.

VII

Joaquim Esteves da Silveira

A noviça

Eil-a prostrada, tão sozinha e triste,
No silencio do templo—humilde orando !
Eil-a á rir-se co'os anjos, arroubada,
Um riso só dos labios ;—que no peito
Acoita immensa dor, que a mata aos poucos !
Eil-a em pranto «perdão» ! clamando afflicta,
Como si n'aquella alma, de erros virgem,
De um só crime pungisse atroz remorso !
O grosseiro burel seu corpo envolve,
E as tranças tão gentis—vêde-a—cairam
Nas lapidas do tempo—oh dor !—cortadas !

Quem hoje a conhecera ?—Os brandos olhos,
Não languidos de amor, porem jà mortos,
Semelham là do ceu dous astros belles,
Que negra cerração esconde e apaga !
Os labios, que tão magicos, tão roseos,
Seus mais ternos affectos me contavam,
Os rubros, labios, desbotados hoje,
Jà mal sabem sorrir—são flores murchas !
A tez do rosto, que o pudor e o medo
A' uma fraze de amor tingiam logo
De roseo colorido,
Qual flor mimosa á parecer co'a tarde,
Vai pallida ficando !

Em mudez quasi sempre mergulhada,
E'-lhe defeso dirigir palavras
A's tristes como ella, que lá gemem
Gemidos do imo peito, amargas queixas
Que dentro de uma cella nascem—morrem!
Só as vezes em coro—aos céos do templo
Sua voz divinal maviosa sobe...
Entre todas se eleva—triste nota
De um anjo á padecer, preso na terra!
Oh! que somente eu sei quanto ella soffre!...
Joven donzella, em terno amor ardendo,
Esquecida julgou-se; e vingativa,
Cedendo ao voto insano que fizera,
Hostia innocente se offerece as aras!
Nova Heloisa—a mésturar suspiros
Co'os puros psalmos do sagrado livro,
O Claustro vai roubar m'a a mim e ao mundo!

Era tão casta, tão bella
Qual fora a Vestal singella;
Como aquella linda estrella,
Que veio os magos guiar!
Tão pura, tão innocente,
Como o riso que não mente,
Como um ai que brandamente
Andasse doudo á voar!

Amou-me:—mas sempre esquiva,
Foi mimosa sensitiva,
Que se furta fugitiva
Da menina á nivea mão:
Nunca em paga a um meu desejo
Deu-me ao menos um só beijo;
Nunca de animal-a o ensejo
Deu-me a tão viva paixão...

Pois eu amei-a tambem
Como nunca amou ninguem,
Com tanto amor como o tem
Ao filha mãi carinhosa!
Eu amei a com fervor,
Com santo e mistico ardor;
Foi-me o Verbo do Senhor,
Foi-me a crença religiosa!

E vivemos mui ditosos
Cuitos dias bem formosos,
Do futuro descuidosos,
—Que amor não mede o futuro!
Foi-me uma quadra doirada,
Foi serena madrugada.
Foi primavera encantada,
Foi nos céos um viver puro!

Mas tudo mudou-se—trocou-se, meu Deus!
A nossa ventura n'um mar de agonias:
Eu vivo no mundo, sozinho saudoso,
No Claustro ella vive—consome seus dias!

Eu nutro no mundo ainda esperanças
De tel a em meus braços, de esposa chamal-a!
No claustre ella esquece protestos que fez
Nem lá minha voz pode ir despertal-a!

No Claustro ella encerra nos mudos sepulchros
Esp'ranças que teve—e podera nutrir!
Seus puros affectos, ardentes, tão santos,
Na Claustro não podem, não podem florir!

Tão bella que era, tão cheia de encanto,
Tão triste no pranto, no riso tão leda,
Quanto hoje é mudada! Um dedo de ferro
Mostrou-lhe—coitada—da dor a vereda!

—Virgem ! que negro fado fulminou-se,
Inda roseo botão mimoso e findo :
Na flor da vida, á desbrochar tão puro !
Mal tentaste mover timidoa passos
No theatro do mundo,
Caiste logo :—criancinha debil,
Que no tecto fitando os olhos vivos,
Em quanto folga vendo os arabescos,
Incauta vai... tropeça, e cai... e chora !

—Assim sonhaste ver vasto sudario,
Que amigo ignoto genio desdobrava
Como cèo sobre ti !—Ahi traçado
Em mystico idioma—«amor»—tu leste !
Ahi—«ventura»—em aureos caracteres
Desenhára habil mão de um mago sonho !
E—ventura—dizendo, após correste ;
E soletrando—amor—, ferveu-te o sangue !...
Mas—cega ! não olhaste o abysmo horrendo
Que se abria a teus pés ! Nem reparaste
N'uma mão, similhante a que lavrara
No festim do Monarcha atroz sentença,
Do sudario apagando as aureas lettras,
Impiedosa a escrever—Serás do Claustro !
Ah ! cumprio-se o presagio !—lá tu vives,
Lá te esqueces de amor, de mim do mundo ;
—De mim que sempre estreme, sempre firme,
Nos prazeres, nas penas te acompanho,
Como ao astro do dia a flor que nasce,
E com elle fenece ao vir das trevas !

—Teus sonhos doirados, que altiva sonhavas,
As tuas venturas, o teu puro amar.
Onde é que hoje existem ? Fugiram ligeiros,
Qual foge da praia uma vaga do mar !

O riso engraçado, que abria-te os labios,
Os loiros cabellos, o lanquido olhar,
Onde é que hoje são! Não vejo-os;—fugiram,
Qual foge da praia uma vaga do mar!

Teus niveos vestidos, teus ricos adornos
Por outros tão triste podeste trocar?
Capricho!... Os prazeres esquivos te fazem,
Qual foje da praia uma vaga do mar!

Ah! não penses, donzella, achar venturas
N'essa vida que levas!
Quando á noite, na cella recolhida,
— Em sepulchral silencio envolto o claustro —
Tentares elevar a Deus tu'alma,
Uma estranha—visão de amores—
Surgirá de repente e encantadora
Como sonho de virgem!
Ver-me-has a teus pés, com os olhos languidos
Em teus olhos azues soraendo gosos,
Repetir-te bem meigo—Amelia! eu te amo!
E tu, querida ingrata, arrebatada
De um amor ideal, n'os meus extremos,
Beberás um prazer divino, immenso!
Mas do templo a mudez solenne e triste
Parece condemnar-t'o! Na clausura
Si a Deus não se dirigo, amor ó crime!
Sentirás o remorso, e arrependida
Ao leito arrojarás teu debil corpo;
Mas eu te seguirei: ou venha o somno
Adormecer teus males, tuas dores;
Ou desperta no leito te revolvas,
Minha imagem verás sempre incessante,
Sempre humilde—curvada ás tuas plantas—
Dos teus vestidos a beijar-te a barra!
E nem o dia, que sereno surge,

Poderá dissipar-te esse phantasma...
— Inda serei comtigo: —ao pé das aras,
Sobre as gelidas lousas dos sepulchros,
Um momento siquer—não serás livre!
—Nem fora de outra sorte:—amaste muito;
Fui teu primeiro amor; li-t'o nos olhos,
Conheci-t'o nos risos, e teus labios,
—Teus labios que não mentem—m'o disseram.
Ah! recorda, donzella, esses momentos,
Esses tempos de outr'ora, e volta ao mundo!
Porque já não me crês? Que mal te hei feito,
Que já me não escutas? Que máo genio,
Que demonio soprou-te assim no ouvido
Perjurios que não fiz?—E crêr podeste
Um só instante—um só—que eu te mentisse?
Tu, tão pura, tão meiga, tão formosa,
Que em meus sonhos ardentes de mancebo
Parecias do Eden a houri mais linda
Por Allah enviada a converter-me?!
Qu'anjo tréde rompeu as doces pazes
De nossas almas jovens, que sympathicas
No mundo se encontrando,
Cegas—por lei do fado,—se aspiravam?
E crer podeste, Amelia, que eu mentisse,
Eu mancebo, orgulhoso, e namorado,
Cujo sonho é somente amor e gloria!
Amor?!—tomei-lhe a taça; mas meus labios
Nem sequer lhe tocaram!—Tu, tyranna,
Tu, que m'a tinhas dado, infantes ambos,
Tiraste-m'a das mãos? —Amor e gloria
Onde achal-os sem ti? Como alcançal-os,
Si tu, phanal brilhante resblendes
No meu céo de illusões—unico e vivo-,
Assim cruel me foges?
Oh! não desejas ver-me—altivo bardo
Erguido sobre um novo Capitolio,

Deixar que me laurêe a fronte augusta
Não digo Roma só—mas toda o mundo ?

Não queres de là co' um só aceno,
Emmudecendo as turbas,
Com soberana vóz excláme:Amelia !
E-Amelia !- repetindo vão submissos
-Echos do bardo-as multipões pasmadas?
Ai ! si o desejas, não vacilles, volta !
Sem tí amor o glorias são phantasmas,
Que mal em sonho vejo; só comtigo
Posso ter alma e lyra, amor e gloria.
Não ! não crê no perjurio: alma de vate
Nunca mancha a traicão.
Sempre tem—sempre—fui não me desdonhes
Este fervido amor. Do novo assigna
O tratado de paz, e deixa o claustro !

Inda é tempo, noviça, sê ditosa !
Vem gozar n'os meus braeos dos teus sonhos
A casta realidade; vem, formosa,
O que é vida aprender n'um beijo ardente,
N'um amplexo de amigo.

Não profiras o voto ! A voz tolhida
Expire-te n'as fauces, quando o tentes !
Primeiro do que Deus fui teu esposo ;
Eile mesmo conhece-os meus direitos ;
Ouvio teu juramento—abençoou-o :
Que rompas não lhe apraz a fé jurada ;
Nem quer p'ra si a noiva, que expontanea,
Por voto tambem santo, era já minha.

Eia ! espera-te o mundo com sorrisos,
Deixa, Virgem, o Claustro ;—olha o futuro..
Ndo vês um paraiso ?—Ah, nós somente
Somos, querida Amelia,

Seus unicos ditosos habitantes,
Vem, vem depressa comigo tomar posse
Desse oásis feliz, que amor nos abre:
Ahi—posto a teus pás,—serei poeta,
E tu, donosa noiva, o casto archanjo
Da minha inspiração!—Ah! vem, Amelia,
E' vontade do céo,—e amor nos chama!

VIII

Joaquim de Calazans

No leito

Podem outros achar em beijos timidos
De timidas donzellas
Sabor de mel com ambar misturado
E outras bagatellas.

Podem achar essencias peregrinas
Das vestes no roçar,
E encanto no subtil, aereo passo
Não relva a resvalar.

A' coma, atada com jasmins e rosas,
Prendam-se outros, que eu não ;
Por olhos que de timidos se abaixam
Eu não sinto paixão.

Beijo-te a perna torneada e disa,
Descahida no leito,
E a pequenina mão toda escondida
A' sombra de teu peito.

Ah ! oh ! sim ! ahi te vejo bella,
Te vejo qual tu'es,
E posso até beijar as roseas unhas
Dos teus mimosos pés.

IX

Severiano Cardoso

Saudades

Como lava candente que lança
A cratèra de ardente volção
No meu peito uma dor alimento.
Que me abrasa este meu coração.

E' a dôr das saudade que peno,
Nestas plagas longiquas errante,
Dos meus chares filhinhos ausente,
Dos meus anjos vivendo distante!

Murcha a planta por falta d'orvalho,
E crestada do sol do verão!
Pobresinha da planta que chora
As doçuras da fesca estação!

Tal meu peito, se vai definhando!
Ai! a mingua do orvalho de amôr,
Como a planta, coitada! que murcha,
Elle murcha myrrado de dôr!

Nos desertos adustos da vida
O que faço? somente chorar;—
E carpindo somente é que vivo
As saudades que me hão de matar.

Bebe a taça de fel transbordando,
Que um destino çruel me outorgou:
Provo o agro do negro absintho;
Que em meus labios a sorte entornou.

Não ha dor neste mundo, que iguale,
Agonias, nem mesmo afflicção,
Aos tormentos que dão-me as saudades
Dos penhores do meu coração.

Si a tardinha, na gruta cantando,
Vejo o pombo que salta no ninho,
As saudades me matam n'essa hora,
Pois que o vejo beijando o filhinho.

Quanta inveja de mim se apodéra,
No instante em que o sol se vai pôr !
Peço as aves que passão nos ares
Que me tragão meus anjos de amor !

Mas as aves lá vão pipitando,
Mas as aves não voltão mais, não ;
Peço as nuvens que possão girando,
Ai de mim, não me ouvem : se vão.

Fico só, lá na gruta chorando,
Mergulhado nas trevas da dor ;
Vem a noite somente abraçar-me,
Esta deusa de meu triste amor.

Ouço as vagas ao longo batendo,
Ouço as queixas d'um mar arquejante ;
E o pranto me désce nas faces,
Quente pranto que corre abundante.

Assim passo os meus dias cansados,
Assim levo esta minha existencia :
De saudades pungentes ralado,
Dos meus anjos vivendo na ausencia.

Meus filhinhos, tão loiros, tão vivos !
Objectos de minha amisade,
De tão longe acceitai estas flores,
São as flores de minha saudade !

II

A filha do Voluntario

Chovia.. e na rua, no chão, estendida,
De frio transida, boiando a enxurrada,
Voando os cabellos, do vento aos açoutes,
Do gelo das noutes do inverno gelada.

Verieis a pobre, que, morta da fome,
Que aos pobres consomme, vagou todo o dia!
E nem a migalha da mesa atirou-lhe
Ninguem! quem visou-lhe tão atra agonia?

Conheces? não sabes quem é a mendiga?
Não eu que t'o diga: me mata a vergonha...
Não viste a pedinte, de frenie curvada,
Afflicta, maguada, soffrente e tristonha?!

Coitada! nos adros, a todos pedia,
A mão, estendia nas portas dos nobres,
A' todos, fidalgos, ao rei, á rainha,
Ao grande que vinha, aos ricos, aos pobres!

Pedia às mulheres, pedia aos meninos,
Tão nedios, malinos, na sua folgança!
Pedia ao escravo, pedia ao estrangeiro,
Pedia ao primeiro, ao segundo, não cansa!

A mão supplicante trasia estendida,
E a mão sempre erguida, baixar quem podera?
Direis estatua de pedra tornada,
Na rua plantada, quem visse, dicera!

Passava o fidalgo de galas coberto,
Passava por perto, e a pobre não via;
Passava n'um carro o rei e a rainha,
Mudavão de linha si a moça pedia.

Cuspião lhe os ricos na face tão linda !
Cusp ão-lhe ainda os grandes senhores...
Sorrião creanças por vel-a em farrapos,
Coberta de trapos, pungida de dores.

O escravo a escarnece, mulheres lh'evitão,
E se precipitão de medo da pobre...
Não dava o mendigo : não tinha p'ra dar-lhe,
Quem foi atirar-lhe um soldo de cobre ?

Passava o estrangeiro levando nos labios
Os negros resaibos do negro desdem...
Olhava a mendiga com tanto despreso...
Com seu menospreso cuspia tambem...

Ninguem !—Tenho fome ! chorando, bradava.
Chorando gritava.—Quem é que soccorre,
A triste mendiga da terra do oiro,
Que tem por desdoiro pisar em quem morre ?

Tão moça que era ! que linda existencia,
Que chasta innocencia ! roubou m'a e estrangeiro,
Que tudo consegue na terra que é sua,
Achando-me nua comprou-me a dinheiro.

Eu tinha uns cabellos tão lisos, tão longos !
As faces oblongos, vermelhos, da rosa
Que petalos lindos ; que olhos rasgados !
Que labios corados ! como era eu formosa !

E tudo perdido ! da infancia os amores,
Perdidas as flores da adolescencia...
Da honra apagados tão vivos os cyrios,
Já murchos os lyrios de minha innocencia !

Quem foi quem matou-me ? ai ! poza dizel-o ;
Mas força é fazel-o, a patria, talvez,
Mentira ! não achas ! é isso impossivel !
Oh ! isso é incrivel ! duvidas, não cres ?

A patria matou-me, meu pae voluntario,
Chamou-o o governo à uma arma empunhar?
Fallo-lhe de honra.. fallou-lhe de gloria!
Mostrou-lhe a victoria e a patria á salvar.

E o pobre do velho morreu combatendo...
E o pobre morrendo a patria o esqueceu...
Deixou sua filha no mundo sosinha,
E tão pobresinha! não ves que sou eu?

Agora uma esmola, se inda ha caridade..
Aqui na cidade, eu peço por Deus!
Ninguem que me escute! ninguem me soccorre,
E a pobre já morre... ninguem pelos ceus!

Repara o que a sorte reserva ao soldado,
Ao denodado que a patria salvou!
Com sangue a deshonra da patria elle lava,
E a ex escrava não mais o encarou!

Mataste, assassina, o pae da mendiga!
Mataste que o diga a batalha que o vio!
Ah! crava o teu ferro no peito da filha,
Que siga essa trilha que o velho seguio.

Gravae na memoria meu nome obscuro,
Gravae-o tão puro! gravae, brasileiro!
Sou filha de um bravo da patria esquecida,
Ao oiro vendida do rico estrangeiro!

Vagou todo o dia, a noite encontrou-a
Na rua... atirou a dé encontro ao lagedo...
As chuvas, os ventos lhe batem tão forte!
Não move-se.., a morte já fel-a um rochedo.

III

No banho

Quando ella entra no banho
Em costume de flanella,
E' vê-la. Fica tão bella,
Que até o mar enleiado,
Com um leão submisso,
Vem rolando nas areias,
Beijar as tumidas velas
Do seu pezinho rosado.

Que graça, meu Dens, que encanto!
Que gentileza infinita!
Como ella fica bonita
Quando o nacar do pudor
Tinge-lhe a carne cheirosa,
Ao abrir o bojo da vaga,
Que molha-a toda, que a alaga,
Como o orvalho faz a flor!

Seu folegozinho é tão curto!
Mal encetara o mergulho,
D'entre o estridulo marulho,
Surge mais facinadora!
Nesse instante, o céo se rompe,
E quedam no alvo regaço,
Serpejando pelo espaço,
Os frios beijos da aurora!

Boiando ao dorso das ondas,
Envolta em fina escomilha,
Prateada canotilha,
Que lhe acairela a basquina,
Semelha, feito de ceias
Ao lomo tendo um anjinho,
Um esguio buquezinho,
Carregado de neblina!

Como os dous lindos remigios
D'uma gaivota galante,
Vogando, agora, distante,
Os grossos braços roliços
Levam na tona das ondas,
Com toda graça e chiquismo,
Pelos pendores do abysmo,
Outro abysmo de feitiços.

E, se novamente immerge,
E' vêl-a então : D'esta vez,
A sua branca nudez
Até Deus póde tentar...
A rocha sente um deslumbro,
Ante esse vulto sagrado,
Como um lyrio aljofarado,
A rolar, sempre a rolar!

D'outra feita, suspendida
Pelas lubricas azelhas,
Onde as lucidas abelhas
Do Eden fabricam o mel,
Docemente fluctuando,
E' como a rosea irêrê,
Que vae, que vem, á mercê
Do salso e azuleo frouxel.

Como é feliz o oceano!
Só elle só é quem goza,
Dentro do seio essa rosa
Como um avaro a guardar,
Cobrindo-a inteira de beijos,
Alastrando-a de caricias,
Nessas horas tão propicias,
Sem nunca se saciar!

Mas não sejas indiscreto,
Oh mar, revelando a alguem,
No murmur do teu vae-vem,
O que ella fiou de ti!
A' sombra dos rudes comoros,
Molha em teu pranto calado
Esse seio aromisado.
Essa plastica de houry!

E beija-a como na praia,
Em desalinho, a manhan
A valva rubra da intan,
No escuro do coqueiral!
Como o sol quasi poente
Ao buzio azul, ás conchinhas,
A's madre-silvas marinhas,
Aos cazulos do coral!

Beija-a, mas sê complacente,
Sempre que a banhista bella,
Em costume de flanella,
Entrar no teu coração,
Amaina teus furações,
Algema teus vendavaes,
Acama teus tempo-aes,
Desmancha-te em mansidão!

IV

A' Sinhasinha

—Estás maluca, sinhasinha?
Como perdeste a razão?
Si te mereço um pedido
Não faças isso, mais não,

—Mas eu não sei com quem falla...
Jesus! comigo, talvez?
Mas que foi? diga: o que houve?
Ande, falle, diga, Ignez!

—Quem namora é sempre um tonto,
Porque pensa não se vê..
—Mas... serio, falla comigo?
(Dando-lhe uma palmada na face,)
Sim, meu anjo, è com vossê.

—Quando vio-me com namoros?
Não me julgue assim tão mal...
—Coitadinha! como é sonsa!
—Mas não caias n'outra igual.

N'outra qual, minha senhora?
Desconheço-a neste instante..
—Atiraste um pão de leite
P'ra aquelle negociante.

—A gente não embaraça
Que a menina tenha amor,
Mas é preciso cautela,
Não pouca, com o tal senhor.

Tu não visas no futuro
Uma grinalda de flores?
Não sonhas com a larangeira
Que dá tão candida flores?

Ah! não cores, nâo me negues,
Pois é isso tão natural...
Mas... assim como tu segues,
Meu anjo, tu segues mal!

É escuro este caminho,
Não tem um raio de luz...
Aquella porta é fechada...
P'ra que queres uma cruz?

Inda bem que de teus olhos
Vejo o pranto se escoar...
Louquinha toma juizo,
Tua mãe ? queres matar?

Toma um beijo n'essa face
Tão de rosa e de setim,
E que beije-a tão somente
Quem poder beijal-a assim.

V

Maldição

Maldito seja o pae que a filha leva,
Sorrindo, pela mão,
Ao templo em que s'immola nesta vida
A flor do coração !

Ente vil ! que não sabes qu'este sangue,
Qu'em pouco vae correr,
E' o mesmo que pullula-te nas veias,
E o algoz hade-o beber !

Os ceus te amaldiçoem, mercenario,
Que vendes tua filha !
Maldito sejas tu, ente hediondo,
Que pisas nesta trilha !

Repara, miseravel, quão formosa,
Como é a pobre virgem,
A pomba do sertão das innocencias
Involve-se em caligem !

Não leves aos cabellos agarrando,
Não leves a donzella ;
Repara que lhe roubas, miseravel,
O seu thesouro della !

Maldito sejas tu, ente corrupto,
Da vil sociedade,
Que compra com dinheiro uma innocente
Ainda em tenra edade.

Maldito, que aos balcões da prisca Roma
A filha mercadejas...
Pelo ceo, pelo inferno, e pelas furias,
Sim, maldito sejas!

VI

A Missa do Gallo

—Quem vae á missa do gallo
Deve ir muito e muito *chic*,
Botar seu vestido novo,
P'ra que o gallo não penique.

—Então, eu não vou á missa,
Pois não tenho o que botar;
Vou esnonder-me do gallo,
Para não me penicar.

—Essa é boa! Eu não consinto,
Vossê em casa não fica;
Do Natal ha de ir á missa,
E o gallo não a penica

Meia noute, o sino grande
A terceira vez chamou,
A morena foi á missa,
Da bicorada escapou...

Ficou provado que o gallo
Só penica quem não tem
Neste mundo de delicias
Quem não ame ou queira bem.

Pateada. pois, no gallo...
Chô, bicho! ecô! ecô!
Ficou de crista cahida,
Cantando cô-corou-cô!

VII

Boules de Neige

Cheio de amor jovial,
Como as aves matutinas,
Andava Deus, á matinas,
Sob um denso jambeiral.

Naquelle tempo, fazia,
Melhorar querendo a flor,
A mulher, esse primor
De enleves e poesia.

Tirou dous fructos num galho,
Com a alegria, das crianças,
E, ao soltar as verdes tranças,
Banhou-se todo de orvalho.

Olhou-os terno e sorriu,
Sorriu tão suavemente,
Que do ar pela corrente
O sorrizo se sumiu!

Voltou tomado do enleios,
A' sua grande officina,
E na plastica divina,
Faltando entalhar os seios,

Bem á luz das primaveras,
Collocou os fructos ambos,
Aquelles cheirosos jambos,
Aquellas jaldas espheras,

Na sua obra querida,
E disse o rei constructor :
São o remate do amor,
O começo e fim da vida.

VIII

Sonhando

Teus labios são da côr da rosa jugleza,
Quando roreja-a o orvalho da manhã,
Ninho de beijos, instilla tal pureza,
Como a que vela os bagos da romã...

Hontem, sonhando, te beijei á farta,
Iamos a bordo de um esguio esquifa...
Teus beijos me sabiam á uva Martha,
A' polpa de um morango Radeliffe

Quem me dera sonhar a noite e o dia,
O aroma de teus beijos aspirando !
Nessa morte aparente eu viveria

Ditoso, bella, por morrer te amando !
E morto após, ainda sonharia,
Comtigo, vivo, estar sempre sonhando !

IX

Deixa !

Deixa beber-te essa aromia em sorvos,
De teu corpo embriagado pela essencia,
De sob a cabelleira côr dos cõrvos,
Que vela tua virgem florescencia !

E's bella como o dia e pura como a luz,
Pequena baunilheira aberta em flor ;
Lembras, chorando, o pranto de Jesus,
Lembras, sorrindo, o encanto do Thabor !

E's triste como é triste e fria a hora
Em que o sol, como um sicario, corre em fóra
A esconder-se na furna do occidente !

E eu gosto da tristeza ! Deixa, pois, consente
Do aroma de teus beijos de repente
Eu serva os bagos, ao sorrir da aurora !

X

Bella

O teu olhar imita o diamante,
Tuas faces são petalas de Maio ;
Cobre-te o sol com um chale scintillante
Te encoifa a lua em languido desmaio.

Quizera um throno para dar-te em paga
Da inspiração que acorda o teu olhar,
Por onde eu vejo se escoando a vaga
De um extase que póde me matar.

A vida inteira, oh ! bella, o mar espraia
Algas e perolas, conchas e coraes...
Tua belleza, tambem nunca desmaia,

Tem a luz crepitante dos crystaes !
Estrella do Oriente, contemplae-a,
E vêde-se mais bella existe, mais !

X

Seminiano Paes de Azevedo

I

E' assim

E' doce a vida no viver de amores,
Se a crença adeja, e a sorrir fluctúa
No mar das illusões :
Grato perfume, que inebria a mente ;
Da flor da esp'rança se desprende, e d'alma
Dissipa as afflicções.

Então do mundo na voraz peleja
Placidos correm do feliz mancebo
Os dias vindos ;
Sonhos suaves lhe povoão lindos
A meiga phantasia, que abrilhanta
Seus annos lindos.

A's vezes quando lhe esvoaça alegre
Em torno a sombra da gentil imagem
De seus amores,
E crê beijal-a, e abraçar, ou vel-a,
E em doce enlevo contemplar ufano
Os seus primores ;

Que linda aurora ! Que brilhantes astros !
Que céo, que flores, que mimosos prados
Não gosa... sim !
Risonha quadra de illusões floridas !...
Ditosa vida d'infantis delicias,
Vivida assim !

E' doce a vida no viver de amores,
Se a crença adeja, e a sorrir fluctua
No mar das illusões ,
Grato perfume, que inebria a mente,
Da flor da esp'rança se desprende, e d'alma
Dissipa as afflicções.

Mas quando a lava do volcão ardente,
Que lavra occulto no abrasado peito
Do amador,

Rebenta, e logo da descrença o gelo
Cresta-lhe do porvir fagueiro
E encantador;

Ou quando, ao peso dos crueis martyrios,
Tenta de balde, coroar anciose
Os seus anhelos;
E, nos enleios da paixão mais viva,
Fatal delirio de continuo estorva
Seus sonhos bellos;

Ai triste!—Afflicto, e a gemer sozinho,
Arrasta a custo nos parceis da vida
Dura existencia:
Martyr de amores, esquecendo o mundo,
Busca a solidão, e em silencio chora
Penosa ausencia
.. ..

Mas lá seus males não achar allivio,
Balsamo santo que mitiga as dores
Do pobre bardo.
Roxa saudade, solitaria e bella,
Triste definha, despresada, a esmo,
Lá junta ao cardo.

Colhe-a de manso, co'estremoso affecto;
Guarda-a no peito, n'um scismar profundo,
A flor querida;
Rega-a co'o pranto, que lh'inunda os olhos,
Ao vel-a na haste reclinada, langue,
Quasi sem vida.

E' doce a vida no viver de amores,
Se a crença adeja, e a sorrir fluctúa
No mar das illusões:
Grato perfume, quo inebria a mente,
Da flor da esp'rança se desprende, e d'alma,
Dissipa as affiicções.

II

Teus Olhos

Formosa, teus olhos tão meigos, luzentes,
Resumem da flor
As graças, os mimos, os doces perfumes :
E fallam de amor.

Celeste deidade, teus olhos travessos
Encantos que são !
Si brandos queixumes teus lapios respiram,
Cahidos tão langues, teus olhos inspiram
Ardente paixão.

Contei-te qu'—em sonhos, fitavam meus olhos
Uns olhos assim !...
Alegre, louquinha, scismavas, sorrias,
Vaidosa pr'a mim.

Isento de amores, que magos encantos
Então eu senti !...
Rosinha, não sabes ? teus olhos escuros,
De veras, parecem, tão lindos, tão puros,
Os olhos que vi !

Momentos na vida felizes mais bellos
Jamais eu gozei,
Nem sonhos dourados mais lindos, mimosos,
Tamanha ventura, nem dias ditosos
Eu nunca sonhei.

Captiva minha alma, cahida em desmaio,
Amou, sem amar.
Risonha miragem de um anjo fagueiro
Me veio enlear...

Escuta ; tu foges !—eu amo teus olhos
Lusidos, brilhantes ;—
Lacinhos que prendem nos doces enlevos
Os ternos amantes !

São lindos, encantão teus olhos travessos
Assim a brincar :
Tão vivos, serenos, ás vezes dormentes,
Eu amo teus olhos tão meigos, luzentes,
Sem fito a pensar.

VIII

A estrella da tarde

Como anda pensativa
Lá nas campinas dó céo,
Tão scintillante e sem vèo,
Em sua sina o scismar !
Como o cysne que resvala
A' flor do lngo,—saudosa,
A nivea face mimosa
Vai nos montes occultar.

Estrellinha, porque foges ?
Porque te ausentas asrim,
Nesses espaços sem fim
Sosinha e triste a vagar ?
Como estás tão merencoria,
Tu qu'inda hoje sorrias ;
Quando alegre parecias
Sobre estas agoas brincar.

Ai não deixes estas fontes,
Estas fontes de chrystal,
Que se deslisão no val
Das relvas entre o tapiz !
Ah não sabes estrellinha
Nestas horas de tristeza,
Como é bella a natureza,
Do meu formoso paiz !

Olha o cedro que se agita
Sobre as cumes verdejantes
Daquellas serras gigantes
Chamando por ti, por mim..
Estrellinha, porque foges ?
Minha terra tem verdores,
Rios, montanhas e flores.
Flores que não tem fim.

Tu não vês esta corrente
Como murmura na praia,
Vem dar-lhe languido beijo ?
Não vês a lympha tão clara
Como corre mollemente,
Sussurrando brandamente
Da brisa ao leve bafejo ?...

Vem, meu astro feiticeiro,
Com teu sorriso infantil,
Por esses campos de anil,
Teus amores segredar :
Do Cotinguiba nas agoas
Vem, não tardes, indolente,
Embalar-te docemente
Ao clarão deste luar.

Eu te amo, como o nauta
Ama do mar a bonança,
Como ama a doce esperança
Que sorri na tempestade.
Bem como a flor melindrosa
Ama o rocio chrystalino
Meigo zepyro matutino,
Amo-te, casta deidade.

Qual donzella graciosa
No toucador a mirar-se,
Vi sereno retratar-se

No mar teu rosto gentil ;
Era então o céo sem nuvens,
A' tardinha, ao pôr do sol,
Quando n'um lindo arrebol
Brilhavas tão senhoril !

E amei-te qu'encantavas
Na viva e pallida côr,
Fascinado co'o fulgor,
Cem o brilho dos raios teus
Cantei-te, quando te foste,
Ao ver as aves, trinando,
Nos raminhos saltitantes,
Saudar-te n'um terno adeus !

rI

Quando em linda madrugada
Vens surgindo no horisonte
Por sobre o cume d) monte
Que ao longe se estende lá :
Si vens na grimpa dourada
Das nuvemsinhas de rosa
Despontando magestosa
Ao canto do sabiá ,

Quando assim aqui nas selvas
A luz do sol annuncias,
A mente ufana extasias
Do teu humilde cantor. . .
Oh ! quão donosa que ès,
Nivea estrellla verpertina !
Quem te fez tão peregrina ?
Quem te deu tanto primor ? !

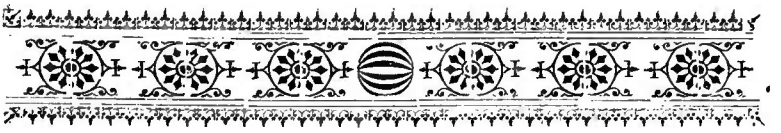
Eu te amo, como o nauta
Ama do mar a bonança,
Como ama a doce esperança
Que sorri na tempestade,

Bem como a flor melindrosa
Ama o rócio crystalino.—
Amo te, casta deidade.

Salve, rainha formosa
De lá dos campos sidereos,
Onde milhares de imperios
Ante teu porte se humilham!
Aqui só, abandonado
N'esta erma soledade,
Eu sinto a dôr da saudade,
Si já teus raios não brilham.

XI

Eutichio Soledade



No anniversari de Leopoldo Amaral

Dezenove annos! meo Deos, que idade bella
Para quem, como tu, vive de amores,
Passa a vida a cantar!
De santas illusões, de affectos puros
Tens a alma rica se entreabrindo em risos,
E vives a sonhar!

Inda o riso dos cynicos não poude
Crestar-te os labios; de tua alma virgem
Matar illuzões!
Foge, creança, d'esse mundo impuro,
Vae bem longe das vistas dos profanos
Tanger tuas canções

E' triste ver-se poluido o genio,
Semelhante a Azevedo suicidar-se
Na crapula fatal.
Ou qual Junqueira ter por mãos austeras
Forçada a vocação de um éstro ingente,
Nublado o seu phanal.

Canta, poeta, os hymnos de tua alma!
Abre as azas ao genio que s'expande
Dos annos no ardor;
Canta a vida, a mulher, e seos encantos
Como a flor exhalando seos perfumes
Da aurora no albor.

Canta, poeta, a patria, cujos brios,
Com a espada, no campo das batalhas,
Correste a sustentar!

Soldado, canta os feitos portentozos
Dos heroes, e dos bravos, cujo sangue
Tu viste derramar!...

Segue a estrada que encetaram bravos,
Mostrou-te Camerino o astro augusto
D'um brilhante porvir.
A'teo lado Calazans ebrio de glorias,
O estandarte abraçando brazileiro,
Cahio, mas á sorrir!

A fronte juvenil cinge orgulhoso
Das duas c'roas de virentes palmas,
De soldado e cantor;
Pois que a lyra e a espada que tu brandes
São das glorias da patria que defendes.
Precioso penhor.

A lyra ingenua que vibrara, ha pouco,
Cazemiro de Abreo, cantando amores
De ilustre menestrel,
Por Deus, poeta de canções amenas,
Não na estales no travar insano
No fumo do bordel.

O talento é camo o lyrio, que fenece,
E' a crysalida, que morre, se lhes falta
Da primvaera o sol.
O estudo é o baptismo do talento,
O estudo é a unção da intelligencia.
E' da vida o pharol.

Avante, Jovem de esperanças rico!
Nessa estrada de glorias em que marchas,
Não pares, viajor!
Soldado, colhe os loiros das victorias,
Poeta, canta os hymnos de tu'alma,
Dos annos no verdor!

XII

Leopoldo Amaral

I

Minha Sombra

Anjo do Céo que me segues
A' dar-me luz n'esta vida;
Que junto á mim sempre estaes:
Quer no perigo da linda,
Quer no descanço da paz,
Quem tu és ?

Phantasma que te apresentas
Do vicio torpe à arredar-me,
Que da virtude na estrada
Sempre te encontro á guiar-me,
Ou do dever na estacada,
Quem tu és ?

Sombra que vens incessante
Meus negros sonhos doirar;
Que velas sobre meo leito,
Que ouves meo resomnar,
Que choras sobre meo peito,
Quem tu és ?

Brilhante estrella que surge
Em meo firmamento escuro,
Que te assoberbas risonha
Si creio no meo futnro;
Si perco a fé és tristonha,
Qmem tu és ?

Serás ardente paixão
De amante terna, e extremosa,
Que de saudades tranzida,
Por mim suspira saudosa,
Receia por minha vida ?
Ai que não!...

Accaso de meo irmão
Serás saudades eloquente ?
Ou serás minha irmã
O beijo que ao triste auzente
Envia toda manhã ?
Ai que não !

Serás contricta oração
De mimha mãe lacrimosa,
Ante o altar ajoelhada
Da virgem triste, chorosa,
Que ao peito soffre uma espada?
Ai que não ?...

Talvez.. quem sabe ? mas não !...
Não és, que o peito m'o diz,
No pulsar do coração,
Nem beijo de minha irmã,
Saudades de meo irmão.
Nem de minha pobre mãe
Sua contricta oração,
Qne aos pés das Virgem das Dores
Entre pranto, e com fervores,
Ella elevar por mim vai.
Sombra !... eu já te comprehendo...
Estrella !... o teo brilho entenddo...
E's a imagem de meo Pae !!...

II

Lembro-me ainda

Eras crianças... eu tambem...
E n'essa quadra risonha,
Quem não sente amor,—não sonha,
Quem não nutre uma illusão ?...
Quem não tem na terra um anjo,
Que ao porvir lhe guie os passos,
E do amor nos brandos laços
Lhe captive o coração ?

Eras criança... eu brincava
Co'as tranças de teos cabellos,
Tão negros, meo Deos ! tão bellos,
Lustrosos como o setim...
Ai ! quantas vezes, surrindo,
Pegava d'elles... do pente...
Penteava-os docemente,
Pedia um cacho p'ra mim...

Eras criança.. te lembras ?
E tu ficavas... zangada,
Fugias toda apressada,
Sem me dizer :—sim—ou não
E eu corria á buscar-te ;
E tu de mim te escondias ;
Se te encontrava—sorrias..
E eu te lia o coração...

Eras criança... innocente
Como o jasmim da floresta,
Nas quentes horas da sésta
A debruçar-se gentil...
Eras a branca açucena
De maio nas madrugadas ;
A mais formosa das fadas,
Que vira o sol do Brazil..,

Eras criança... me lembra :
Eras tu a minha estrella ;
A vizão querida e bella,
Que velava os sonhos meos...
Sentada sobre o meo collo,
Assim de branco vestida,
Me matavas,—davas vida,
No volver dos olhos teos...

Eras criança... uma tarde
Eu toucava os teos cabellos ;
Nunca, então, com tantos zelos
Me pulsara o coração...
Era bella a natureza ;
Corria perto um regato ;
Eu pintei o teo retrato
Ao tanger de uma canção...

Eras criança... te lembras
Como eras feiticeira
Desta vez, a vez primeira
Qu'me inspiraste... huri ?...
Que fizeste d'esses versos,
De tão ingenua poesia,
Cheia de tanta harmonia
Que só dei a ler a ti ?

Eras criança... eu tambem...
Mas ao longe ruge a guerra,
Corro á vingar minha terra,
A ennobrecer-me ou morrer.
Meo pae me deo uma espada ;
Jurei fazer-te rainha,
Juraste ser minha Anninha,
Teo Germano eu jurei ser...

Eras criança... hoje és moça.
Quem sabes um só momento
Te virá ao pensamento
Essa quadra tão gentil ?
Inda és a mesma açucena
Das madrugadas de maio ?...
Que por ver-te em teo desmaio
Te beija o sol do Brazil...

II

No Paraguay

Lá bem longe, no centro da serra,
Dorme a féra fugida da guerra,
Novos crimes sonhando talvez !...
Nem lembrança ligeira lhe passa,
Das ruinas que cava a dosgraça,
Que favores tamanhos lhe fez !

Suas garras aguça ferinas,
Abre a boca, dilata as narinas,
Só se apraz em ver sangue correr !
Não ha quadro que novo lhe seja,
Despedaça, esmigalha, esbraveja,
Quer em mortes á morte exceder.

Considera-se salvo, ainda forte ;
Tem nas mãos a sentença de morte,
Que assignara, da mãi infeliz,
Cujo crime—foi só concebe-lo !
Cujo—crime nos braços prende-lo
Quando o viu trucidar seu paiz.

Treme Nero ! não podes fugir !
Sobre ti cahirà sem tardança ;
Treme Nero ! não podes fugir !

Mil valentes te cercam de perto ;
Treme Nero ! que neste deserto,
Entre lanças te vais succumbir !

E as hostes guereiras, as hostes valentes,
Se movem ligeiras, caminham contentes,
Buscando entre as serras da féra o covil !
Um grito se escuta—d'espanto e sorpreza !
Já trava-se a luta ;—baldada defeza !
Termina-se a luta n'um viva ao Brazil !

Cahiu emfim o barbaro tyranno,
Que as mãos tingiu no sangue generoso
Dos valentes da Cruz !
A terra s'estremece ! e indignada
O repelle de si ! o sol scintilla
Resplendente da luz

Cahiu emfim! que contorsões! que ancias !...
Negros remorsos lhe torturam, ferem,
O fero coração!
Só em crimes lhe falla a consciencia!
Mil espectros o cercam vingadores,
Bradando—maldição!...

Elle vê junto a si, banhado em pranto,
Sou velho pai, que soluçando grita:
Que fizeste—infeliz!
A risca não compriste os seus mandatos;
Maldito sejas! provocaste á luta
O mais nobre paiz!

Foi elle quem nos deu a mão de amigo;
Com ella levantamo-nos pequenos,
Nos fizemos nação.
Provinha delle só nossa grandesa;
Tu bem o conhecias; mas cegou-te
A mais negra ambição !

Deixei-te um povo forte, adolescente,
Laborioso, docil, respeitoso,
Tão contente de si !...
Um paiz abundante de riquezas,
Em tudo independente do estrangeiro,
Como outro não vi !

Deixei-te legiões de patriotas,
Com que pedosses defender teu solo,
Insultos repellir !
Sustentac'los da honra da bandeira,
Dos brios da nação ! esperançosos
Soldados do porvir !

Que é feito de meu povo?...o victimaste !
De livres um paiz escravisaste
Na cegueira infernal !
Meus soldados valentes, esforçados,
Trocaste por bandidos, assassinos
De mascara e punhal !

Recommendei-te tanto, e até pedi-te
Na hora extrema, que guardasses sempre
Reverencia ao Brazil ;
Que lhe fosses fiel e dedicado,
Que jamais em questões que lhe tocassem
Te mostrasses hostil !

Que é feito das promessas tão solennes
Dos juramentos santos que me déste
A's barras de um altar?
Onde está o futuro desse povo,
Que ás portas do progresso americano
Te cumpria levar?...

Onde estão teus extrenuos companheiros ?
Palacios, Berges, Barrios, Robles, Messa...
Explicai-me onde estão ?

Benigno ?.. Venancio ?... Fratricida !...
Onde está tua mãe ?... ah desgraçado !
Mil vezes maldição!...

E um exercito de mortos se levanta !...
E o monstro horrendo passa entre as fileiras
Ouvindo a mesma vóz !
D'este lado—os soldados da alliança
D'aquelle—os infelizes paraguayas !
E as victimas apoz !...

Reina entre os seus completo borborinho :
Anathemas ! blasfemias ! ais e pragas !
Cem mil imprecações !..
Entre oprobrios, afronta, ultrage, injurias,
O levam por diante !... e vai—caminha—
De baldões em baldões !

E sobre seu cadaver mutilado,
Que estendido ficou no chão da luta,
Nem se quer o suspiro de um soldado,
Que esprimisse o sentir de face enxuta !

Reflecte n'este quadro, orgulo humano !
Do vicio e da vaidade é negro effeito !
Resquin, Mays, o chammam de tyranno,
Emquanto a mãi lhe chora sobre o peito [

Inda mostra nas costas maltratadas
Os signaes dos açoites que soffrera !
Ai pobre ! quantas noites, tão veladas,
Não passaste a cantar-lhe a cabeceira ? !

Que carinhos, que amor, que ternos beijos,
Lhe não déste a sorrir inda creança ?
Quão santos não seriam teus desejos
Teus conselhos de mãi, tua esperança ? !

Oh ! como foi cruel teu desengano !
Que tormentos, meu Deus ! que tu passaste !
O filho que geraste era um tyranno !
Em teus braços um monstro acalentaste !

«Mãi... não chores a morte de Francisco,
—Lhe diz a filha « Somos venturosas !...
«Já somos livres ! não corremos risco !
«Oh ! como agora vamos ser ditosas !

«Olhe meus pulsos como estão cortados !...
«Veja meu corpo, que soffrera tanto !...
«Meus pobres olhos como estão pisados !...
«D'onde abundante me corria o pranto !

«Onde seria nossa vida agora,
«Já condemnadas á morrer de lança ? !
«Hoje da vida nos surgiu aurora,
«Das mãos de um povo de immortal pujança !»

«—Sim, filha, vejo, reconheço tudo...
«O sol de hoje já nos dá mais brilho !
«Já somos livres ! Grande Deos ! com tudo...
«Deixa que eu chore... sempre é meu filho !!!»

. . . . . .

Exulta ó meu Brazil, d'esta victoria,
Q'alcançarão titans contra titans ! !
Exulta vencedor nunca vencido ! !
Os filhos teus não votes ao olvido :
Sê grato : um monumento ergue a memoria
Dos Maias, Camerinos, Calazans.

XIII

Symphronio Cardoso

I

O Sertanejo

AO DR. MELLO MORAES FILHO

Sou sertanejo, meu amo,
Chapéo de couro e gibão ;
Todo dia o gado chamo,
Eis a aguilhada na mão,
Não sou cá de geringonça,
Não tenho medo da onça,
Já matei um gan*g*ussú ;
A cousa é tomar *piloia*,
Enforco até a giboia
No pé de mandacarú.

Sou caboc'lo e sertanjo,
Tenho raça de pury ;
A marrequinha do brejo
Me festeja e a jurity.
No dorso do meu novilho,
Do sol ao formoso brilho
Dansa alegre o azulão ;
A canna-fistula estremece,
Quando este cabra apparece
E me curva o seu pendão.

Na matta o barbado guaia,
Quando eu exclamo—aqui'stou ;
A fructa da sapucaia

Tremeu o no chão rolou.
Ouricury, carnaúba,
Burity, embrejauba,
Não temo os espinhos teus ;
Conheço o pão da resina,
Entendo da medicina,
No meu tanto sirvo a Deus.

Passando por um caminho,
Arreda que já lá vou !
Si o bicho esconde o focinho,
De longe me farejou.
Tenho, ou não tenho, mandinga ?
A mesma surucu-tinga
Não póde comigo, não !
Ao me ver, n'um desacato
Lá foge quebrando matto
Da terra lá no espigão.

Eu me chamo Rompe Ferro,
Sou filho do Ferrabraz ;
Pequeno andei pelo serro,
Já fui de pé a Goyaz.
Ja vi Bahia e Sergipe,
Surrão de couro é *philipe*,
Turra co'a gente é *teiró* ;
A saia branca é *anagua*,
Eu já vi o vapor d'agua,
Estão vendo que cousa só !

Eu ja tenho atravessado
Estes adustos sertões;
Quasi lá fui... affogado
Nuns brutos cachoeirões.
Foi lá—no tal S. Francisco,
Onde corri este risco,
Nunca mais aguas, poes não !

Quando escapei das piranhas,
Não vejo nestas montanhas,
Quem me chegue a pôr a mão.

Eu sou lá de Minas Nova
Sou filho do Grão Mogol;
Tambem sei as minhas trovas,
Tambem canto ao por do sol,
Foi comprando uma arreata,
Qu'eu vi Maria da Prata
Num rancho de Sabarà.
Mulata ! duas palavras,
Não sou daqui, sou das Lavras,
Quer ir commigo pr'a lá ?

Eu t'arrenego, Vicente,
Desde a hora que te vi;
Si tens famà de valente,
Ajunta o Bapendy.
Tira da cinta a garrucha,
Falla, rapaz, desembucha
E altera, si és capaz!
Roncando este trabuco,
Tu pias *que nem* macuco,
Fujo de Minas Geraes

Sou mesmo um cabra damnado,
Não ha niguem, como eu;
Boliu commigo—é sangrado,
Na mesma hora morreu.
Tambem não tiro barulho,
Das vendas não sou entulho,
Não sei de nada, pimpão
Só a Maria da Prata
Póde commigo e me mata,
Tenho por ella paixão.

Nenhum vivente me assombra,
Sou onça—tigre, Jesus !
Da gameleira na sombra
Sei rezar ao pé da cruz,
Trago rosario bentinho,
Sou mandingueiro e adivinho,
Curo de cobra tambem,
Bebo agua na cabaça,
Não sou homem de chalaça,
Me disse adeus ?—passe bem !

Moro na beira da estrada
No meu rancho de sapé ;
Acordo de madrugada
Eu mesmo côo o café.
Depois—nesta boa vida
Lá vou cantando, que lida !
Para as bandas do curral.
Gado velho ou novo gado
Tudo conhece o meu brado.
Ferve, estala o catingal.

A boiada s'esparrama
Nos montes e nos grotaes ;
Este que puxa uma rama,
Aquelle que bebe mais,
Ecou ! êlô ! toa ! toa !
Volta bicho ! na lagoa
Tu te pódes atolar.
E o *brioso* andando às tontas,
Lá vem sacudindo as pontas,
De quando em quando arruar.

Agora, sim ! è commigo,
Pasta, meu gado, a valer ;
Tranquillo como, mastigo,
Tomo um trago—que prazer !

Depois—á sombra espichado,
Livre de todo cuidado,
Que o sol convida a dormir ;
Naquelle doce abandono
Sobre a relva durmo um somno
E acordo ao menor bolir.

Anta, queixada que passa,
Mergulho de jacaré,
Meu amo, eu vi a fumaça,
De tudo logo dou fé,
Tambem quando cae o tarde,
Matta virge ! Deus me guarde
Da tua sombra e mudez :
Abro o perto, o gado acode,
Commigo quem é que póde ?
Lá vem berrando outra vez.

Este salta do catinga,
Aquell'outro do alcantil...
Qual a cabra tem mandinga !
Como é bonito e gentil
Ver o gado que vem vindo
Das capoeiras—mugindo
Tão certo no meu signal :
Ecou ! ecou ! volta, *bicho* !
Volta, boi *liso ! capricho !*
Para as bandas do curral!

E, nesta bella toada,
O gado se recolheu ;
Agora que a lua agrada
Quem vae s'embora—sou eu.
Là passo a mão na viola,
Consola, amiga, consola

Este roto coração;
Quem ama soffre ciumes,
Solta, viola os queixumes
Da mais ardente paixão.

Mulata! minha mulata,
Não fiques só, anda cá;
Si és a Maria da Prata,
Prata—não é cousa má.
Anda cá que estou penando
De saudade em fogo brando,
Fogo que queima e não doe;
Vou te buscar, tenho tropa
E o gado deitado assopra
E vez em quando remoe.

E' noute velha, Marocas,
Não dorme quem tem paixão;
No fogo *que nem* pipocas
Rebenta o meu coração,
Na cama viro, reviro,
Lá vae por ti um suspiro,
Outro e outro e muitos mais;
Sonha com o teu sertanejo,
Toma, mulata este beijo
Furtado nos bamburraes.

Eu gosto d'Ave Maria
Por ser a tua oração;
Foi-se a noite e vem o dia
Que lida! que tentação!
Adeus! Maria da Prata,
Adeus! querida mulata,
Vira! gado—do curral;
Vamos, olé! nos embora
A sorte está caipora,
O carrapato é teu mal.

Sou sertanejo, meu amo,
Chapéo de couro e gibão,
Todo dia o gado chamo,
Mas... não lhe ponho o ferrão,
Tenho pena da boiada,
Tão lisa, tão anafada,
Que mimo! benza-te Deus!
Marroaz, vaccas, bezerros,
Ecou! êlou! para os serros,
Mulata! peccados meus.

II

O Monge de S. Bernardo

Galgando os cêrros Peninos
Do colosso dos Alpinos
Alcantilados, supinos,
Que vão co'as nuvens topar:
Ora medindo as alturas:
Ora as negras profunduras
N'essas noites mais escuras,
De tanto relampejar;

Sem temer já os relentos,
As lufadas já dos ventos,
Que despejam em momentos
Gelo que as nuvens contem:
Vai do Christo o grão soldado,
Pelos annos arqueado
Ao seu bastão arrimado,
Em busca em tanto de alguem—

Na mão contendo a lanterna,
Pedindo ao Céos a Eterna
Protecção, não se consterna,
Seu amor vai muito longe!

«Páre o sol no seu solsticio—
Elle exclama: o precipicio
Transporei, e logo indicio
Dá o cão ao santo monge,

Annuncia alguem perdido
Diz o monge condoido,
Que de forças exhaurido
Morre ao gelo glacial—
Tornai a noite mais calma
Senhor! animai minh'alma,
Para que eu goze da palma
Do vosso amor paternal.

E já como o raio ardente,
Que vem dos céos estridente
Da terra em busca somente
Cego, louco, em desatino;
Assim corre: e semi-morto
Acha o pobre sem conforto,
N'aquelle nevado horto
Só alli, sò peregrino.

Então cuidoso em seus braços,
Cavo o peito, os olhos baços
Vê-lhe os dias tão escassos,
Louge o pulso, e o coração;
E qual disparada setta
Da virtude o monge attleta,
Ardua viage enceta,
Sempre appoiado ao bastão.

Agora vão os Peninos
Cheio de mattos alpinos,
A' matinada dos sinos
De um som doce e lastimeiro;
Subindo, subindo ao longe—

Que triste scena! compuge,
Peregrino, cão e monge
De volta para o mosterio.

Ahi então asylado—
O peregrino é pençado
Dos seus males, disvelado
Pelo monge. Santo Deus !
Dai-lhe em paga a felicidade,
Santo amor de caridade,
Que conduz a eternidade,
Que reina e vive nos Céos.

III

O Tropeiro

Estamos aqui na matta,
Onde esbraveja a cascata
E a verde fronde desata
Nos ares o palmeiral.
E' meio dia : sol quente !
Trabalha no eito a gente,
Pia o jacú de repente,
Estala um rijo mangoal.

«*Eita diabo !*» O Barbosa,
Tropeiro, mulato prosa,
A mula arisca, fogosa,
Parou damnado a falar.
«Murchaste a orelha, cabrita ?
Cadê Joanna? olha, Rita,
Zumbi no matto é que apita,
Arreda ! deixa passar...

Diabo do trem de ferro !
Agora é só este berro,
Fujo d'aqui, me desterro,

Não volto á tapera mais.
Largando fumo nos ares,
Destroçando os meus palmares,
Assim entrou nestes lares,
Os velhos cannaviaes.

E' noite e dia—o diabo
Lá vem arrastando o rabo,
Do gado todo dá cabo,
Coitada de minha rez!
Lá se foi com o bezerrinho
Esmagada no caminho,
Bicho que bota o focinho
Rôla por terra de vez.

S'tou vendo a hora que o bicho,
Ou por graça, ou capricho,
Segura pelo rabicho
O meu feroz alasão.
Berrou já... não tem demora,
Nos quadris prego-lhe a espora,
Vamos ver quem pode agora,
Cobra de rasto no chão.

Deixa passar o trambolho..
Caiu-me um cisco no olho,
O'Joanna, dá-me um repolho,
Que linda horta que tens!
Que frescura de conteiros,
Floridos algodoeiros,
Carregados cateeiros,
P'r'onde vaes e d'onde vens?!.

Como tudo está mudado
Coração! por nosso fado,
Parece até mau olhado
De quem passou por aqui,

A nuvem dos priquitos
Lá deserta dos palmitos,
Lá correm bois e cabritos,
Foje macaco o sagui.

Outr'ora, sim! que ventura!
Fogueira na noite escura
E cafè com rapadura
E a gente soltando a voz,
E o pandeiro repicando,
E a viola ponteando,
E a chinoca requebrando...
Ai! tempos de meus avós!

Aquillo é que era vidinha!
Inda m'*alembra*, a Candinha
Toda chic, bonitinha,
Dando embigada a valer,—
Era da festa o feitiço,
Tudo andava em reboliço,
Toruna, deixa-te d'isso,
Nâc sou desmancha prazer.

Fui olhar p'ra rapariga,
Quando o cabra de uma figa
Sahiu da roda: «Me siga.»
—Que quer comigo?—«Não sei.»
A gente toda se ajunta,
—Minha avó é que é defunta
Não *inflóe* a tal pergunta,
Ao valente desarmei.»

Mas ia havendo um sarilho!..
Quando eu montava lombilho
Coragem sempre! meu filho
Dizia de pé meu pae;

E eu já pequeno levado,
Ao marroaz enfezado
Investia assim montado,
Banana pôdre è que cae.

Criei-me assim : fui tropeiro,
Viajei o mundo inteiro
Desde o Serro ao Tabuleiro,
De Ouro Preto ao Grãos Mogol.
Seguia a tropa na frente,
Meu cão de fila ia rente,
Bons dias! senhor Tenente,
Não tinha chuva, nem sol.

Meio de lado no baio,
Na garupa o papagaio,
A tarde em doce desmaio,
Lingua de fora o meu cão ;
Eu batia pela estrada,
A lua meio chanfrada,
Cantando à rouca tôada
Das aguas do ribeirão.

Soltava o lote na palha,
Dependurava a cangalha,
Nossa senhora me valha !
Que vida que labutar !
Lavava os pés nagua morna,
Acordava co' a codorna
E lá ia p'ra bigorna
Os cravos atarracar.

A tropa toda ferrada,
Tudo preso, na estacada,
Barriga cheia, amilhada,
Anda ligeiro Joaquim !

Tudo este cabra soffreu.
Saudades da minha dona,
Parda bonita, pimpona,
Que, por via de uma mona,
Muita pancada me deu.

A mamona dá o azeite,
Vacca parida dá leite,
Mulher o que quer é enfeite,
Aguenta no caboré ;
Si casar não é casaca,
E' todo o dia — matraca,
Nem na cerca a maritraca,
Trasteja — que bate o pé.

Onde me vê tão robusto
Sou que nem o tenro arbusto,
Mulher que me olhou, sem custo
Logo meu genio dobrou.
Basta um gesto feiticeiro,
Basta um sorriso faceiro,
Lançou por terra o tropeiro...
Ai ! amor que me criou !

E toca pela picada...
Já passou a trovoada,
A tua saia engommada
Caiu da corda no chão.
Adeus ! Joanna: adeus ! folia,
Té por cá, té outro dia,
Cantarola bizarria,
Que logo nasce o feijão.

IV

A Topada

Era numa encruzilhada,
Que ali o caminho faz;
Ouvi uma barulhada,
Recuei logo p'ra traz.

Que matinada era esta
Do dia no coração?
Cèrca ahi! que desembesta,
Cérca a besta! paspalhão.

O cabra vinha damnado,
Na aza mesmo, a vôar.
Quando num tronco rolado
Foi topada de rachar.

O sangue corria em bica,
Vermelho como açafrão;
Ou como saia da Chica,
Que è feita de baetão.

Lá se foi de meio a meio
A unha do polegar!
Da milharada no seio
Trota a besta, a relinchar.

Foi elle gritar comigo
E aquelle tronco rolou...
Parece até um castigo,
Na mesma hora pagou.

Toma conta d'este caso,
Não faças pouco em ninguem,
Senão là vae tudo raso,
Quem sorri, chora tambem.

Sabia mais do que um livro
A defunta minha avó;
Fazendo renda de crivo,
Na tripa lhe deu um nó.

Este mundo è um engano,
Quem se engana é por que quer;
Ave de papo—é tocano,
Bicho de capa—é mulher.

Toca ! toca pela estrada,
Regala o olho alasão!
Topada chama topada,
Enterra o casco no chão.

XIV

Tobias Barretto de Menezes

I

O Beija-Flor

Era uma moça franzina,
Bella visão matutina
Daquellas que é raro ver,
Corpo esbelto, collo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vêde-a lá: timida, esquiva..
Que bocca!.. é a flór mais viva,
Que agora está no jardim,
Mordendo a polpa do labio,
Como quem suga o resabio
Dos beijos de um cherubim !..

Nem vio que as auras gemeram,
E os ramos estremeceram
Quando um pouco alli se ergueu!.
Nos alvos dentes, viçosa,
Parte o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada
De seu rosto a nivea tez,

Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz: nós duas!...
E a brisa emenda: nós tres!...

Vai nesse andar descuidoso,
Quando um Beija-flor teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzella,
Peneira na face d'ella,
E quer-lhe os labios tambem.

Treme a virgem de sorpresa,
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flôr da mão;
Nas azas d'ave mimosa
Quebra-se a flor melindrosa,
Que rola esparsa no chão.

Não sei o que a virgem falla,
Que abre o peito e mais trescala,
Do trescalar de uma flor:
Vôa em cima o passarinho..
Vai já tocando o biquinho
Nos beiços de rubra côr.

A moça, que se envergonha
De correr, meio risonha
Procura se desviar;
Neste empenho os seios ambos
Deixa ver; inconhos jambos
De algum celeste pomar!..

Forte luta, luta incrivel
Por um beijo! E' impossivel
Dizer tudo o que se deu.
Tanta cousa, que se esquece
Na vida! Mas me parece
Que o passarinho venceu!...

Conheço a moça franzina
Que a fronte candida inclina
Ao sopro de casto amor:
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ella conta sorrindo
A historia do beija-flor.

(1860.)

II

Os Tabarèos

A noite bole-me n'alma,
E eu sinto não sei que pena...
Amor de minha morena?
Quebrantos de seu olhar?
Grossas auras repassar
De perfumes e lembranças
Carregam-me as esperanças,
E eu me vingo em chorar...

Chorar? que bem fazem lagrimas?
A' folha sêcca abrazada
Não vale a fresca orvalhada...
Chorar!.. eu nunca chorei:
Ergo a fronte, aparo o raio,
Desgraçado e sempre altivo,
Não morro, porque não vivo;
Não choro, porque não sei.

Não sei quem é que não sabe
N'uma lagrima sentida
Alliviar-se da vida,
Que pesa no craçâo?
Não sabes como são tristes

Os olhos de quem não chora,
Como o teu rosto descora
Ao calor deste sertão?

Deste sertão ! é bem duro
Soltar inutil queixume,
Amar, sentir um perfume
De que não se sabe a flôr...
Não me recordes, não falles
No meu rosto descorado,
No meu olhar desvairado:
Não bulas com a minha dor.

*
* *

Interrompendo os lamentos,
Calaram-se. Ambos attentos
Ouvem como que um tropel,
Que se augmenta que se engrossa...
A poucos passos da choça
Nitriu fogoso corcél.

E a todos, que alli se achavam.
Guarde-os Deus ! não me esperavam !..
Disse um moço que esbarrou.
De casa aqui n' uma hora !
São rasgos de quem namora....
Palavra dada, aqui estou !

Consta-me que ha muito arrojo
Nos festejos de São João,
Vim hoje vêr a novena
E conversar com a morena
Que trago no coração.

Conversar ? ! e vim desposto ...
A carregal-a tambem
Nas ancas do meu murzéllo,
Demonio que só eu séllo,
Só eu monto e mais ninguem...

Olharam se todos, Tú és um damnado!
Disseram. E o moço já estava de pé ;
N'uma cêpo de angico, depois assentado,
Contava proezas, mostrando quem é,

Conversa o terrivel, que sabe de tudo,
De espectro e phantasma que á noite se vê
Um diz: é mentira ! O canponio pelludo
De um pulo s'erguendo, responde-lhe : o que ?

A noite formosa do Santo Baptista
Tem muitas virtudes sustenta o rapaz.
Eu conto uma historia da bella entrevista
Que têm os valentes com o diabo sagaz.

Peguei como ensinam, de um galho de arruda
Depuz no caminho que encruza-se alli;
Gritei pelo nome da fera sanhuda,
E ao cheiro da herva com poucas eu vi...

Em negro cavallo de arreios de fogo
Figura medonha me diz: aqui estou !
Senti-me medroso de entrar neste jogo;
Não sei... de repente meu sangue esquentou.

Nos olhos, no punho correu-me a coragem ;
Que estava montado no meu alazão;
Cravei-lhe as esporas, cheguei-me á visagem,
Tomei-lhe a distancia, metti-lhe o facão.

E o ferro tinia no corpo de pedra,
Faiscas enormes cahiam no chão;
Eu cego, bradava: commigo não medra !
Virou-se n' um porco, metti-lhe o facão.

Virou-se.... virou-se.... piquei o cavallo,
Bem alto dizendo-lhe: é como quizer!...

Lancei-me por cima, queria pegal-o...
E esta ? ! ... O diabo virado em mulher !..

*
* *

Metto o facão na bainha;
Pergunto-lhe : e quem és tu ?
D'alto a baixo era Joanninha,
Por alcunha—*Pucassù*.

Mas aqui havia engano :
Como é qu'esta meretriz,
Que morreu, ha mais de um anno,
De eousa que não se diz,

Vinha encontrar-se commigo?
Não acho a cousa. Só sei
Que ante a cara do inimigo
Fui firme, não recuei.

Não fugi, não tive medo
Das astucias infernaes,
Ella pedio-me segredo,
Por isto não digo o mais.

(1866)

III

Os Trovadores das selvas

Na porta da choça que aspira a baunilha,
Mistura-se a lua com varias feições
De moças que escutam rapaz que dedilha,
Rapaz que dedila silvestres canções.

Da *prima* aos tinidos, ao som da cantiga,
Dançando a mais bella se alquebra e sorri,

E o canto repete-lhe: assim, rapariga,
Assim, rapariga, desfolha-te aqui!

Quem disse, meninas, que lá nas cidades
Tudo era belleza? prorompe o cantor:
Mentira... não passam de fôfas vaidades,
De fôfas vaidades, de espinhos em flor.

Ao bafo sonoro da muzica em ancias,
Que embaça dos rostos a tez de crystal,
Lá vai fluctuando, perdendo as fragancias,
Perdendo as fragancias, a flor virginal!

E os seios que pulam em surdas arfadas,
Das harpas serenas ao doce arquejar,
De sons e suspiros as roupas tufadas,
As roupas tufadas querendo voar?...

São ellas que estreitam-se em braços delgados,
As moças, as bellas, as virgens de lá...
Corpinhos ligeiros, os seios pegados,
Os ceios pegados... que não se fará?

São estas as graças, que lá se desfrutam?
De pé, rapariagas aqui junto a mim!
Cantemos um hymno; pois não nos escutam,
Pois não nos escutam, digamos assim:

*
* *

Paixão da belleza,
Nos bailes accesa,
Da selva a simpleza
Mais bella não é?
Que importa esse encanto
D'um collo sem manto,
D'um rosto sem pranto,
D'um alma sem fé?

Que são vossas bellas ?
Nós temos donzellas
Mais lindas do que ellas,
Mais virgens emfim:
Meninas caladas;
Bebendo as toadas,
Do peito choradas
Do meu bandolim...

E aqui no terrado,
Por ellas pisado,
De lua forrado,
Dançamos tambem ;
Mas tudo é candura,
Que aqui mão impura
Não pega em cintura,
Nem dá-se a ninguem.

Nem crescem desejos,
Que em surdos adejos
Em busca de beijos,
Pruduzem só fel ;
Aqui na colmeia
Do peito mais cheia,
Que o céo só tenteia...
Quem sabe-lhe o mel ?

E' nossa a victoria :
Gravai na memoria
Que um raio de gloria
Nos doira o suor.
Com Deus trabalhamos,
Colhemos, cantamos,
E assim nos amamos,
Qnem vive melhor ?

IV

Anno bom

Era um claro salão. Moças brincavam,
Pela entrada feliz do novo anno,
Mãosinhas d'anjo saltitavam candidas
Sobre o teclado d'optimo piano.

Um sertanejo que presente estava,
De rude trajo e sapatões de sóla,
Diz ao dono da casa em tom agreste :
«Capitão, mande vir uma viola... »

Hilaridade ! O bruto continúa :
«Não sei que graça tem o tal piano...
E, volvendo-se ás moças que o encaram :
«Vossas mercês, nãs gostam do *bahiano* ?...»

Gargalhada geral. «Como ? Isto é serio ?»
Replica o monstro, que se erguendo avança
Para as meninas, e lhes diz convicto :
«Não duvidem ; eu tóco e tudo dança.»

Chega a viola, o unico peculio
De um dos muitos escravos da fazenda :
Mas falta o arame : manda-se um moleque
Buscar depressa um carretel na venda.

Volta o emissario ; a cousa está completa ;
E o sertanejo afina o instrumento ;
Começa o toque, um septimo batido
No estylo barbaro em que sopra o vento.

Ninguem resiste !... Ao som, que sae do peito
Da viola franzina e amarella,
Os homens formam roda, e as proprias moças
Não têm reservas e se mettem n'ella...

Chovem as palmas, o *bahiano* impéra:
Em circulo tão nobre um facto raro !..
Movimentos, requebros, e tregeitos,
De que vergonha è natural reparo.

Mas nem todas, que dançam, mostram-se aptas
Para o mistér. Aquella é desasada,
Move o corpo sem graça, e... coitadinha !...
Nem se quer sabe dar uma embigada !..

Porém a bella do piano.. espanta !
Pisada e porte de pessoa déstra ;
Abre os braços, que mimo ! o diabrete
Saracoteia, como velha mestra.

A loura coma esparsa !.. Onde esta moça
Ja viu dançar-se ao toque da viola ?
Pondo a lingua entre os dentes, dá sorrindo
Um estálo, que finge castanhóla !...

E o *bahiano* prosegue, o fogo augmenta,
Tudo alli se transforma em harmonia ;
Mas, por engano, topam no matuto,
Que termina e repete : «eu não dizia ? !...

(1° de Janeiro de 1882.)

Scena Sergipana

Vede a bella miseravel
Da minha patria... Eil-a aqui.
Fallai lhe... Como é affavel !,
Como vos chama !... Segui ;
Qu'ella inda tem seus verdores,
Seus rebanhos e pastores,

Desgarrados pelo val...
Tem alli macia alfombra,
N'aquelle roupão de sombra,
Que desveste o quixabal...

E nas almas das donzellas
Toda a graça se contém;
Quando eu brincava com ellas,
Eu era virgem tambem...
Por tardes de bello estio
Via-as despir-se no rio,
Não tinham pejo de mim...
Meus olhos se deslumbravam
De fórmas que se arqueavam
Como lyras de marfim,

Quando a dona do vestido,
Que eu me apressava em levar,
Dizia: «como é sabido!
Vem trazer para me olhar...»
Vendo-me então pequenino:
«Quem faz conta de um menino...
Criança, de que te influes?!»
Gritavam corpinhos humidos;
Esta aqui—de seios tumidos,
Aquella—de olhos azues.

Nem já me lembra qual era,
Que, em mim se arrimando então,
«Meu noivo, dizia: espera!»
Outras vezes: «meu irmão!..»
Como acabava depressa
Tanto amor, tanta promessa
De coração virginal!..
Ah bellos tempos ditosos
Em que os enganos são g zos
E os beijos não fazem mal!

Um beijo é todo o segredo
Deposto na linda mão ;
Milagre !... pomba sem medo,
Brincando com o gavião...
Meio vergada em desleixo,
Com a innocencia em que a deixo,
Na arêia imprimindo o pé,
Com certa graça fraterna,
Sufralda, descobre a perna,
E me olha e diz : «o que é ?...»

Fica lhe a bocca entre-aberta,
Dizendo sorrindo assim,
Meu olhar se desconcerta..
Porqne não foge de mim ?
Tomo-lhe as mãos pequeninas,
Esguias, brancas, divinas,
E n'um ligeiro abraçar,
Volvendo o corpo em contrario,
Rebenta se-lhe o rosario,
E ella se põe a chorar...

Chega-se á margem sombria,
As auras partem de lá;
Rolam na relva macia,
Trepam nas ramas da ingá...
E, humidas como o focinho
De mimos o cachorrinho,
Farejam-lhe a nivea mão,
E vêm ganir-me no ouvido,
Como um quebrado tinido
Das cordas da solidão...

1857.

VI

O Beijo

Que silencio, que calma
No teu olhar!
Cherubim da minha alma,
Vamos voar ?

Algum canto suave
No bosque ouvir ?
Ou no ninho de uma ave
Juntos dormir ?

Vamos, longe do mundo,
Que é um paúl,
Espelhar-nos no fundo
Do céo azul ?

Sei d'um ermo encantado,
Que existe além ;
Já corremos o prado,
Caminha, vem !

Dentro deste arvoredo
Ninguem nos vê..
Vamos, tremes de medo ?
Medo de quê ?

Olha as frutas vermelhas
Do meu vergel...
Quanto enxame de abelhas !
Tu queres mel ?

Olha... que passarinho
Lindo a cantar !...
Vou pegal-o no ninho,
Para t'o dar.

Quanta sombra !.. Repousa,
Descansa aqui :
Vou dizer-te uma cousa,
Que eu sei de ti.

Mas só digo na bocca,
No ouvido não...
Anda, espera ; que louca !..
Retira a mão !..

Suspirar-te um segredo
Deixa, que tem ?
Cuidas que no arlvoredo
Bolio alguem ?

Foi o vento ; ora essa !..
Ninguem bolio :
Chega, dá-me depressa...
Está !.. Quem vio ?

(1867)

VII

Amar

Amar é fazer o ninho,
Que a duas almas contém,
Ter medo de estar sosinho,
Dizer com lagrimas : vem,
Flor, querida, noiva, esposa...
Cabemos na mesma lousa..
Julieta, eu sou Romeu ;
Correr, gritar : onde vamos ?
Que luz ! que cheiro ! onde estamos ?
E ouvir uma voz : no céo !

Vagar em campos floridos
Que a terra mesma não tem :
Chegarmos loucos, perdidos
Onde não chega ninguem...
E, ao pé de correntes calmas,
Que espalham virentes palmas,
Dizer-te : senta-te aqui ;
E alèm, na margem sombria,
Ver uma corça bravia,
Pasmada, olhando p'ra ti !

(1866.)

VIII

Lenda Rustica

Como um perfume que embalsama os campos
E as abelhas attrahe á flor que o exhala,
Vaga o renome da mulher mais linda
Que na selva se vio. Rivaes perdidos
Já no punho mediram-se por elle,
Por ella triste o sertanejo bravo,
Que amostta da corage' a côr e a seiba,
Sangue nos olhos e suor na fronte,
Deixou tombar aos sóes do meio dia
Pelo ermo a cabeça atormentada.

Là se avista uma choça. Alli se esconde
No seu ninho de palha a ave esgarrada :
Cançada e louca e sò, núa se atira
Nesse banho do céo, fervendo em sonhos,
Que é o seu dormir. Sobre ella arregalados
Da noite os astros, através das frestas,
No leito veem-na estremecida, anciosa
Revelar ao seu anjo espavorido

Daquelle corpo os candidos mysterios.
Divino sangue lhe realça as veias ;
E, do somno emergindo á face nitida,
Nas alvas carnes docemente escorrem
Tenues fios azues de ondas celestes.

Abandonada assim, de riso em riso,
De sonho em sonho, dilatando as graças,
Não acorda, desbrocha, abre com as flôres,
E a estrella da manhã lhe acende os olhos
Inquietos, grandes, que borbulham d'alma...
A esmo lavram nos seus lombos rigidos
Louros cabellos, flutuando esparsos,
Como uma irradiação do sol nos mares.
Pasto, abundante, pesa-lhe nos hombros
O massiço das tranças, balançadas,
Como torrentes, que d'um monte cahem,
Em suas ondas rolando arêas de oiro.
E as de vêr: este archanjo condemnado,
Esta pomba cahiu em laço ignobil,
Esta mulher se mancha em lodo infame !
Prostituta, com seios de donzella,
Offerece aos beijos vis aquella testa
Branca, pendida, como a lua baça,
Lá para o occaso, ao despontar do dia.
E nem sei como os sopros da lascivia
Não murcham-lhe ainda os beiços rubidos,
Folha de riso e mel, que abrem polposas,
Ao biquinho dos passaros implumes,
Que ella tira do ninho e traz no seio.
Por que muda de côr a cada instante ?
Dir-se-ia que flutuam-lhe no rosto
As sombras vagas de visões angelicas,
Que altamente suspendem-se revoam
De su'alma na escura immensidade
Legiões que passam, candidas, purpureas,
E atraz... o anjo pallido da morte !

O bosque verde, a solidão florida,
As grutas cheias de mysterio e sombra.
Moitas folhudas, onde a rola geme,
E debaixo remoe a corça arisca,
Eis ahi, trescalando, as mil alcovas
De prostibulo immenso dessa douda.

De bem longe a pomba linda
Fugindo sentou-se aqui:
E pensas que o odio finda,
Que não se lembram de ti ?

E' já muito e não se estanca
Dos teus o pranto infeliz;
Cresce, cresce a barba branca
Do velho que te maldiz...

Em braços d'homem repousas,
As tranças varrem-te o chão:
Por que ensinas essas cousas
A's flores da solidão ?...

No vicio teu corpo illustre
Não murcha, semqre gentil !
E' como uma flor palustre,
Que cheira no lodo vil.

De beijos queimada, esqueces
Que a morte te vê... pois bem:
Tu peccas e adormeces !...
Espera, o raio ahi vem.

E' noite, bem noite. Na estrada arenosa,
Que em leguas de plaino se vê branquear,
Qual serpe disforme de prata lustrosa,
Que ahi se estirasse dormindo ao luar.

Vae um cavalleiro... Flutuam nos ares
Ao sôpro do vento, que açoita cruel,
Os fios ligeiros de negros pensares
E as crinas brilhantes de negro corcel.

A senda achatada sumio-se na mata,
E o vulto nocturno com ella embocou.
Do ventre das brenhas, que têm a cascata,
Rugido medonho na mata estrondou.

E' d'onça terrivel, que vae diligente
Na secca folhagem pisando subtil.
Refuga o cavallo na mão do valente,
Como um pyrilampo clarêa o fuzil.

Sua arma querida, que não desfogona,
Diabo!... medrosa!... lhe mente esta vez;
Medroso o cavallo tambem o abandona,
Lançando-o por terra, n'um gyro que fez.

Mas elle, que a queda previne adestrado,
De um salto adiante se firma de pé!
Com as redeas seguras, cabello eriçado,
Lembranças perdidas, nem sabe o que é!...

Ninguem lhe apparece. Cavalga ligeiro;
Palavras soturnas murmura e sorri.
Caminha... e sahindo n'um largo terreiro,
Quem visse-lhe o gesto, diria: é aqui!...

De certo a aragem campestre
Levemente sussurrou
Na palha. Uma estatua equestre
Diante da choça brotou.

Mas eil-o já de pé. N'um braço d'arvore
Enfia as redeas, e o ginete espera.
Avança e pára... O coração se encolhe.
Com o ferro em punho, de bainha argentea,

Faz um aceno rapido de sombra,
Como impondo silencio á natureza,
E ao monstro horrivel, que lhe morde n'alma.
Avança e chega. Cede a porta fragil,
E entra lugubre o espectro da vingança.
Na lareira incinzada um lenho ardendo
Brota de um sopro a tocha, que alumia
O miserrimo alvergue. Olhou em roda,
E nos labios correul-he um riso tremulo,
Porque ella apparece emfim! Coitada!...

Resona a pobre, despida,
Com o corpo todo risonho.
Suada, lidando em sonho
De amor e beijos talvez...
Como que um tepido orvalho
Sobre ella a noite derrama,
E lingua de etherea flamma
Lambe-lhe a florea nudez.

Elle a vê... sua irmã!... Retira os olhos,
Lança-lhe em cima um véo, que acaso encontra,
Chega-se a ella, trava-lhe do braço,
Sacode-a e diz: acorda, eu vim matar-te!
Mal estremunha, a victima conhece
O seu algoz, que descarrega o golpe,
Rugindo: a um velho pai este offereço.

E mais este, que é meu, e, agora morta,
A punhalada ultima, profunda,
Seja este beijo que saudosa envia-te
Por despedida, minha mãi... Calou-se.
E o toque desses labios enraivados,
Que poisaram na fronte de um cadaver,
Queimando-o, lhe deixou medonho estigma.

Já começava a desbrochar, corando,
A papoula dos céos, a aurora. Os passaros
E as flores confundiam suas preces.
No momento em que as choças humilhadas
Aos pés da Virgem Santa um hymno erguendo,
No levante a sorrir, a alva tremia,
Como cruz de diamante em seio pallido,
E suavissimas vozes de donzellas
Cantavam—*Salve, stella matutina!*
Passava um cavalleiro a trote surdo
De agitado corcel. Com as mãos crispadas,
Olhos torvos, cabeça descoberta,
Que os bafos matinaes não refrescavam,
Era horrivel!... O ancião rustico e forte,
Que madruga, aspirando o aroma puro
Da guabiraba, a se benzer dizia:
«Nunca vi de manhã cara tão feia!...»

(1866).

IX

Amalia

(N'um album)

Que vem fazer em pagina tão alva
Uma idéa mortal, humana, impropria,
Como em fronte infantil ruga sombria?
Ah! se ao appello de teus olhos serios
Responde tudo, que palpita e brilha;
A flor, a estrella, o coração respondem
N'um canto vago, immaculado, ethereo;
Possa minh'alma ennevoada, agreste,
De um nome angelico atirar as syllabas
Ao mar, ao céo, á luz, ao vento, ás aguias,
Capazes de apanhar a poeira fulgida

Do chão que pisas, e, n'um vôo celeste,
Ir, por brinquedo, sacudir as azas
No seio branco da mais linda nuvem...

Feito de riso e doçura,
Aura do céo respiravel,
Teu nome santo, ineffavel,
Tão puro que os labios meus
Têm susto de proferil-o,
Desperdiçar-lhe os odores,
Amalia !... è o abrir das flôres
Pronunciado por Deus !

Bem como do sol projectam-se
Os longos raios da lua,
Dardeja na face tua
Paterno olhar do Senhor;
Nem sei o que é mais visivel,
Se do teu rosto a lindeza,
Do teu corpo a subtileza,
Ou da tua alma o candor !...

Mas é verdade que soffres?...
Tão moça, soffres tão cêdo !
Diz: que angelico dedo
Bolio-te no coração ?
Ou foi a aragem da tarde,
Que o teu bordado de sonhos,
Esperançosos, risonhos,
Arrebatou-te da mão ?

Dize: no céo, nas espheras
Fitas-te um olhar mais triste ?...
Tão terna ás flores sorriste,
Que a alma puderam-te vêr ?
Pois as flores todas, todas,
Já sabem do teu segredo,

E so ellas sabem... tem medo
Que as aves queiram saber.

Os ninhos não são capazes
D'esconder este mysterio;
Nem mesmo o tumulo é sério,
Para guardar esta dôr...
As rosas não são amigas,
A quem abras o teu peito,
Crueis que dizem: bem feito,
Quem te mandou ter amor?

De um peito debil, nos sonóros rythmos,
Como que se ouve o tropear de instantes
Que vão correndo fugitivos, trepidos...
Não ouças: canta. Que disse eu? não cantes!
Não; não recebas do piano os bafos,
Que são veneno para a tua dôr:
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Dizem que as serpes habitar costumam
Ninhos sem aves, por ahi desertos;
E a morte gosta de beijar os seios,
Que as magoas deixam para os céos abertos.
Não penses nisso; em tua fronte limpida
Corre da vida o matinal frescor:
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Como se calam da esperança os hymnos,
Ruido d'azas, que ao teu lado ouviste!...
Ao céo perguntas: por que morre a virgem?
E o céo te escuta n'um silencio triste...
E' que tens medo de fechar os olhos,
Cenar os labios, e perder a côr...
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Tudo faz mal ao coração ; a folha
Que cahe, o ramo que estremece, a vaga
Que geme á tarde, uma lembrança ao longe,
Um raio tremulo, um olhar que afaga,
Tudo faz mal ao coração: a aurora,
O riso, o pranto, o desfolhar da flôr...
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

(1864)

X

Polka Imperial

Esta polka é o nectar dos anjos
Preparado de orvalho e de mel;
E' o som da carreira infinita
De auri-rubro celeste corcel.

E' cascata de vivos diamantes,
Borrifando um tapiz de esmeraldas;
E' o brinco de deusas travessas,
Desfolhando laureis e grinaldas.

Perigrina harmonia de anhélos,
De ternuras, de castos desejos,
Confusão de soluços e prantos,
De suspiros, affagos e beijos...

Esta polka è o halito ardente
De cem pallida virgens formosas,
Que adormecem, cantando abraçadas
Sobre um leito coberto de rosas.

E' a doce agonia sonóra
Da menina pudica e modesta,
Que murmura, sonhando agastada
De algum sylpho beijar-lhe na testa...

E' ó mêdo da noiva que sente
Mão de sombra tirar lhe a capella;
E seu anjo, escondendo a cabeça,
Canta um hymno, e despede-se d'ella.

São auroras que ao longe sacodem
Aureas franjas de rutilo véo:
Tudo isto guardado n'um sonho,
Tudo isto passado no céo...

E parece que ao som d' esta polka
Fallam, cantam visões sobre-humanas;
Que levantam-se, cheios de perolas,
Alvos braços de lindas sultanas.

E parece que ao som d'esta polka
Brandem gladios, que tiram scentelhas,
Multidões de guerreiros gigantes,
Balançando plumagem vermelhas...

E contempla-se um rosto encantado,
D' esses rostos que Byron descreve,
Como um dia polar, calmo e bello,
Bello filho do sol e da neve.

São arfadas de seios feridos
Por saudosas e gratas lembranças;
São gaivotas, que batem as azas,
São donzellas, que soltam as tranças.

São mysterios que ahi se descobrem,
Loucas fadas, que rompem as vestes,
Cherubins, que apedrejam com astros
Esse bando de garças celeste.

São edenicos pomos mordidos,
Doces saibos por elles deixados;
Ternos olhos, que trocam-se affectos,
Rubros labios a furto osculados...

Esta polka é o amor que enlouquece,
O tormento, o ciume que falla:
E' o sangue, jorrando em golphadas
D'alvo peito que Othello apunhala.

São pedaços de carta amorosa
Lacerada por mão feminina,
Que, animados de amor, se tornaram
Borboletas azúes da campina..

São cochichos das brisas odóras,
São recados de occultos amores,
Que as estrellas recebem das ondas,
Que os archanjos recebem das flores.

Não ha mais... não sei mais o que diga:
São palavras de mimo e carinhos,
Que profere, embalando nos braços,
Jovem mãi ao primeiro filhinho...

XI

O Genio da Humanidade

Sou eu quem assiste ás luctas,
Que dentro d'alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração:
Quiz vêr dos céos o segredo;
Rebelde, sobre um rochedo
Cravado, fui Prometheu;
Tive sêde do infinito,
Genio, feliz ou maldito,
A humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos ares,
E o céo se azulando vai;
Estendo a mão sobre os mares,
E os mares dizem: passai!..
Satisfazendo ao anhêlo
Do bom, do grande e do bello,
Todas as fórmas tomei:
Com Homero fui poeta,
Com Izaías propheta,
Com Alexandre fui rei.

Ouvi-me: venho de longe,
Sou guerreiro e sou pastor;
As minhas barbas de monge
Têm seis mil annos de dôr:
Entrei por todas as portas
Das grandes cidades mortas,
Aos bafos do meu corcel,
E ainda sinto os resabios
Dos beijos que dei nos labios
Da prostituta Babel.

E vi Pentapolis nùa,
Que não corava de mim,
Dizendo ao sol: eu sou tua,
Beija-me... queima-me assim!
E dentro havia risadas
De cinco irmães abraçadas
Em voluptuoso furor...
Ancias de febre e loucura,
Chiando em polpas de alvura,
Labios em brazas de amor!...

Travei-me em luctas immensas,
Por vezes, cançado e nú,
Gritei ao céo: em que pensas?
Ao mar: de que choras tu?
Caminho... e tudo o que faço

Deriamo sobre o regaço
Da historia, que é minha irmã:
Chamem-me Byron ou Gœthe,
Na fronte do meu ginete
Brilha estrella da manhã.

E no meu canto solenne
Vibra a ira do Senhor:
Na vida, nesse perenne
Crepusculo interior,
O impio diz: anoitece!
O justo diz: amanhece!
Vão ambos na sua fé..
E ás tempestades que abalam
As crenças d'alma, que estalam,
Só eu resisto de pé!..

De Deus ao immenso ouvido
A humanidade é um tropel,
E a natureza um ruido
Das abelhas com seu mel,
Das flôres com seu orvalho,
Dos moços com seu trabalho
De santa e nobre ambição,
De pensamento que voam,
De gritos d'alma, que echoam
No fundo do coração!...

(1866).

XII

Ignorabimus

Quanta illuzão!... o céo mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De duvidas crueis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam tambem Deus verdadeiro
Veio o mundo remir do captiveiro,
E eu vejo o mundo ainda tão captivo!

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio,
Da tyrania, e da miseria o travo,

Se é sempre e mesmo engodo e falso enleio,
Se o homem chora e continúa escravo,
Do que foi Jesus salvar-nos veio?..

(1880).

XIII

Nada...

Um riso, um gesto, umas palavras doces,
Eis a riqueza do teu grande amor!..
Se Deus quizesse reduzil-o a orvalho,
Não ensopava a pet'la de uma flor...

Entretanto, minha alma, que te adora,
Esta alma, que a teus pés cahiu ferida,
N'esse pingo de amor, quase invisivel,
Acha gozos do céo, que dão-lhe a vida!...

(1884).

XIV

Presentimento

Meu Deus!...não mais este laurel de espinho,
Não mais a dor, que o coração devasta;
Minha alma é farta de martyrios... basta!
Deixai esta ave procurar seu ninho,

No meu sepulchro não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

Tudo conspira para o meu tormento;
Soffrendo, aos poucos minha fé se apaga:
Morte !... é a phrase que soluça a vaga,
Triste noticia que me traz o vento...
Nem sobre a campa colherei saudosas
Gottas de pranto que derrame alguem;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

Estranha nuvem denegriu-me a sorte,
Do mar da vida revoltou-me as aguas;
As ondas batem sobre as minhas magoas,
E as brisas fallam sobre a minha morte.
No chão dos tumulos expressões penosas
Por mim dizel-as não virá ninguem;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

Meu Deus !... não posso caminhar sosinho
Por entre as sombras que esta vida encerra,
Minha alma anciosa quer voar da terra,
Deixai esta ave procurar seu ninho.
No pó que habito não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará tambem.

(1867).

XV

Consente...

Oh! deixa aquecer-te ao calor do meu peito,
Derrama os cabellos por cima de mim,
De flôres e sonhos forremos o leito
N'um beijo esvaidos, morramos assim !

E Deus, que nos visse na campa dormindo,
Vedara que as auras nos fossem bulir;
E aos anjos inquietos dissera sorrindo:
São noivos ainda, deixai-os dormir !

(1865).

XVI

Leocadia

Livro de luz em que o Senhor medita
E ás mãos dos anjos não é dado abrir,
Onde as estrellas aprenderam juntas
Com as rosas puras a chorar e a rir,
Alma que dá-se em alimento ás flores,
De cuja essencia a creação trescala,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
A voz da santa que do céo vos falla...

Vós sois na terra a encarnação brilhante
Do sacro amor que a vossos paes adita,
Rutila estrophe de um poema d'ouro,
Livro de luz em que o Senhor medita...
Lagrima d'alva que no seio cálido
Da nuvem rubra vos deixou cahir,
Pagina alvissima em que Deus escreve
E ás mãos dos anjos não é dado abrir...

Virgem serena, a cujos olhos timidos
A lua gosta de fazer perguntas,
Biblia celeste de mysterios castos,
Onde as estrellas aprenderam juntas.
Com as brisas tenues, a dizer as queixas
De alguma dôr que só Deus pode ouvir,
Com as ondas cérulas, com as auroras pallidas,
Com as rosas puras a chorar e a rir...

Fronte em que passam d'outro mundo as scismas,
Rosto banhado em matinaes albores,
Peito onde arquejam do infinito as vagas,
Alma que dá-se em alimento ás flores,
Mimo do sol, que vos attrahe os raios,
E as vossas graças pelo céo propala,
Vós sois a alvura dos eternos lyrios,
De cuja essencia a creação trescala...

E quão piedosas não serão as preces
Dos vossos labios divinaes, risonhos!
Tranças esparsas, joelhada, extatica,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
Por entre os cantos das espheras lucidas,
E os ais sentidos que o universo exhala,
E os sons mellifluos do psalterio angelico,
A voz da santa que do céo vos falla!

(1867)

XVII

Ideia

Amo-te muito. Não temas
Que possa dizel-o. Esperas...
Comtigo a sós eu quizera
Beijar as mãos do senhor;

No ninho das rolas castas,
No calix das flores puras
Guardar as nossas ternuras,
O nosso morrer de amor.

Quizera aquecer-te n'alma,
Candida meiga avezinha,
Unida a meu peito, minha...
Como dizer ?... minha irman :
Comtigo brincar á tarde
Na mesma sombra florida,
Respirar a mesma vida
Nos perfumes da manhan.

E a noite, quando medito,
Quando as lagrimas enchugo
No fogo de um verso de Hugo,
Mais duravel que um trophéo,
Pudera ver-te a meu lado
Chegar anciosa e louca,
E dar-me na tua bocca
Alguma cousa do céo.

Pudera ver-te mimosa,
Com a trança desfeita, esparsa
Movendo as roupas de garça,
Nos meus segredos bulir,
Juntando ao calor, á vida
Do livro amado que leio
O palpitar de teu seio,
E a graça de teu sorrir.

Só tu puderas, passando,
Qual um aroma aos ruidos
De harmoniosos vestidos,
Meu coração acordar,

Derramando enternecida
De amor, de candidos zelos,
O cheiro dos teus cabellos
No fundo do meu pensar

(1865)

XVIII

Pelo dia em que nasceste

Ouve-me, tu : na tristeza
Como uma sombra estendida,
No mais escuro da vida,
Cá onde nada sorri,
Minha alma bebe os orvalhos
Do teu suor odoroso,
Como se eu, rico e ditoso,
Velasse perto de ti !

Volvendo as folhas dos dias,
Paraste rindo encantada
Sobre a estampa mais dourada
Desse livro que não lês :
Com o seu cocár luminoso
O sol espana o teu rosto ;
Não fica n'alma um desgosto,
Nem uma sombra na tez.

Hoje que cabes n'um berço,
Que abriste d'alma o thesouro,
O dia é teu livro d'ouro,
E eu pego n'elle subtil
Para escrever uns segredos,
Para depor uns carinhos
E uns beijos... nos sapatinhos
Da tua idade infantil,

Por ti conservo sorrisos
Pela dôr não apagados,
Como titulos gravados
Em face de mausoléo.
Contemplo o resto de infancia
Que a tua testa alumia,
Qual o fim de um bello dia,
Crepusculando no céo.

Bem sei que sonhas venturas
E a aragem que te balouça,
Franzina, languida moça,
Não te consente pender.
Socega, flôr boliçosa,
Deixa em teu seio innocente,
Vertida em lagrima quente,
Minh'alma se recolher.

Bella !... nem sentes o ruir da vida
Celeste arroio que te cobre a planta,
Bafejada dos céos, estremecida,
Etherea, limpida, impalpavel, santa !

Fulges, como de orvalho perfumoso
Perola sôlta ao matinal gotejo:
Noiva do raio pallido, mimoso,
Que no calix da flôr serve-a de um beijo !

Transparece o candor d'alma sem magoas;
A' noite, ao dia estranha, sobranceira,
Teu trajo sôa, como o som das aguas,
Teu corpo e treme] tua sombra cheira..

E tu'alma, tambem porque não voa ?
Podemos subir, vagar atôa
Pelo infinito sós,
Eu faria de amor hymnos e preces,
Um ninho para ti.. Se tu quizesses,
Um ninho para nós

Que receias ? teu labio não murchece,
De moça eterna o raio te circunda :
Da fronte o lyrio não descai. Parece
Que uma alma exterior teu corpo inunda.

Como em e floreo botão fechas as graças
A de um peito aos anhelos doloridos,
E's ancias loucas, não te volves, passas...
Cuidas que é soar teus vestidos.

Edenica romã, que um anjo parte,
É-te a bocca entreabrindo-se risonha:
Sou pequeno, bem sei para tocar-te,
De que tamanho queres qu'eu me ponha ?

N'um fio òdora tua imagem sigo,
Teu doce nome um hymno entôo :
Eleva-me, que amar-te é voar comtigo,
Ser aguia e d'acompanhar-te o vôo.

Eil-a de brilhos no seu trono alçada !
Eu te saudo, hurity do outeiro,
Que balanças a coma alumiada
Do sol nascente ao radiar primeiro.

Ouves ? eu amo-te. Inda não sentiste
A mão que acarecia a sombra tua ?
Meu amor è o scismar da fera triste,
Fitando estupida o clarão da lua...

(1865).

XIX

Pela morta de um amigo

Olhai... um cadaver de braços cruzados !
Nos punhos cerrados, nos olhos cerrados,
Nos labios cerrados que a morte deixou,

Com as forças eternas, guardando o segredo
De luz ou de sombra ! Meu Deus, tenho medo !
Morrer tão depressa, quem foi que mandou ?

Tão joven ! De joven no seu devaneio
Dissera á esperança : que trazes no seio ?
Dissera ao futuro : que fechas na mão ?
Do seio da louca voou-lhe a mentira,
E a mão do phantasma, que larga se abrira,
Foi lá um repouso dos mortos no chão...

Tão vivo ! Batia-lhe o peito ancioso,
Sentia nas fibras o harpejo mimoso,
E os cantos, ao longe, das glorias irmans...
Mas é que Deus julga-se um pouco tentado,
Que assopra e apaga o olhar destinado,
Que o leito devassa das suas manhans...

E morra quem sonha, quem ama, quem sente
Fallarem-lhe as noutes, quem ouve a torrente
Das éras, que descem dos cimos azues...
E morra quem tenta, padece e aspira,
Quem súa, bebendo seus prantos ! Mentira !
Minha alma, não temas, é Deus, não recues.

Ah, Senhor ! e mais um dia
Que mal vos fazem as rosas ?
Nossas coroas mimosas
Porque mandais desmanchar ?
Não tendes lá tanta estrella,
Cujos cheiros são fulgores,
Precisaes das nossas flores,
Das perolas do nosso mar ?

Era um menino... Contente
De seu intimo thesouro,
Dizia : conquisto um louro
Para leval-o a meu pai.

O coração adiantado
Bateu-lhe a ultima hora.
Cahio. E sobre elle agora
Só uma lagrima cahe...

Lagrima séria, pesada,
Grossa lagrima de chumbo,
Que lá se afunda, retumbo
Dos abysmos sepulchraes ;
Mais rica; mais preciosa
Que as joias de vossa aurora ;
Pois é um pai quem a chora,
Senhor, que nunca chorais !...

Pensar na morte, que os laureis desfolha,
Pensar na morte, que não tem porvir,
E' na propria caveira, que se antolha,
Tropeçar e cahir !

Emquanto Deus embolsa no occidente
Seus thesouros de luz, a morte vem,
E á noite sopra um cantico plangente
Pela tibia de alguem...

Já vem o verme, talvez, beijar-lhe as faces,
E elle não póde perguntar : quem és ?
Lá, no largo dos tumulos voraces,
Quem não lambe-lhe os pés ?

Porém sua alma em divinal concerto,
Junto ás espheras, respirou emfim,
Pois bem ; a gotta que por elle verto,
Seja prece por mim...

(1863.)

XX

A' Vista do Recife

E a cidade valente
Brio da alta nação,
Soberba, illustre, candente
Como uma immensa explosão :
De pedra, fetro e bravura,
De aurora, de formosura,
De gloria, fogo e loucura...
Quem é que lhe põe a mão ?

Magoas tem que estão guardadas,
Quando as vingar é sem dó !
Raça das Romas tombadas,
Das Babylonias em pó,
Quer ter louros que reparta ;
Vencer, morrer não a farta...
Grande, d'altura de Sparta,
Affronta o mundo ella só !

Com os seios entumescidos
Do germen de muito heroe,
Tem nos olhos aguerridos
Fulminea luz que destroe.
Detesta a classe tyranna,
Comsigo mesma inhumana,
Vê seu sangue que espadana,
Ri de raiva, e diz : «não dóe !...»

No seu pisar progressivo
Ostenta um certo desdem ;
Suspendendo o collo altivo,
Não rende preito a ninguem.
Lê no céo seu fado escripto,
Quando o Brazil solta um grito,
Franze a testa de granito,
E diz ao estrangeiro : «vem !...»

Sim, eu vejo, ainda a espada,
Na tua dextra reluz,
Cabocla civilisada
De pernas e braços nùs,
Cidade das galhardias,
Que no teu punho confias,
Coeva de Henrique Dias,
Guerreira da Santa Cruz !

Estremecida, ridente,
Como que esperas alguem.
Ouves um som de torrente ?
E' a grandeza que vem..
Teu halito alimpa os ares,
Por cima do azul dos mares
Prolongam-se os teus olhares,
Que vão namorar além...

Não te pegam em descuido ;
Teu movimento é fatal.
E a liberdade, esse fluido,
Que fórma o gladio, o punal,
Nos seus contornos ondula,
Nas tuas veias circula,
E vai chocar-te a medula,
Dos ossos de pedra e cal.

E' um lidar incessante,
Cai-te da fronte o suor ;
Ferve tua alma brilhante,
E tudo é bello em redor.
O assombro lambe-te a planta,
Na estrada que se levanta,
Pousado um archanjo canta :
Vai ser do mundo a maior !

Teus aberta a tua historia,
Laboras como um crysol ;
Como um estygma de gloria,
Nos hombros queima-te o sol.
A guerra, a guerra é teu cio,
Fera !... O estrangeiro frio
Se aquece ao beijo macio
Dos teus labios de arrebol.

Assopras nas grandes tubas,
Que despertam as nações :
Eriçam-se as ferreas jubas,
Uivam as revoluções...
Teus edificios dourados
Vão-se erguendo, penetrados
Da voz dos Nunes Machados,
Do grito dos Camarões !...

Com a morte bebas a vida ;
Não te abalas, não te dóes !
D'oiro e luz sempre nutrida,
Novas idéas remóes,
E' que á voz das liberdades,
Calcadas as potestades,
Germinam, brotam cidades
Do sepulchro dos heroes !

Possa a coragem de novo,
Teu bafo ardente inspirar,
E a gloria sahir do povo,
Como tu surges do mar..
O coração te o advinha,
De fome o ferro definha,
Ruge o gladio na bainha,
Como na gruta o jaguar...

Sejam meus votos acceitos,
Dá-me ver tuas acções,
Dá-me sugar esses peitos,
Que amamentaram leões...
Sahistes nua das matas,
Não temes, não te recatas:
Contra a frota dos piratas
Açula os teus aquilões...

(1862).

XXI

Os Voluntários Pernambucanos

Já fomos a gente cusada
Que um mundo virgem produz;
Já vio a Europa assustada
Gladios e caboclos nús
Pularem grandes, valentes,
Vermelhos, resplandecentes,
Do abysmo dos occidentes,
Lavados em sangue e luz!..

Hoje a idéa em nossa terra
Fulmina a espada voraz:
Que somos? Lavas de guerra,
Petrificadas em paz;
E pois não venham ignavos
Na lingua dos ferros bravos
Deixar os amargos travos
Desse horror que o sangue faz.

O Brazil, de coma intensa,
Dorme e deixa-se afagar:
Macio, qual pello d'onça,
Não no queiram insultar:

Os que repousam nas campas,
Sentem que o vento dos pampas
Lhes açoita as aureas lampas,
E os faz com raiva acordar!

Para estes vultos brilhantes
Morrer... é não combater:
E' apear-se uns instantes,
Do valle ao fundo descer.
Fitar a noite estrellada,
E, á espera d'outra alvorada,
Dormir nos copos da espada,
Deixando o sangue escorrer!

Que athletas! que espectros grandes!
Lá por onde o sol tombou,
No topo altivo dos Andes
Um cavalleiro estacou...
Susurram vôos angelicos,
Lambem-se os gladios famelicos,
Dir-se-hiam relinchos bellicos
Que o bronze corsel soltou!...

Muita coragem, que dorme,
Desperta da guerra ao som:
Fumega o banquete enorme
De ferro e fogo [Está bom [...
Tudo ri, palpita, avança..
Que o rei tambem tome a lança,
Se tem brios um Bragança,
Se tem valor um Bourbon [

O povo sacode o somno
Da cabeça que descai:
Senhor! d'altura do throno
Vêde a mão de vosso pai,

Limpando todas as frontes,
Passando em montes e montes,
Por cima dos horizontes
A' cata do Paraguay !...

E temos peitos vetustos,
Que batem sempre leves ;
Amagos d'homens robustos,
Que ainda guardam mortaes,
Antigas, ferventes ascas...
Do tronco saltam as lascas :
Mazeppas, Arabes, Guascas,
Vêde lá : quem corre mais ?...

No coração desta gente
O bravo suffoca o ai.
Que ferros ! o cedro ingente
De um golpe derreia e cai ;
Ceda a republica insana,
Se emfim não se desengana,
Espada pernambucana,
Desembainha-te e vai !

Vai tu, que não geras fracos,
Cidade, que abres-te aos sóes...
Cornelia mãi de cem Grachos,
Viuva de oitenta heroes !
Quem ha que o collote dobre ?
Terrivel, sincera, nobre,
Limpaste as faces de cobre
Das batalhas nos crysóes !

Não falla, não ri, não medra
Comtigo estranha altivez :
Tu tens nas unhas de pedra
Cabello e trapo hollandez..

Teu bafo que accende a gloria,
Suspende a poeira da historia
Em turbilhões de victoria;
Venceste por uma vez!

Levantas o braço forte
E o raio matas na mão!
Como um aceno de morte,
Os Guararapes la estão!...
Volupias de fogo exhalas,
As petreas juntas estralas,
E pões-te a salvo das balas
Por detrás de Camarão.

Guerreiro a morrer affeito
Defende o Brazil, que é seu;
A hora sôa no peito,
A cicatriz é tropheu.
Da patria as manhãs coradas,
As tardes acabocladas,
Flores, mulheres amadas,
São estrophes de Tyrteu ..

(1865).

XXII

Malévola...

Poder ir e não crêr no que soffro,
Nem ouvidos prestar aos meus ais,
E o festão de esperanças fagueiras
Desfolhar-me na face, inda mais...

Podes vir laurear-me d'espinhos,
Sem que o pobre uma queixa profira,
Ver-me triste e dizer: que loucura!
Ver-me louco e dizer: é mentira!

Podes, bella, a meus olhos cançados,
Que sem ver-te na sombra fallacem,
Ordenar que não ousem fitar-te,
Que os meus olhos chorando obedecem.

Mas querer que minha alma te esqueça,
Mas dar ordens ao meu coração,
Mas impor-lhe que deixe de amar-te,
Prohibir-me que soffra ?... isto não !

Meu amor, este amor que me mata,
De minh'alma no seio profundo,
Traduzindo o silencio dos astros,
Encerrando a grandeza do mundo.

E' a onda que vem do infinito,
Que não geme sequer, nem murmura,
Dos meus olhos trazendo a tristeza,
Dos teus labios a doce frescura.

E' o susto da flor que descora
Por um beijo do sol que lhe offende ;
O segredo de brando favonio,
Que suspira e ninguem comprehende.

E' a gloria do mar que se ufana
Do apanhar a botina e a meia
Da donzella, que foi por brinquedo
Descalçar um pézinho na areia.

E' o orgulho da vaga empolada,
Que se julga mais rica e ditosa
De embalar uma lagrima d'anjo
No batel de uma folha de rosa.

Meu amor é a rola selvagem
De um cabello prendida no laço ;
E' o lyrio que diz : não me mates !
Ao tufão que diz : eu te abraço !

Mas tu foges de mim !... ouve, espera:
Se procuras saber quem eu sou,
Diga o anjo que sempre commigo
Minhas magoas sentio e chorou.

Diga a lua a quem conto os meus sonhos,
A quem dou para ver e guardar
Meu thesouro de lagrimas puras
Que as angustias me querem roubar.

XXIII

Mr. Reichert

E quando ameigas as fibras
De tudo que pasma aqui:
A' cada nota que vibras,
Não vês por detráes de ti
Loira, celeste menina,
Colhendo a fiôr matutina
Dos sons que sabes tirar,
E um anjo de roupas cerulas,
Rindo, apanhando-te as perolas
De que faz o seu colar?»

Assim eu disse ante um homem
Que faz do piano trophéo,
Um dos vultos que se somem
Entre os mysterios do cèo ..
Assim te vejo. São fragoas,
Dos sons, de anhelos, de magoas,
Crepitando aos sopros teus:
Faiscas de pensamento,
Levadas por esse vento,
Que parte das mãos de Deus.

Tu sopras, é um thesoiro
De mimo e graça e fulgor :
Sussurro de abelhas d'oiro,
Compondo favos de amor...
Na tua frauta divina,
Qual na aragem vespertina,
Vem saudade e languidez,
Que mal sentida vageia,
Como o azul de uma veia
Por baixo de nivea tez.

Tu sopras, é um assomo
De matutino clarão :
E essas vozes, não sei como,
São beijos no coração,
Que vem banhar-se de gozo,
Ouvindo-te a frauta, ancioso,
Qual um amante infeliz
Sorprende a bella n'um sonho
Fallando... e treme risonho,
Escutando o que ella diz...

São beijos harmoniosos,
Resomnar de cherubins,
Adormecidos, mimosos,
Das auroras nos colchins,
São segredos palpitados,
Ledos instantes passados
Que ao coração restitues ;
Caricias, beijos que soam,
Ruidos d'almas que voam
Nos infinitos azues !

São suspiros de donzellas,
Repercutidos nos cèos ;
Lagrimas de noivas bellas,

Quando as noivas tinham véos ;
Abrir de virgineas boccas,
Moças desgrenhadas, loucas,
Revelando os seios núa.
E as notas, que ahi clarêam,
Por cima de ti se arqueam
N'um firmamento de luz...

E, quando a frauta inspirada
Fallar aos teus labios vem,
Na tua fronte pousada
Não sentes a mão de alguem ?
E' a desgraça, é a gloria,
Essa princeza illusoria,
Que no seu throno fatal,
Dando ao beijo o pé descalço,
Mostra a perna... e o cadafalso,
Antigo pagem real !

Mas que importa ? O espaço é grande :
Talentos, astros, brilhae ;
Que á luz, que de vós se expande,
O tempo se abrindo vae !
Pelos degráos das edades
Vão rolando as potestades,
Que lá não podem chegar...
Como nas torres, nos montes
A luz d'alva, em vossas frontes
Vê-se a idéa radiar...

Não ha mais para onde cresças ;
Teu nome vale brazões.
E' bello quando as cabeças
Conquistam os corações.
Assim te vejo. São fragoas
De sons, de anhelos, de magoas,

Crepitando aos sopros teus ;
Faiscas de pensamento,
Levadas por esse vento,
Que parte das mãos de Deus.

(1886)

XXIV

D. Hermina de Araujo

(Por occasião de seu passamento)

Teve a morte de uma santa
Tendo a vida de uma flor !
Eis aqui o que eu quizera
Que me explicasseis, Senhor:

Para provar que não somos
Todos mais que sombra e pó,
Será mister morrer moça,
Deixando um filhinho só ?

Vós sabeis que ha só no mundo
Um ente que nos quer bem,
E' nossa mãi, ella morre,
E o orphão grita... por quem ?...

Ora, senhor ! perdoai-me,
Não comprehendo isto assim:
Viver e morrer tão cedo,
Sem um mister, sem um fim;
Passar como uma aura leve,
Ou como um sonho de amor,
Ter a morte de uma santa,
Tendo a vida de uma flor !...

(1882)

XXV

Diante de um batalhão que voltava da campanha

Lavra de gloria, aos terremotos d'alma,
Queimam os peitos de paixões estranhas:
E' o povo que pesa os seos guerreiros,
Como os deuses pesavam as montanhas..

Homens do cèo, phantasticos enormes,
Que sondastes golphão do heroismo,
Inda tendes nos pès ensanguentados
Agarradas as perolas do abysmo!

Tendes na fronte um resto de fumaça
Que trazeis das batalhas, e os resabios
Do cartucho mordido se misturam
Com o soberbo desdem dos vossos labios.

O pendão que os relampagos rasgaram,
Das mãos da guerra bravamente escapo,
De que pòde servir? O rei tem frio...
Dae ao rei por esmola... este farrapo!

(1870)

INDICE

PAGINAS

CONSTANTINO JOSÈ GOMES :

O Libertino arrependido 5
Folha de Album. 7
Desengano. 8

PEDRO DE CALAZANS :

A' um menino. 13
Lagrimas e amores. 14
Escuta . 15
Para o album de uma senhora. 16
A filha da harmonia. 18
As flores de laran,a 19
O Brazil . 21

FRANCISCO LEITE BITTENCOURT SAMPAIO :

No mar 27
A Cigana 30
Bem-te-vi. 33
A rosa dos Bosques 33
Amores 34
A Somnambula. 35
O canto da serrana 38
A flor e a briza 41
A Lua 42
A' mocidade academica. 43
O Lenhador 45
O Tropeiro 46
A mucama 49
O canto do pescad r. 5?

JOSE MARIA GOMES DE SOUZA :	PAGINAS
Aracaju' (quando tinha 3 annos)	56
« « « 5 «	58
Chromo	60
Maria	63
A Musica.	64
Vaporosa	66
A uma moça rica	67
Elegia	68
Não sabes.	69
Aurelia	71
Henrique Dias	73
Colombo'	76
A palavra	79
ELZEARIO DA LAPA PINTO :	
O Festim de Balthazar	84
A Estrella do Norte	90
Ao raiar da aurora	93
A' Lua	94
EUSTAQUIO PINTO DA COSTA :	
O Leito de flores	98
Meu ideal	100
Esperança perdida	102
Teu sorriso	103
JOAQUIM ESTEVES DA SILVEIRA :	
A noviça	108
JOAQUIM DE CALASANS :	
No leito	118
SEVERIANO CARDOSO :	
Saudades	123
A filha do voluntario.	125
No banho.	128
A' Sinhasinha.	130
Maldição	132

À Missa do Gallo 133
Boules de Neige 134
Sonhando 135
Doixa 135
Bella. 136

GEMINIANO PAES DE AZEVEDO:

E' assim 139
Teus olhos 141
A estrella da tarde 142

EUTICHIO SOLEDADE:

No anniversario de Leopoldo Amaral. 149

LEOPOLDO AMARAL:

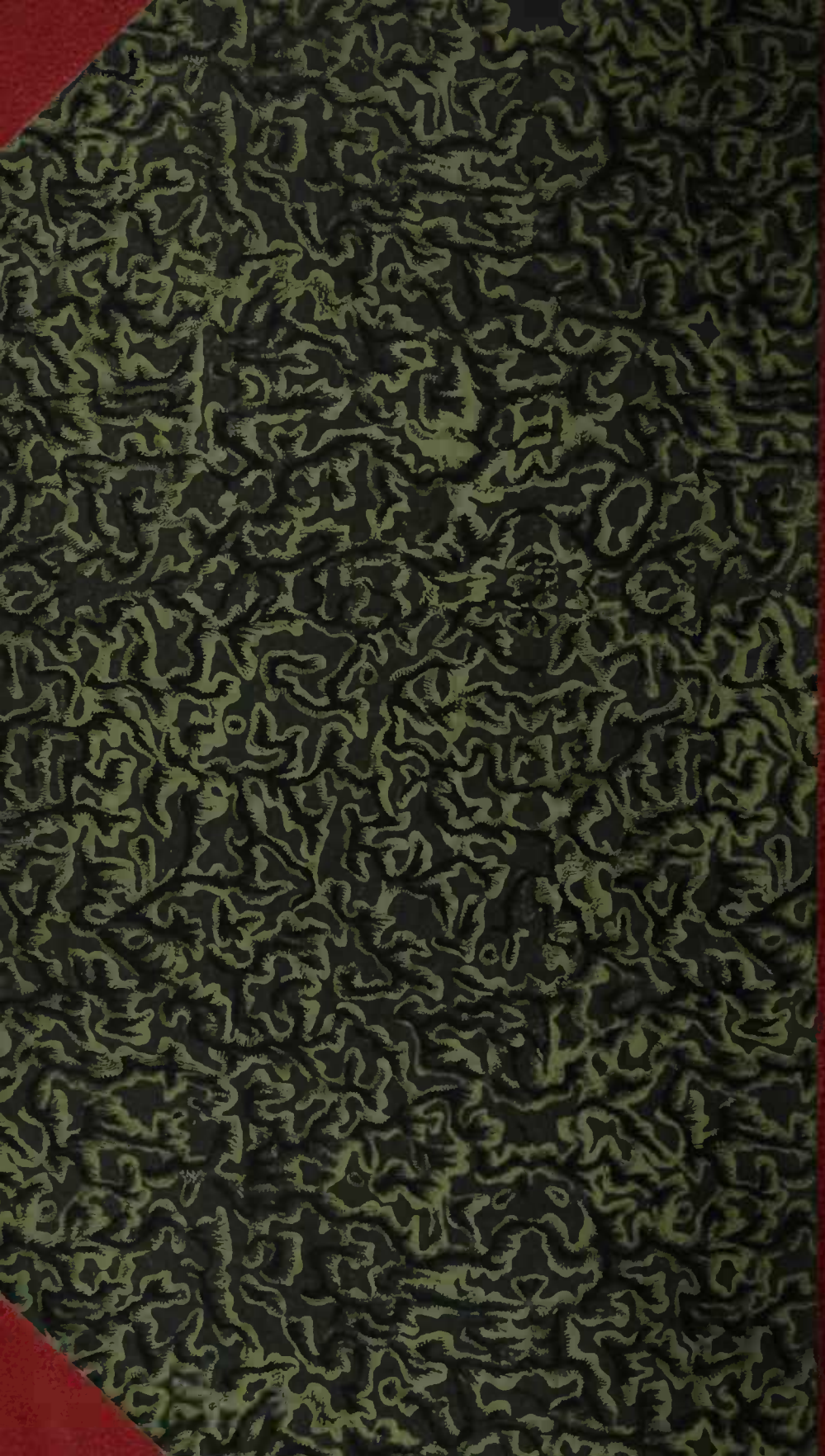
Minha sombra 153
Lembro-me ainda. 155
No Paraguay 157

SYMPHRONIO CARDOZO:

O Sertanejo 165
O Monge de S. Bernardo 171
O Tropeiro 173
A Topada. 178

TOBIAS BARRETTO DE MENEZES:

O Beija-Flor 183
Os Tabaréos 185
Os Trovadores das selvas 188
Anno bom. 191
Scena Sergipana 192
O Beijo 195
Amar 196
Lenda rustica 197
Amalia 202
Polka Imperial. 205
O Genio da Humanidade 207
Ignorabimus 209
Nada 210

	PAGINAS
Presentimento	210
Somente	212
Leocadia.	212
Ideia	213
Pelo dia em que nasceste.	215
Pela morte de um amigo	217
A' vista do Recife	220
Os Voluntarios Pernambucanos	223
Malevola	226
Mr. Reichert	228
D. Hermina de Araujo	231
Diante de um batalhão que voltava da campanha	232

Seixas